

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de História



**Valorização Patrimonial da Cerca do
Convento de Nossa Senhora dos Remédios em
Évora**



Celeste Maria Almeida do Carmo Tomé Guerreiro

Orientadoras: Professora Doutora Ana Cardoso de Matos
Professora Doutora Antónia Fialho Conde

MESTRADO EM GESTÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E
CULTURAL

Évora, 2010

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Departamento de História



**Valorização Patrimonial da Cerca do
Convento de Nossa Senhora dos Remédios em
Évora**

Celeste Maria Almeida do Carmo Tomé Guerreiro

Orientadoras: Professora Doutora Ana Cardoso de Matos
Professora Doutora Antónia Fialho Conde

MESTRADO EM GESTÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E
CULTURAL

Évora, 2010

Aos meus filhos, Marta e Pedro,
Pela compreensão perante as ausências, constantes mas
necessárias (mesmo estando juntos).

Ao meu marido,
Pelo apoio nos momentos mais delicados de ultrapassar,

À minha mãe e minha sogra,
Pelo precioso auxílio, nas horas difíceis.

Todos se mostraram um precioso suporte nos momentos de
desânimo e fraqueza, quando a vontade de desistir era muito forte ...
Estiveram sempre presentes, oferecendo-me o amparo fundamental
para seguir em frente.

“(…) É importante sublinhar o princípio fundamental da UNESCO segundo o qual o património cultural de cada um é o património cultural de todos. A responsabilidade pelo património cultural e pela sua gestão pertence, em primeiro lugar, à comunidade que o gerou ou àquela que o preserva. (...)”

Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural, de Novembro de 1994, Ponto 8.

Agradecimentos

A todos os que, de alguma forma, ajudaram na elaboração deste trabalho, com o seu contributo prático ou simplesmente no apoio moral de que, por vezes precisei, um muito obrigado, pois sem a sua ajuda muito teria ficado por fazer.

Às minhas orientadoras, Professoras Ana Cardoso Matos e Antónia Fialho Conde, do Departamento de História da Universidade de Évora pela disponibilidade, atenção e auxílio que sempre me dispensaram ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À Câmara Municipal de Évora, pela possibilidade de investigação e desenvolvimento das pesquisas nos Arquivos e recolha de informações.

Aos funcionários do Arquivo Distrital de Évora, pelo apoio na investigação para recolha de informações.

Aos colegas, funcionários da Câmara Municipal de Évora, nas pessoas do Dr. Nuno Domingos, D. Maria do Rosário Martins, Dra. Ludovina Grilo, Arq^a Filomena Monteiro, Sr. Hermenegildo Martins e a todos os funcionários dos serviços do Cemitério, pela disponibilidade constante perante as perguntas com que foram sistematicamente confrontados.

Aos familiares e amigos Pedro, Marta e Duarte Guerreiro, Maria Manuel, Francisca Mendes, Lucília Teixeira, Susana Coelho, João Santos, Victor Coelho, Eduardo Miranda, Gustavo Val-Flores, Carlos Almeida, pela sua amizade, traduzida no apoio, afectuoso e prático, como sempre me apoiaram.

E a todos os outros que não referi mas que foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

O meu reconhecido agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a “Valorização Patrimonial da Cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora”. Compõe-se de quatro capítulos, nos quais se procura demonstrar a importância deste tipo de património.

Para compreender o espaço cemiterial, iniciou-se o trabalho com o estudo do conjunto conventual de que faz parte, desde a fundação do Convento até à sua extinção.

Procedeu-se depois ao estudo do Cemitério, da inauguração até aos nossos dias, o objectivo seguido para a sua implantação e o seu traçado. Analisou-se o estado de conservação actual, com vista a chamar a atenção para o interesse e necessidade na sua manutenção e preservação. A importância patrimonial que encerra nos seus jazigos, a sua riqueza arquitectónica, conjugada com outros factores considerados importantes (as elites, a estatuária, as oficinas construtoras dos jazigos) foram aspectos que se procurou destacar como pontos de interesse relevantes, bem como a importância da sua preservação e valorização. Procedeu-se ainda a uma breve abordagem às temáticas relativas à estatuária, inscrições e epitáfios, estilos arquitectónicos de jazigos, elites e grupos sociais.

A dissertação termina com a apresentação de uma proposta de valorização do Cemitério, tendo como objectivos a divulgação, protecção e salvaguarda dos seus bens patrimoniais.

Palavras-chave: Cerca conventual; Espaço cemiterial; Jazigos; Inventariação; Valorização patrimonial.

ABSTRACT

ABOUT THE HERITAGE VALORISATION OF THE CONVENT WALLS OF NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS IN ÉVORA

This is a thematic essay on “The Heritage Valorisation of the Convent Walls of Nossa Senhora Dos Remédios in Évora”. It consists of four chapters, in which, one seeks to demonstrate the importance of this type of heritage.

In order to understand the cemiterial space, the work started with the study of the conventual set of which is a part of, since the foundation of the convent until its dissolution.

We then proceeded to study the cemetery, from its opening until today, the purpose for the emplacement and its delineation. We examined the present state of conservation in order to draw attention to the interest and need in its maintenance and preservation. The heritage inside each charnel house, its architectural wealth, together with other important aspects (elites, statuary, the charnel houses builders) characteristics that were highlighted as relevant points of interest, as well as the importance that attaches to their preservation and enhancement. Because it is considered equally important, a slight approach was done to the thematic concerning statuary, inscriptions and epitaphs, charnels architectural styles, elites and social groups.

We proceeded as well to a brief look at issues relating to the statuary, inscriptions and epitaphs, architectural styles of charnel houses, elites and social groups.

The essay ends with the submission of a proposal for the valorisation of the cemetery, aiming to divulge its heritage assets thereby seeking to insure their protection, preservation and maintenance.

Keywords: Convent walls; Cemiterial space; Charnel house; Inventariation; Valuation of assets.

ABREVIATURAS

A.D.E. – Arquivo Distrital de Évora

B.P.E. – Biblioteca Pública de Évora

C.M.E. – Câmara Municipal de Évora

Cf. – Conferir

ÍNDICE

<u>Introdução</u>	14
. Metodologia	15
. A Temática Cemiterial: Estado da Arte	16
<u>Capítulo I</u>	
- A evolução do conceito de Património e as normativas de valorização patrimonial dos cemitérios	20
<u>Capítulo II</u>	
- O espaço conventual de Nossa Senhora dos Remédios	26
2.1. – A zona de implantação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios e sua envolvente	27
2.2. – Os Carmelitas Descalços e a construção do primeiro Convento de Nossa Senhora dos Remédios	
2.2.1. – A Ordem dos Carmelitas Descalços	33
2.2.2. – A Fundação e Implantação do “Conventinho” na Rua do Raimundo	36
2.3. – A transferência do Convento para a Porta de Alconchel	40
2.4. – O conjunto conventual dos Remédios	43
2.5. – Exclaustração da comunidade e as ocupações sucessivas do Convento	49
2.6. – Intervenções efectuadas no edifício conventual	51
2.7. - As transformações da Cerca no séc. XX	56
<u>Capítulo III</u>	
- O Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios	
3.1. – Os Cemitérios	60
3.2. – A instalação do Cemitério na Cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios	67
3.3. – Organização Funcional do Cemitério	71
3.4. – Jazigos e Quarteirões	72
3.4.1. – Quarteirão do 1º Cruzeiro	74
3.4.2. – Quarteirão de N ^a Sr ^a do Leite	75
3.4.3. – Quarteirão de N ^a Sr ^a das Mercês	76

3.4.4. – Quarteirão de N ^a Sr ^a dos Remédios	77
3.4.5. – Quarteirão do 2 ^o Cruzeiro	78
3.4.6. – Quarteirão de S. José	79
3.4.7. – Quarteirão de S. João Baptista	80
3.4.8. – Quarteirão do Relógio de Sol	81
3.4.9. – Quarteirão de S. Bruno	82
3.4.10. – Quarteirão de S. Francisco Xavier	83
3.4.11. – Quarteirão dos “Enterros Civis”	84
3.4.12. – Quarteirão de S. Manços	84
3.4.13. – Quarteirão de S. Sebastião	85
3.4.14. – Quarteirão de Sto. António	86
3.4.15. – Quarteirão de N ^a Sr ^a da Saúde	86
3.4.16. – Quarteirão de Sant’Ana	87
3.4.17. – Quarteirão de Sta. Madalena	87
3.4.18. – Quarteirão de N ^a Sr ^a da Conceição	88
3.4.19. – Quarteirão de N ^a Sr ^a dos Mártires	89
3.4.20. – Quarteirão de Sta. Margarida	89
3.4.21. – Quarteirão de S. Caetano	90
3.4.22. – Quarteirão do Norte	90
3.4.23. – Quarteirão do Centro	91
3.4.24. – Quarteirão do Sul	91
3.4.25. – Quarteirão dos Historiadores	92
3.5. – Os construtores do Cemitério: Materiais e Oficinas	92
3.6. – Outras Observações	97
3.7. – Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios: estado de conservação	99

Capítulo IV

- Proposta de Valorização Patrimonial do Cemitério de Nossa

Senhora dos Remédios

4.1. – Experiências de valorização patrimonial dos cemitérios	102
4.2. – Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios: estratégias para a sua valorização	103
4.3. – Proposta de Valorização	104

Conclusão

110

Bibliografia

112

Anexos

- Anexo I

Fotografias da Igreja, Convento e Cerca

- Anexo II

Documentação Diversa

a) Carta de Venda Pura e Simples

b) Carta de Lei de 7 de Agosto de 1839

c) Escritura de António Elizeu Rato

d) Plano e Orçamento do Pórtico

- Anexo III

Plantas do espaço conventual (após a última intervenção)

- Anexo IV

Fichas de Inventário

Índice de Figuras

Figura 1 – Folha de rosto do Foral Manuelino de Évora (1501)	27
Figura 2 – Distribuição dos Conventos da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal	35
Figura 3 – Convento de N ^a Sr ^a dos Remédios. Planta das obras realizadas em 1719	52
Figura 4 – Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios – 1937	56
Figura 5 - Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios – Ampliação de 1939	56
Figura 6 - Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios – Ampliação de 1945	57
Figura 7 - Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios – Actual espaço cemiterial	59
Figura 8 - Cemitério de N ^a Sr ^a dos Remédios – Planta com identificação dos Quarteirões	70
Figura 9 – Planta de Jazigo Municipal	73

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Rocha Ornamental

Gráfico 2 - Materiais utilizados nos acabamentos dos jazigos

Gráfico 3 – Tipo de Jazigo

Gráfico 4 – Número de Jazigos por Quarteirão

Gráfico 5 – Construção dos jazigos por Décadas

Gráfico 6 – Estado de Conservação dos jazigos analisados

Introdução

Pretende-se com o presente trabalho proceder à elaboração de um estudo da Cerca do Convento de N^a. Sr^a. dos Remédios (actual cemitério)¹ em Évora, numa perspectiva de preservação do património edificado ali existente, nomeadamente dos seus jazigos e sepulturas. Culminará com a apresentação de uma Proposta de Valorização do espaço, tendo por objectivos principais responder a dois aspectos, fundamentais, com vista à sua protecção e valorização:

1. Divulgar os bens patrimoniais que possui;
2. Garantir a sua protecção, graças ao reconhecimento da importância e riqueza patrimonial ali presente, por parte dos residentes de Évora e também dos visitantes.

Esta Proposta só pode ser apresentada devido aos novos conceitos introduzidos pelos Tratados internacionais que, em meados do séc. XX, alargaram o conceito de Património Cultural e introduziram novas formas de preservação, salvaguarda e valorização. É com base nessa nova perspectiva sobre o património que a realidade dos cemitérios pode hoje ser considerada e tratada como uma questão patrimonial.

Por um lado, tentamos perceber a razão pela qual o cemitério surgiu junto ao Convento de N^a Sr^a dos Remédios. A compreensão da realidade actual do cemitério tem de passar, forçosamente, por uma breve incursão pela história do Convento (do qual a cerca faz parte integrante), desde a sua edificação até aos nossos dias, bem como pelos motivos que levaram à sua instalação naquele local, o que implica, naturalmente, uma referência à ordem religiosa ali instalada – os Carmelitas Descalços.

Por outro lado, para perceber a riqueza arquitectónica e ornamental do cemitério, procuramos estudar o comportamento da sociedade oitocentista relativamente ao novo “fenómeno” com que se deparou: os enterramentos feitos em cemitérios e não nas igrejas e seus adros (locais utilizados durante séculos para esse efeito).

¹ Existem actualmente em Évora dois cemitérios: de Nossa Senhora dos Remédios e do Espinheiro.

A profusão de jazigos e sepulturas, adornados por ricas peças de estatuária, ferro e outros elementos decorativos, denotam a forma como esta sociedade encarava a morte, e como fazia questão de deixar a sua presença eternizada, após o seu desaparecimento físico. Embora de grande interesse, sob o ponto de vista histórico-sociológico, este tema não é aqui desenvolvido. Neste trabalho serão apenas referidas as novas ideias higienistas e de saúde pública que na época emergiam como forma de controlo de epidemias e outros problemas, devido às más condições de sepultamento até então verificadas, que obrigavam aos enterramentos fora dos locais de culto e, se possível, das cidades.

Temos como objectivo estudar os elementos patrimoniais existentes no Cemitério, essencialmente no que aos jazigos e sepulturas, e ao seu estado de conservação diz respeito. Com a análise destes elementos, pudemos constatar que grande parte deles, sobretudo as sepulturas, necessitavam de trabalhos de conservação e, nalguns casos, restauro, dadas as más condições em que se encontram, por falta de manutenção. Este problema deve-se nomeadamente ao facto de as famílias não visitarem o local, não procedendo por isso à sua conservação, por se terem extinguido ou por se terem deslocado para outro local.

Dada a importância que assumem para a cidade de Évora e seus residentes, procurámos estudar as sepulturas colectivas aqui existentes, como é o caso das referentes aos Bombeiros Voluntários e à Liga dos Combatentes, por exemplo.

Pelo que atrás ficou dito, concluímos que o Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios, em Évora tem características evidentes para sobre ele se proceder a um estudo cuidado, tendente à apresentação de uma Proposta de Valorização daquele espaço.

Todo o complexo é actualmente objecto de processo de classificação como Imóvel de Interesse Municipal, pelo que constituiria uma preciosa mais-valia a apresentação de uma Proposta de Valorização da sua Cerca. A realização de visitas guiadas, subordinadas a diferentes temáticas, a elaboração de roteiros e a criação de um núcleo museológico que iremos propor, têm como objectivo a conservação, preservação e divulgação deste património.

Metodologia

O estudo que realizámos baseou-se, sempre que possível, nas fontes originais. Para tal foram consultados os fundos depositados no Arquivo Distrital de Évora, bem como os documentos da Biblioteca Pública de Évora e o Fundo Documental do Arquivo da Câmara Municipal e, obviamente, o arquivo da Secretaria do Cemitério.

Foram também realizadas pesquisas na Biblioteca Nacional de Portugal e no Museu de Évora. Ao longo do trabalho comparámos as informações que fomos encontrando nos vários arquivos e bibliotecas.

Para um inventário sistemático dos jazigos e sepulturas do cemitério, que permitisse posteriores conclusões, foram elaboradas fichas individuais, transpostas depois para uma base de dados, de cada jazigo e mausoléu. Cada ficha contém informação relativa ao proprietário, oficina que executou a obra, estatuária, materiais utilizados e data de construção, bem como a sua actual situação em termos de conservação e propriedade².

Com o intuito de se encontrar a melhor forma de preservação e valorização do Cemitério de Évora, foram estudados cemitérios de outras cidades, para observar como estão a ser desenvolvidos esforços para a sua salvaguarda e preservação. Com a introdução de programas apropriados, como sejam, por exemplo, a realização de visitas guiadas, seguindo diversas temáticas (tipo de arquitectura, tipo de estatuária, utilização de materiais, figuras ilustres da cidade, etc.), roteiros, criação de núcleos museológicos e outras iniciativas, com o objectivo de os dar a conhecer publicamente procura-se reforçar a sua importância, possibilitando de alguma forma a sua manutenção.

A Temática Cemiterial: Estado da Arte

É assinalável o número de estudos subordinados a esta temática, com diferentes abordagens, consoante as áreas que se pretendem ver desenvolvidas. Desde o interesse histórico e artístico, com vista à exploração turística, até aos estudos de natureza sócio-cultural que se prendem com a caracterização das elites presentes nos cemitérios, nomeadamente a nível das separações territoriais na sua implantação, do espaço do cemitério e das relações sociais que daí sobressaem, passando pelo estudo das obras de arte lá colocadas e estilos, entre outros, muitos são os pontos de interesse e estudo.

² Para melhor compreensão, analisámos o estudo dos jazigos apresentado por Luís Carolino no seu trabalho. Para o realizar, procedeu à divisão destes em dois grandes grupos, A (arquitectónicos) e B (escultóricos), subdividindo-se ainda os primeiros em tipos e subtipos, de 1 a 5, conforme as características estruturais que apresentam. Luís Miguel Nunes Carolino, "A Cidade dos Mortos – um espelho da sociedade dos vivos. Estratégias de afirmação social no cemitério de N^o Sr^a dos Remédios de Évora. 1840-1910", in **Actas do 2^o Encontro de História Regional e Local do distrito de Portalegre**, Lisboa, Associação dos Professores de História, 1996.

A nível internacional a bibliografia sobre este tema é muita e variada, no entanto, considerámos apenas os estudos brasileiros como alvo da nossa particular observação.

Também em Portugal nos deparámos com uma grande diversidade de estudos. Alguns procurando analisar, para além dos temas já citados, as razões que levaram à criação dos actuais cemitérios, outros essencialmente dedicados à implantação dos cemitérios, à relação cemitério/espço religioso, ou espaço religioso/medidas higienistas emergentes. São no entanto os estudos elaborados no âmbito da História de Arte, os mais numerosos.

Existindo trabalhos relativos a outros cemitérios, são sobretudo os de Lisboa e Porto os mais analisados, essencialmente em teses de mestrado ou doutoramento, e como tal difíceis de consultar, o que condicionou o nosso trabalho.

A produção literária desenvolvida nesta área não fica esgotada nos autores que a seguir destacaremos, pois são apenas alguns dos que desenvolveram trabalhos, a nível nacional, e que consideramos de realçar.

José Francisco Ferreira Queiroz na sua tese de doutoramento³ pretende essencialmente estudar e caracterizar a arte cemiterial do séc. XIX, presente nos cemitérios do Porto, relacionando-a com a existente na região. Para além deste trabalho destacamos outro (a sua tese de mestrado), referente aos diversos tipos de materiais e técnicas utilizados “*O ferro na arte funerária do Porto oitocentista; o Cemitério da Irmandade de N^a Sra. da Lapa, 1833-1900*”.

Rita Mega, na sua tese de mestrado “*Imagens da morte: A Escultura Funerária do século XIX nos cemitérios de Lisboa e Porto*”, elege a escultura dos cemitérios de Lisboa e Porto como objecto do seu estudo. Também Júlia Piedade de Sousa Rosa Vareda, faz uma análise à escultura, mas como símbolo, nos cemitérios de Lisboa em “*A Escultura como Símbolo nos Jardins do Silêncio 1850-1925: cemitérios do Alto de S. João e Prazeres*”.

Outros autores salientam a criação dos cemitérios, sua localização, ordenamento, arquitectura, numa perspectiva de integração na cidade e na sociedade

³ José Francisco Ferreira Queiroz, **Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal – Consolidação da vivência romântica na perpetuação da Memória**. Porto (s.n.) 2002, Tese de Doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Texto policopiado, 3 V.

de que faziam parte – uma outra cidade dentro da cidade -, como é o caso de Paula André, no seu artigo “*Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres*”⁴.

Os aspectos ligados às questões históricas da sua criação são principalmente abordados por Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, na sua tese de doutoramento intitulada “*A Luta contra os Cemitérios Públicos no séc. XIX*”, e por Fernando Catroga que destaca o factor de laicização da morte em “*O Céu da Memória. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal – 1756-1911*” Coimbra, Minerva, 1999, e em “*A Militância Laica e a Descristianização da Morte em Portugal (1865-1911)*”, Vol. 1, Coimbra, 1988.

Vítor Manuel Lopes Dias em “*Cemitérios, jazigos e sepulturas: monografia: estudos histórico, artístico, sanitário e jurídico*”, Coimbra, 1963, Francisco Moita Flores em “*Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*”⁵, entre outros, estudam os cemitérios no aspecto artístico, jurídico e de saúde pública.

Um aspecto importante igualmente estudado tem a ver com a análise sócio-cultural que se pode efectuar a partir dos cemitérios, nomeadamente o nível social das suas populações e das elites ali presentes, que deixaram bem marcada a sua presença na cidade e, por fim, na “última morada”.

No caso de Évora, analisámos o trabalho de Luis Miguel Nunes Carolino que estudou os diferentes estilos assumidos pela “*elite eborense na hora da sua morte, materializando-os na construção de jazigos*”⁶, reflectindo a forma como a sociedade oitocentista procedia perante a morte e como procurava deixar a marca da sua passagem pela vida para a posteridade.

No Brasil muitos são os estudos existentes sobre esta temática. Relativamente à simbologia e imagens presentes nos cemitérios realçamos o trabalho de Sílvia Danielle Schneider e Roberto Edgar Lamb “*Cemitério Municipal de S. José: Símbolos e Imagens Funerárias*”.

Na mesma área de interesse encontramos ainda “*A Morte Piedosa: A ressacralização da Decoração Funerária no Cemitério de Piracicaba (décadas de*

⁴Paula André, “Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres”, in **Revista de História da Arte**, Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2006, p. 67.

⁵ Colab. Fernando Catroga... [et al.], 1a ed., Lisboa, Câmara Municipal, 1993.

⁶ Luís Miguel Nunes Carolino, **A Cidade dos Mortos um Espelho da Sociedade dos Vivos, Estratégias de afirmação social no cemitério de N^a Sr^a dos Remédios de Évora.1840-1910**, Évora, 1994, Trabalho de Seminário de História Económica e Social Contemporânea, Universidade de Évora, Departamento de História, p. 6.

1930-1940), de Paulo Renato Tot Pinto e Pedro Queiroz Leite⁷ e “O Sagrado e o Profano nos Cemitérios de Bagé/RS”, de Egiselda Brum Charão⁸.

A exploração turística e de lazer destes locais, é outro dos aspectos abordados por alguns autores. Samira Adel Osman e Olívia Cristina Ferreira Ribeiro apresentaram o seu artigo “Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de S. Paulo”⁹, no qual analisam a utilização turística nos cemitérios brasileiros, incluindo-os nos roteiros turísticos, como forma de incentivo e atracção dos visitantes. No mesmo sentido Ana Cabanas e Fábio Ricci publicaram o artigo “Turismo em Necrópole: Novos Caminhos Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista”¹⁰.

Em Portugal também Francisco Queiroz apresentou proposta de roteiro com a mesma finalidade para os cemitérios do Porto, intitulado “Cemitérios do Porto: roteiro = guide to Oporto cemeteries”.

⁷ Paulo Renato Tot Pinto e Pedro Queiroz Leite, “A Morte Piedosa: A ressacralização da Decoração Funerária no Cemitério de Piracicaba (décadas de 1930-1940)”, Comunicação apresentada no **II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, Universidade Estadual de Londrina – UEL, 12/14 de Maio de 2009, disponível em < www.uel.br/eventos/.../anais/.../Pinto_Paulo%20Renato%20Tot.pdf>, *acedido a 28.1.2010*.

⁸ Egiselda Brum Charão, “O Sagrado e o Profano nos Cemitérios de Bagé/RS”, Apresentado em **Estudios Históricos**, nº 2, (Revista Digital), CDHRP, Agosto 2009, disponível em www.estudioshistoricos.org/edicion_2/egiselda_charao.pdf, *acedido a 28.1.2010*.

⁹ Samira Adel Osman e Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, “Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de S. Paulo”, **Turiciência, I Congresso de Ciências Aplicadas al Turismo**, Buenos Aires, Argentina, Setembro 2006, disponível em <www.lazer.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf>, *acedido a 12.1.2010*.

¹⁰ Ana Cabanas e Fábio Ricci, “Turismo em Necrópole: Novos Caminhos Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista”, in **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v.10, nº 03, set/dez.2008, p. 378-398, disponível em <www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/771/626>, *acedido a 15.1.2010*.

Capítulo I

- A evolução do conceito de Património e as normativas de valorização patrimonial dos cemitérios

De acordo com o enunciado no Ponto 8. do Documento de Nara, de 1994, temos que:

“É importante sublinhar o princípio fundamental da UNESCO segundo o qual o património cultural de cada um é o património cultural de todos. A responsabilidade pelo património cultural e pela sua gestão pertence, em primeiro lugar, à comunidade que o gerou ou àquela que o preserva. No entanto, a adesão às Cartas e Convenções internacionais relativas ao património cultural também implica a aceitação dos princípios éticos e das responsabilidades que delas decorrem. Neste quadro de princípios é altamente desejável que cada comunidade reflecta sobre o seu próprio património, sem menosprezar os seus próprios valores culturais fundamentais.”¹¹

A temática cemiterial não foi até ao presente alvo de atenção expressa nas normas internacionais tendentes à salvaguarda e conservação patrimonial. No entanto, trata-se de uma parte importante do património, se considerarmos os cemitérios como “segundas cidades”, onde se encontram patenteadas todas as manifestações presentes nas “cidades dos vivos”, nos seus aspectos sociais, económicos e culturais, indicadoras das formas de viver e estar das populações onde se inserem, aspecto fundamental para o conhecimento e compreensão do património cultural dos povos, pelas gerações actuais e vindouras.

Na Antiguidade surgiram as primeiras normas destinadas à protecção e salvaguarda do Património, considerando-se, como tal, apenas os monumentos. Em Roma, por exemplo, os imperadores Valentiniano, Teodósio e Arcádio fizeram publicar normativos tendentes a disciplinar a actuação das entidades nessa área.

Embora ainda incipientes, as manifestações destas preocupações continuam na Idade Média, assinalando-se no Renascimento um crescente interesse pela temática, com a implementação de legislação tendente à salvaguarda dos

¹¹ Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural. Nara, 1/6 de Novembro de 1994.

monumentos e outros elementos edificados, assim como uma intensificação do cuidado dispensado aos achados arqueológicos¹².

Com a Revolução Francesa as políticas relativas à salvaguarda do património fortalecem-se, sobretudo devido à sistemática destruição de bens patrimoniais de que a França vinha sendo vítima.

É por esta época que surge a designação de “monumentos históricos” relativa aos edifícios considerados com valor cultural.

No decorrer do séc. XIX grande parte dos países europeus legislou e criou organismos especialmente destinados à protecção do património arquitectónico e arqueológico. O mesmo aconteceu em alguns países de outros continentes, num processo de contínuo interesse pela manutenção e conservação deste tipo de bens culturais.

Com a 1ª Guerra Mundial, reforçam-se estes movimentos, na sequência dos quais se diversificam as correntes doutrinárias para as intervenções de restauro necessárias, cada uma defendendo soluções diferentes para a sua execução.

É neste quadro de progressivo interesse na preservação, manutenção e salvaguarda do património edificado, que surgem Tratados, Cartas e Recomendações, resultantes dos diferentes encontros, congressos e conferências realizados para discussão desta importante temática, no intuito de prolongar o mais possível a existência dos bens patrimoniais, como marcos da história e da presença e evolução humanas.

Procurámos, por isso, estudar os documentos existentes, à luz desta temática, destacando os que nos parecem poder protegê-la, em diferentes áreas.

Pela relevância que assumiu, assinalamos a Carta de Atenas, de 1931¹³, o primeiro documento com força normativa internacional e que podemos considerar como fundador dos princípios do Património e da premência da sua preservação, pois era exclusivamente dedicada ao património e particularmente ao restauro de monumentos. Não apresenta, todavia, nenhum motivo relevante para o nosso objecto de estudo.

¹² Flávio Lopes, Miguel Brito Correia. **Património Arquitectónico e Arqueológico - Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**, Lisboa: Livros Horizonte, Lda., Rolo & Filhos, 2004, p. 13.

¹³ **Carta internacional sobre o Restauro de Monumentos**, saída da Conferência Internacional sobre a Protecção e a Conservação de Monumentos de Arte e de Historia, realizada em Atenas, de 21 a 30 de Outubro de 1931.

O segundo, “*considerado o mais importante documento doutrinário e técnico até então elaborado*”¹⁴, foi a Carta de Veneza, de 1964¹⁵, que introduziu uma filosofia diferente na forma de encarar e salvaguardar o património cultural e que, pela sua importância e actualidade, serviu de base a outros documentos produzidos a partir de então¹⁶.

Esta Carta trouxe novos conceitos quando, no Artigo 1, alargou a anterior noção de “monumento histórico” que considerava apenas a criação isolada, à

“criação arquitectónica isolada, bem como o sítio, rural ou urbano, que constitua testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas do passado que adquiriram, com a passagem do tempo, um significado cultural.”

Estendeu igualmente a outras ciências e técnicas o estudo e salvaguarda dos bens patrimoniais. Deste documento, e apesar da sua importância, apenas tentámos retirar o que se aplicava ao motivo do nosso interesse: a manutenção e preservação dos Cemitérios. O seu texto aponta para a observação de cuidados especiais tendentes à salvaguarda da integridade, organização, valorização e confirmação da sanidade, relativamente aos bens patrimoniais, aplicáveis igualmente aos cemitérios, se encarados como sítios monumentais.

É, de facto, a partir da publicação da Carta de Veneza, que se pode reconhecer a existência de uma temática cemiterial, com a possibilidade de alguns cemitérios serem encarados como monumentos ou conjuntos monumentais, dada a importância dos elementos que neles se encontram e porque são testemunhos da evolução da criação artística e histórica e, como tal, testemunham a evolução dos tempos e das mentalidades. Alguns deles contêm riquezas (arquitectónica, estatuária, e outros elementos decorativos) que, por si só, constituem fundamento para a sua classificação como monumento histórico, o que lhes imprime ainda maior valor como conjunto classificado.

¹⁴ Flávio Lopes, Miguel Brito Correia. **Património Arquitectónico e Arqueológico - Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**, Lisboa: Livros Horizonte, Lda., Rolo & Filhos, 2004, p. 19.

¹⁵ **Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios**, saída na sequência do **2º Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos**, realizado em Veneza, de 25 a 31 de Maio de 1964.

¹⁶ Flávio Lopes, Miguel Brito Correia. **Património Arquitectónico e Arqueológico - Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**, Lisboa: Livros Horizonte, Lda., Rolo & Filhos, 2004, p. 19.

A Recomendação sobre a Protecção, no âmbito nacional, do Património Cultural e Natural, de 1972¹⁷, revela grande preocupação com a protecção e salvaguarda do património cultural e natural, considerando-os elementos fundamentais para o “*enriquecimento e desenvolvimento harmonioso para a civilização presente e futura*”, pelo que estabelece uma série de disposições tendentes ao alargamento do âmbito das anteriores Cartas e Recomendações sobre o assunto.

Logo no início define o que se deve entender por “património cultural” e por “património natural”. Ao longo de todo o texto, são traçadas linhas de conduta a seguir para que se cumpram os objectivos da Recomendação, nomeadamente no que diz respeito à manutenção e conservação do património pelas entidades responsáveis, com a criação de serviços públicos especializados, e a criação de protecção (a diversos níveis) dos bens em causa, não descurando a vertente educacional e cultural, entre outros aspectos.

A Carta Europeia do Património Arquitectónico, de 1975¹⁸, que foi vivamente acolhida no Congresso de Amesterdão, ocorrido entre 21 e 25 de Outubro do mesmo ano, conforme texto da Declaração resultante, vem, também ela, reforçar a necessidade de proteger o património, como forma de motivar a tomada de consciência dos povos da Europa “*da sua história e destinos comuns*”. É tendo em conta esses factores que esta Carta preconiza um maior reconhecimento não apenas aos monumentos, mas igualmente aos conjuntos, bem como as suas envolventes, sejam naturais sejam construídas pelo homem. Se procurarmos retirar desta Carta fundamentos de interesse para a nossa temática, encontraremos nos seis primeiros pontos aspectos com ela relacionados que, caso implementados, muito auxiliariam na preservação e manutenção dos cemitérios.

A Carta sobre o Turismo Cultural, de 1976¹⁹, considerou a necessidade da existência de uma forma de turismo virada para um conhecimento mais aprofundado dos monumentos e dos sítios, que transmitisse ao visitante uma maior informação e compreensão sobre o que visitava e sobre a sua importância como “memória histórica”. Para além deste objectivo, esta orientação procurou conseguir a promoção dos monumentos, numa perspectiva de preservação e protecção, provenientes da formação e sensibilização dos turistas, através das visitas proporcionadas. Esta atenção procurou igualmente despertar nas populações locais um natural orgulho no

¹⁷ **Recomendação sobre a Protecção, no âmbito nacional, do Património Cultural e Natural, de 1972.** Paris, 16 de Novembro de 1972.

¹⁸ **Carta Europeia do Património Arquitectónico.** Estrasburgo, 26 de Setembro de 1975.

¹⁹ **Carta sobre o Turismo Cultural.** Bruxelas. **Seminário Internacional sobre Turismo Contemporâneo e Humanismo**, 8/9 de Novembro de 1976.

seu património, que os leve à necessidade de o manter e preservar. No que aos cemitérios diz respeito o interesse cultural incide, a nível arquitectónico e sociológico mas também no referente à história da arte, reflectida nas peças neles instaladas.

O fluxo turístico traz consigo, contudo, um problema a ponderar e que se impõe solucionar. Trata-se da permanência de elevado número de visitantes nos locais, com os riscos daí resultantes, no que respeita à manutenção das estruturas nas melhores condições de conservação, bem como das condições de segurança e higiene. Impõe-se a tomada de medidas no sentido de proporcionar visitas agradáveis e instrutivas, mas preservando os monumentos e sítios, de forma que não sofram com a presença de grande número de visitantes, atendendo ao desgaste que tal facto acarreta.

A Carta de 1976 considera, por isso, que *“é o respeito pelo património mundial, cultural e natural, que deve prevalecer sobre qualquer outro argumento, por mais justificável que ele possa ser do ponto de vista social, político ou económico”*. No intuito de reforçar o ideário expresso nesta Carta, surgiu em 1999 a Carta Internacional sobre o Turismo Cultural²⁰, que visa uma ligação mais estreita entre a actividade turística e a difusão da cultura, tentando conciliá-las com o benefício das populações envolvidas, no sentido de lhes permitir um maior desenvolvimento económico, que se traduzirá inevitavelmente também no social.

Propõe a implementação de seis Princípios, que visam estabelecer normas tendentes a uma melhor gestão do património cultural, com a participação de todos os intervenientes, numa perspectiva de melhorar as condições de preservação e manutenção dos bens, de forma a possibilitar-lhes uma maior longevidade, enquanto simultaneamente procura uma melhoria das condições das populações onde eles estão integrados.

Finalmente com a Carta de Cracóvia, de 2000²¹, que procura reforçar a Carta de Veneza, mais uma vez se tenta intensificar a consciencialização de todos os intervenientes e utilizadores, para a necessidade de conservar os bens patrimoniais, tentando manter a sua autenticidade e integridade, de acordo com o original. Nesse sentido a conservação e restauro são aspectos fundamentais a ter em consideração, pelo que propõe a execução de projectos de restauro, devidamente ponderados e rigorosamente executados. Tais trabalhos deverão ser realizados por profissionais com formação adequada, que utilizarão a ciência e a técnica apropriadas para a sua melhor execução, numa perspectiva de respeito e preservação dos bens a intervir.

²⁰ **Carta Internacional sobre o Turismo Cultural**. Cidade do México, 17 a 23 de Outubro de 1999.

²¹ **Carta de Cracóvia**. Cracóvia, 26 de Outubro de 2000.

Também neste sentido o Conselho da Europa, reunido em Faro, em 27 de Outubro de 2005, elaborou a denominada Convenção de Faro, na qual prevalece a visão do património como motivo de coesão social, que estimula o envolvimento do cidadão na sociedade em que se insere.

Como temos vindo a observar, embora não se encontre expressamente abordada, a temática cemiterial poderá ser abrangida pelos Documentos estudados.

Estes bens patrimoniais deverão ser encarados como elementos representativos de um legado herdado dos antepassados e, como tal, representam a memória colectiva das comunidades em que se inserem, facto que deve ser valorizado e reconhecido. O reconhecimento deste tipo de património pelas comunidades, bem como a sua protecção e salvaguarda trará, como vimos, para além do conhecimento mais aprofundado da sua história comum, o reconhecimento geral das populações, que se traduz em desenvolvimento económico e social, provocado pelo desenvolvimento do turismo que tal facto desencadeará. Esta situação permitirá uma maior possibilidade de investimento na preservação e restauro dos monumentos e sítios, factor muito desejável para a manutenção da sua existência.

Relativamente aos cemitérios, este desenvolvimento traduzir-se-á nas melhores condições de conservação dos elementos construídos, bem como das peças de estatuária e outras ali colocadas ou, eventualmente, no seu restauro.

Também aqui poderemos vislumbrar as teorias relativas ao desenvolvimento sustentável, expressas em visitas guiadas e entradas em núcleos museológicos, bem como o envolvimento das populações locais, pois são elas, em princípio, as detentoras dos bens em causa, e as principais interessadas na sua manutenção e preservação.

Numa tentativa de conciliar da melhor forma o Turismo e a Cultura, de modo a conseguir um desenvolvimento harmonioso e sustentável destas comunidades, o Conselho da Europa procurou, na sua Recomendação – Rec (2003)1, de 15.1.2003, defender um turismo associado à valorização do património cultural, numa perspectiva de desenvolvimento durável.

Capítulo II

- O espaço conventual de Nossa Senhora dos Remédios

Para a elaboração do estudo relativo à Cerca, afigurava-se-nos indispensável uma reflexão sobre a história do conjunto conventual, desde a sua fundação, por D. Teotónio de Bragança, até à actualidade, em que o seu espaço serve para funções diversas daquelas para as quais foi fundado.

O conjunto ostenta um significativo volume arquitectónico, e ao longo dos tempos foi objecto de várias campanhas de obras, algumas delas de grande relevo.

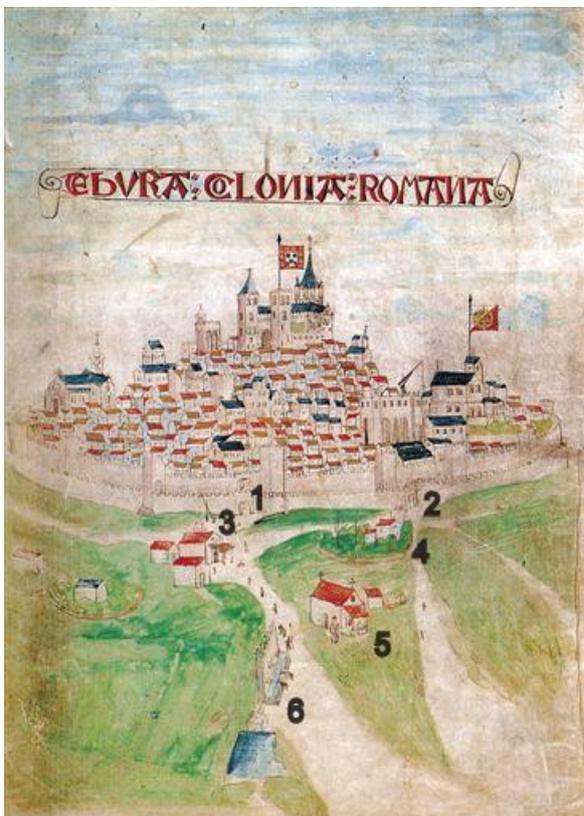
Não se podendo considerar sumptuoso, possui, todavia, peças de elevado valor patrimonial, pois além do Cemitério com os seus ricos e majestosos jazigos, a igreja reúne talha dourada, pintura, sepulturas (Anexo I – Fotos 2, 3 e 4), um órgão (Anexo I – Foto 5) localizado na parede da esquerda, junto ao coro, bem como, na sacristia, um relicário de dimensões únicas (Anexo I – Fotos 6 e 7).

Contém ainda diversos túmulos que se distribuem tanto pela igreja como pelo claustro, alguns de famílias nobres e importantes da cidade, com destaque, na Igreja, para o mausoléu de D. José de Melo e família, localizado no altar-mor (Anexo I – Foto 8) e para a Capela/jazigo de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, localizada junto à Sacristia, (Anexo I – Fotos 9, 26 e 27). No claustro, situam-se os túmulos de família de Luís Perdigão Bocarro e Sebastião Ribeiro de Faria (Anexo I – Fotos 10 e 11), entre outros. Também aqui foi sepultado o Pe. Diogo Dias de Melgás, considerado o maior contrapontista português e destacada figura da Escola Polifónica de Évora.

No convento eram ministradas aulas, conforme atesta a planta elaborada para a execução das profundas obras de modificação de 1719, quando identifica uma “caza da aula”, que informa “já está feita” (Fig. 3).

Após a saída dos frades, o Convento passou para a propriedade da Câmara Municipal de Évora, por carta de Lei publicada no *Diário do Governo* de 7 de Agosto de 1839, que ali instalou o Cemitério Público Municipal, e alguns serviços municipais, como iremos analisar no ponto 2.6.

2.1. A zona de implantação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios e sua envolvente



- 1 - Porta de Alconchel
- 2 - Porta do Raimundo
- 3 - Poço com cegonha
- 4 - Gafaria
- 5 - Igreja de S. Sebastião
- 6 - Chafariz das Bravas

Figura 1 - Folha de rosto do Foral Manuelino de Évora (1501). A. D. E., Fundo C. M. E.

Localizada em local privilegiado, graças à sua proximidade com a estrada para Lisboa, e junto a duas das principais portas da cidade – Alconchel e Raimundo -, a zona em que se localiza o convento, tinha alguns afloramentos rochosos (alguns dos quais se destacavam pelas grandes dimensões que possuíam)²² e era rica em água. A sua riqueza agrícola determinou que aí fossem estabelecidos ferragiais e quintas.

Para além da Porta de Alconchel - localizada na principal via de acesso à capital, e da qual faziam parte a casa da guarda e cadeia -, contava com a presença

²² “Estes penedos estendiam-se desde o actual Largo das Alterações, à Porta de Alconchel, até ao Terreiro dos Galegos (actual Largo dos Penedos), chegando até à cerca do Convento de S. Domingos. ... Extramuros, alguns penedos tinham designações próprias como o “penedo do escorregadio” às olarias. Ainda fora da Cerca “... ha borda da estrada (...) que vay pera montemor...” estava uma Cruz sobre um outro penedo.

... Esta denominação de Penedos abrangia uma área não muito bem definida inicialmente, mas que mais tarde veio a compreender todo o arruamento que corria junto à Cerca Nova, a partir do Terreiro da Porta de Alconchel, passando pelo Terreiro dos Galegos ... até à Travessa de Paulo Ramalho.” Afonso de Carvalho, **Da Toponímia de Évora, Século XV**, Vol. II., p. 237.

de olarias²³ (daí o nome de “Outeiro das Olarias” por que era conhecida uma parte desta zona), telhais e estalagens, os quais contribuíam para o desenvolvimento económico da cidade.

A abundância de água era notória pelo número de poços existentes e referenciados nos textos antigos. Um deles, que se situava junto da Porta de Alconchel, está representado na iluminura do foral manuelino de 1501, na qual é representada também uma *picota* ou *cegonha* (Fig. 1).

Os chafarizes eram elementos igualmente presentes naquela zona. Um deles, o Chafariz das Bravas, ornamentado com merlões góticos e que se situa na estrada para Lisboa, nas imediações da Igreja de São Sebastião, já existia em 1381, data em que, por postura camarária, se proibia o lançamento de lixo no chafariz²⁴, e se estabeleciam multas para quem a infringisse²⁵.

O outro, denominado Chafariz de São Lázaro (por se encontrar nas imediações do Hospital de São Lázaro), situava-se junto da porta do Raimundo, no seu exterior, e era também ornamentado com ameias. A água para o alimentar vinha de um poço de uma horta próxima, pertencente a Luis da Fonseca, e era particularmente destinada a “... *que aja nelle agoa para beberem as cavalgadas e bois...*”²⁶

Zona próxima das portas do Raimundo e de Alconchel, testemunhou o encerramento da primitiva porta do Raimundo, bem como a sua posterior reabertura como actualmente conhecemos, assim como a completa destruição do Chafariz de S. Lázaro, atrás referido, e da gafaria.

Testemunhou igualmente a profunda alteração efectuada na própria porta de Alconchel, então constituída por uma Ermida (de N^a Sr^a da Ajuda), uma Torre de

²³ Como se observa pela descrição das medições efectuadas de diversos terrenos ali existentes, algumas destas já se encontravam em estado de degradação no ano de 1651. Cf. “Foros Próprios do Concelho (Tombo Municipal de 1651) (Continuação)”, in **A Cidade de Évora**, n^{os} 17-18, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1949, pp. 577/579.

²⁴ Afonso de Carvalho. **Da Toponímia de Évora**, Vol. I, p. 317.

²⁵ Atendendo às condições de higiene que apresentava e devido ao uso de que era alvo, este Chafariz atravessou períodos conturbados, e foi, muito mais tarde, objecto de obras de requalificação, das quais resultaram a sua adaptação ao que se poderá considerar como as primeiras “piscinas públicas” de que a cidade usufruiu. Para essa finalidade foram construídas estruturas, destacando-se os balneários e casa para o guarda, entre outros, de forma a adequar o conjunto às suas novas funções. Esta intervenção foi realizada a expensas do Dr. Francisco Barahona, em 1904. Mais tarde, e porque os problemas relacionados com a higiene e qualidade da água voltassem a ser colocados, o espaço foi encerrado, voltando a reabrir posteriormente e mantendo-se em funções até meados do séc. XX. Afonso de Carvalho. **Da Toponímia de Évora**, p. 317 e seguintes).

²⁶ Cf. “Foros Próprios do Concelho (Tombo Municipal de 1651) (Continuação)”, in **A Cidade de Évora**, n^{os} 17-18, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1949, pp. 577/578.

Menagem²⁷ e, no seu interior, uma cadeia com o respectivo corpo da guarda, a que chamavam “Casa da Torre de Homenagem”. Contava ainda com uma Casa da Guarda. Quanto às medições destes espaços e à sua descrição, facto para nós fundamental para o conhecimento do que ali existia, temos algumas informações²⁸:

Ermida e Capelinha de N^a Sr^a da Ajuda

“... por esta ermida e Capelinha de Nossa Senhora da ajuda estar sobre os muros da Cidade, e ter o chão e entrada della na terra da Cidade, ... Está esta ermida na pora[sic] de Alcunchel digo no terreiro sercado hum pedaço delle com parede e pedra e tejolo com huma entrada com duas escadas de huma e outra banda... e daqui se sobe ... á muralha de donde se entra á esta ermida de Nossa Senhora da Ajuda que está sobre a mesma muralha, ...”

Casa da Torre da Homenagem e Cadeia

“... a caza da torre da porta de Alcunchel e as cadeas da mesma torre que chamão da homenagem; esta Caza da parte de dentro da porta de Alcunchel da banda do Sul e he terrea, e está oje nella o corpo da guarda...”

Casa da Guarda da Porta de Alconchel

“... Está esta caza entre as portas de Alcunchel na parede da banda do Norte bem pegada á porta e fora della que está da banda da Cidade e parte de todas as bandas com chão da mesma porta e muralha...”

Esta porta foi demolida em 13 de Dezembro de 1867, para se proceder ao seu alargamento. Embora não sendo o original, a Torre de Menagem possui ainda, do lado exterior da Porta, o brasão régio.

Naturalmente que a construção do convento naquele local veio alterar significativamente toda a zona.

O edifício, enquadrado na envolvente da muralha e da torre de menagem, sobressai, resultando numa paisagem que, vista de longe, confere ao conjunto uma beleza única, destacando-se as suas paredes brancas em contraste com a muralha e com o casario do interior da mesma.

²⁷ Túlio Espanca explica esta denominação considerando o facto de ser por aqui que a Corte, os membros do clero e personalidades ilustres entravam, quando visitavam a cidade. Cf. **Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora**. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1966, Vol. I, p. 12.

²⁸ Cf. “Foros Próprios do Concelho (Tombo Municipal de 1651) (Continuação)”, in **A Cidade de Évora**, nºs 17-18, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1949, pp. 577/578.

Devido à sua situação geográfica, a cidade teve, desde sempre, grande movimento a nível de trocas comerciais e de pessoas, tanto residentes, como visitantes. Tinha necessidade de escoar os seus produtos agro-pecuários excedentes, adquirindo aqueles que não produzia, procurando garantir boas condições de subsistência aos seus numerosos habitantes²⁹. Este facto implicava grande ligação e relacionamento com a zona periurbana, como aconteceu aquando da existência da cerca velha, quando se encontrava rodeada de “arrabaldes”, alguns deles bastante populosos e, posteriormente, com a construção da cerca nova, quando estes e muitos outros terrenos de hortas, ferragiais e currais foram integrados na nova zona intra-muros, constituindo uma área relativamente extensa. Porém, a vida cidadina não se fazia apenas intra-muros. Também fora das portas entretanto edificadas, proliferavam igualmente quintas e hortas, olarias, currais, ferragiais, telhais e outros, propriedade de alguns residentes e onde trabalhava uma parte da população da cidade. A edificação do convento estabeleceu igualmente uma ligação mais estreita entre a população, que aqui tinha de se deslocar para a prática religiosa a esta zona da cidade.

Apesar do movimento e vivência que se adivinha possuir, toda esta zona teve, ao contrário das restantes que circundavam a urbe, uma estreita ligação com a temática da morte³⁰.

De facto, no séc. XV existia ali uma gafaria³¹, conhecida por casa de S. Lázaro, situada à saída da Porta do Raimundo, e que se encontrava murada (ver Fig. 1). No seu interior continha um hospital, a Igreja de S. Lázaro/Santo André³² e um cemitério anexo. A igreja foi destruída aquando do cerco de 1663³³.

Deste conjunto faziam também parte as casas onde residiam os doentes e as das pessoas que os tratavam, bem como um espaço para horta, que trabalhavam para

²⁹ Maria Ângela Beirante, **O Ar da Cidade – Ensaio de História Medieval e Moderna**, Lisboa: Edições Colibri, 2008, p. 196.

³⁰ A cidade tem uma ligação muito própria e invulgar com esta temática. Uma das suas manifestações está demonstrada pela presença de um “placard” na Praça do Giraldo, onde se anunciam diariamente os óbitos ocorridos na cidade. Instalado em finais dos anos 30 do séc. XX, pelo jornal “O Século”, destinava-se este placard a publicitar as notícias daquele prestigiado jornal em simultâneo com outras cidades. Mais tarde acrescentaram-se naquele equipamento outras informações consideradas importantes para os habitantes, uma das quais era o obituário. Com a posterior extinção do Jornal, o placard passou, por oferta, para a posse da Câmara Municipal que manteve até ao momento aquela prática, dado que a passagem por ele constitui já um ritual para a população local. José Frota, “O inédito painel necrológico”, in **Évora Mosaico**, nº 5, Évora, Câmara Municipal de Évora, Abril/Junho 2010, pp. 24-25.

³¹ Estabelecimentos de saúde, também chamados leprosas, para onde eram enviados os doentes de lepra, ou gafos, numa tentativa de, com o seu isolamento, travar a contaminação da restante população. A lepra constituiu uma das doenças infecciosas mais mortais e incapacitantes, atingindo grande número de vítimas.

³² Os dois padroeiros da gafaria (S. Lázaro era considerado o santo protector dos leprosos. Sto. André aparecia também ligado a outras leprosas portuguesas, por exemplo a de Leiria e Guimarães).

³³ Quando da ocupação da cidade pelas tropas do Príncipe D. João de Áustria.

a sua subsistência. Esta era também assegurada pelos bens provenientes tanto de esmolas, doações e testamentos, feitos na intenção da salvação das almas dos doadores e família, como dos próprios doentes, que assim contribuíam para a manutenção da casa.

De entre os diversos bens que possuía, e apenas os destacamos por se encontrarem na zona em análise, contavam-se algumas olarias e ferragiais, situados nas proximidades da cidade. Próximo das instalações da gafaria encontravam-se 43,5% dos ferragiais³⁴ de que era proprietária.

Esta seria já a segunda gafaria, pois, embora não se podendo afirmar seguramente, é provável que, como refere Maria Ângela Beirante, existisse uma gafaria anterior, mais próxima da cerca velha, talvez na zona denominada de “Arrabalde de S. Francisco”, a qual, com a construção da Cerca Nova teria passado para o exterior da nova muralha³⁵.

Vários autores defendem como localização dessa primeira gafaria a zona da Rua do Raimundo, que seria na altura uma zona extramuros da cidade. Diz-nos Manuel Carvalho Moniz que:

“... o Hospital de S. Lázaro, ... segundo a tradição, esteve localizado na aldeia dos Fusos, ao Buraco do Raimundo. Existia este hospital já no reinado de D. Dinis, pois na carta de 30 de Outubro de 1337 o Monarca diz recebo em minha guarda e encomenda; foi anexado ao Hospital do Espírito Santo em 1577 e, mais tarde, extinto.”³⁶

O que podemos afirmar é que D. Dinis recebia os gafos de Évora em sua “guarda e encomenda”, conforme documento transcrito por Gabriel Pereira³⁷.

A “segunda” gafaria situava-se muito perto dos muros da cidade, em terrenos que presentemente e em parte estarão compreendidos no actual Cemitério Municipal de N^a Sr^a dos Remédios.

O facto de nesta zona se “albergarem” os leprosos constituía um factor de distanciamento dos restantes habitantes da cidade, dadas as repercussões negativas e os receios que a doença representava, devido ao perigo de contágio.

³⁴ Maria Ângela Beirante, **O Ar da Cidade – Ensaios de História Medieval e Moderna**, Lisboa: Edições Colibri, 2008, p. 246.

³⁵ Maria Ângela Beirante, **Op. Cit.**, p. 235: “No século XV, a gafaria situava-se à saída da Porta do Raimundo, mas é possível que, antes da construção da cerca nova, no século XIV, estivesse mais próximo da cerca velha, em lugar que não podemos determinar. Nos séculos XV e XVI, a gafaria era conhecida pelo nome de casa de S. Lázaro, o santo protector dos leprosos. É o que constatamos através do livro nº 65 do Arquivo da Misericórdia de Évora, intitulado Pergaminhos da Casa de S. Lázaro.”

³⁶ Manuel Carvalho Moniz. **Dominicais Eborenses – Notícias d’Évora – 1966-1980**, Évora, Câmara Municipal de Évora, Colecção “Novos Estudos Eborenses”, nº 4, 1999, p. 40.

³⁷ Gabriel Pereira, **Documentos Históricos da Cidade de Évora**, 1^a parte, p. 38.

No entanto, à repulsa provocada pela ameaça que a doença representava³⁸, contrapunha-se a vontade dos cristãos, que sentiam a obrigação de proteger e auxiliar os doentes. Neste sentido, as gafarias eram instaladas sempre fora dos muros das cidades, mas “à distância de uma pedrada dos mesmos”³⁹.

Talvez a instalação da(s) gafaria(s) neste local, estivesse também relacionada com o facto de ser uma zona onde não sopravam os ventos dominantes, pois essa era uma das condições para a sua implantação.

Com a erradicação quase completa da doença, a gafaria foi extinta, passando as instalações provavelmente a dedicar-se ao tratamento dos doentes de peste⁴⁰, que nos inícios do séc. XVII afligia fortemente a cidade, recebendo posteriormente os doentes resultantes das Guerras da Restauração⁴¹.

Nesta mesma zona existiam, próximas, duas ermidas, a de Sto. André e S. Lázaro já referida, que se encontrava no interior do recinto da gafaria, e a de S. Sebastião, de estilo gótico, que já existia em 1445⁴². Actualmente só esta subsiste, pois após terem sido ambas arrasadas aquando do cerco de 1663, foi reedificada anos mais tarde, em 1696, por ordem do arcebispo D. Frei Luís da Silva.

Junto a ela foi colocado um cruzeiro, que ainda hoje lá permanece. Não existindo informação conhecida relativamente à presença de algum cruzeiro contemporâneo da primeira ermida, o que pudemos apurar é que o lá existente data de finais do séc. XVII tal como a Igreja.

Nas suas imediações estava erigida a forca. Tratando-se de um dos principais eixos viários de acesso à urbe, a forca situar-se-ia “fora de portas” mas ao mesmo tempo encontrava-se à vista dos que acorriam a Évora numa dupla lógica, em primeiro lugar de ostentação da justiça punitiva e, por outro lado, reclamando a misericórdia dos viajantes para que dessem esmola, contribuindo para o enterramento dos réus condenados à pena última.

³⁸ Era vista como doença própria dos pecadores, já que lhes era atribuída uma conotação de má conduta sexual, sendo considerada uma forma de castigo para os pais, cujos filhos nasciam doentes, e por isso, marcados.

³⁹ Maria Ângela Beirante, **Op. Cit.**, pp. 236 e 237: “Os textos que documentam a localização da gafaria tanto podem acentuar a vontade de afastamento como a de aproximação relativamente à cidade: “fora dos muros da cidade de Évora”, “da parte de fora dos muros”, para o primeiro caso; “acerca dos muros da cidade”, “a par da cidade de Évora” para o segundo. A própria configuração da gafaria revela a mesma ambivalência. É um espaço fechado, um circuito rodeado de uma cerca.”

⁴⁰ Numa tentativa de responder às necessidades de tratar os empestados, a Câmara decidiu construir um hospital para o seu tratamento. As propostas de localização apresentadas apontavam para a sua implantação nesta zona. Não havendo conhecimento do local exacto da sua construção ou se foi, de facto, construído, podem aquelas instalações ter sido utilizadas para o efeito.

⁴¹ Maria Ângela Beirante, **O Ar da Cidade – Ensaios de História Medieval e Moderna**, Op. Cit., p. 251.

⁴² Idem, p. 237.

Como tivemos oportunidade de observar, trata-se de uma zona particularmente sensível à temática da morte, factor que persiste actualmente, pois após a construção do Convento dos Remédios em 1601, e a sua extinção, em 1840 foi estabelecido na sua cerca o Cemitério Público Municipal, que se mantém em funcionamento ainda nos nossos dias.

2.2. Os Carmelitas Descalços e a construção do primeiro Convento de Nossa Senhora dos Remédios

2.2.1. A Ordem dos Carmelitas Descalços

Importa agora reflectir sobre a Ordem Religiosa ali instalada, suas raízes e objectivos.

Instalando-se em Portugal na segunda metade do século XIII, os Carmelitas Calçados fundaram o seu primeiro convento em Moura, local onde permaneceram até se dispersarem pelo país, alguns anos depois⁴³.

Mais tarde, na cidade de Ávila, em Castela, ingressou para o Carmelo aquela que viria a ficar conhecida por Santa Teresa de Jesus, ou de Ávila⁴⁴. Entrou muito cedo na vida religiosa e destacou-se pela reforma que empreendeu na Ordem, que consistiu em alterar profundamente o estilo de vida que naquela época se vivia no convento, e que ela considerava que se havia distanciado do espírito de austeridade que havia presidido à sua fundação. Para esta tarefa contou com o incondicional apoio de um religioso, S. João da Cruz, que ao seu lado lutou para a prossecução desse objectivo⁴⁵.

⁴³ Fortunato de Almeida, **História da Igreja em Portugal**. (nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), vol. I, Porto, Livraria Civilização Editora, 1968, p. 308.

⁴⁴ Teresa de Cepeda e Ahumada, Santa Teresa de Ávila, nasceu a 28 de Março de 1515 em Gotarrendura e faleceu em Alba de Tormes, a 4 de Outubro de 1582 (14 de Outubro pelo calendário Gregoriano, que entrou em vigor no dia seguinte à sua morte, e avançou o calendário por 10 dias). Religiosa e escritora é a Santa Padroeira de Espanha, oriunda de uma família de baixa nobreza e uma dos 12 filhos de Alonso Sánchez de Cepeda e Beatriz Dávila e Ahumada. Da sua obra literária destacam-se: *Livro da Vida, Moradas e Fundações, Caminho de Perfeição*. Passados 50 anos da sua morte, foi construído no local da casa onde nasceu o Convento de Santa Teresa, a ela dedicado, e que se encontra decorado com peças de Gregório Fernandez. A sua festa celebra-se a 15 de Outubro.

⁴⁵ Revestiu-se de grande importância esse apoio, como se constata pela observação do **Sermaõ da Canonização de S. João da Cruz pregado no Convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços da Cidade de Évora, fazendo a festa no primeiro dia do Triduo o Illustrissimo Senhor Cabido, em 13 de Outubro de 1727 / por D. Jozê Barboza Clerigo Regular, Chronista de Serenissima Caza de Bragança, e Examinador das três Ordens Militares...**, por D. José Barbosa, Lisboa, na Patriarcal Officina da Musica, 1728, p. 48: “... mas como elle não bastava só pera tão illustre acção, deu-lhe por companheiro em tudo semelhante a São João da Cruz, porque foi tirado da mesma observância, que Teresa tinha professado: *Exahí o adjutorium simile sibi, porque comunicados os conselhos, foi uma só a vontade a de ambos ... He certo que a não pode haver maior porque assim como*

Como resultado do seu persistente propósito, e apesar de no decorrer do percurso ter enfrentado muita oposição, conseguiu a aprovação do Papa Gregório XIII, que permitiu a separação dos Carmelitas Calçados e Descalços, em 22 de Junho de 1580⁴⁶.

Impondo uma observação da *Regra* muito mais severa do que a observada no Convento de Encarnação de onde saiu, e dando cumprimento às suas visões místicas, Santa Teresa, depois de conseguir contornar muita resistência, fundou o primeiro de 32 conventos, o Convento de S. José⁴⁷, com as novas normas finalmente aceites:

- rigorosa clausura, onde imperava um silêncio quase permanente;
- subsistência na pobreza;
- hábitos grosseiros e sandálias;
- proibição de ingestão de carne;
- não ultrapassar mais de treze religiosas⁴⁸.

Devido às normas que adoptaram, ficaram conhecidas como “Carmelitas Descalças”.

Posteriormente, em reunião realizada em 3 de Março de 1581, que teve lugar em Alcalá de Henares, procedeu-se à aprovação da difusão desta Reforma para outros países, determinando-se que Portugal⁴⁹ seria o primeiro. Santa Teresa de Ávila, que tinha por Portugal uma especial amizade, ficou encantada com esta determinação, pelo que abençoou a viagem do primeiro emissário da Ordem ao estrangeiro, Fr. Ambrósio Mariano de S. Bento.

Há autores que consideram que a escolha foi de Santa Teresa, pois tendo pedido a Deus pelo sucesso da empresa de D. Sebastião e desconsolada com o seu desfecho, obteve de Deus a justificação para tal facto, que consistia no desejo de ter para si os soldados portugueses, devido às suas qualidades. Assim sendo, ela considerava que se Portugal tinha soldados tão bons era por ser eleito e, por isso, o primeiro lugar para a instalação da Ordem reformada deveria ser aqui⁵⁰.

Adão e Eva forão os naturais princípios de todos os homens, do mesmo modo João e Teresa forão os princípios espirituais dos gloriosos filhos que tem produzido esta Reforma...

⁴⁶ Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, Oficinas de S. José, Lisboa, 1962, p. 199.

⁴⁷ Alguns dos conventos que fundou: Duruelo /1568; Pastrana/1569; Burgos/1582.

⁴⁸ Mais tarde, com a fundação de novos conventos, permitiu o alargamento para 20.

⁴⁹ Nessa época subordinado a Filipe II, I de Portugal.

⁵⁰ Leopoldo de Figueiredo, **O Convento de N^a Sr^a dos Remédios – Convento dos Marianos – Sua história e seus Mausoléus**, Lisboa: Editorial Império, 1943, Sep. "Olisipo", 24, pp. 5-6.

Fr. Ambrósio Mariano de S. Bento chegou a Lisboa em 1 de Outubro de 1581, com um grupo de sete religiosos, e a incumbência de fundar o primeiro convento da ordem dos Carmelitas Descalços no país⁵¹, tendo sido recebidos pelo rei – D. Filipe I, de Portugal - que, com muita simpatia e interesse se propunha assumir o padroado do novo convento. Não sendo o benefício de avultadas riquezas objectivo da sua Ordem, o Padre apenas aceitou a atribuição de um subsídio anual, como auxílio para as necessidades mais prementes com que se deparassem.

Acabaram por se instalar numa residência alugada, localizada extramuros de Lisboa, na Pampulha, onde seguiam escrupulosamente as regras da sua Ordem. Logo no dia seguinte à sua instalação, a 15 de Outubro de 1581, foi celebrada a primeira missa. Como titular do convento foi escolhido São Filipe, em homenagem ao Rei⁵².

Em 1588 todos os conventos da Ordem se constituíram em cinco províncias, formando Portugal e a Baixa Andaluzia uma delas, denominada Província de São Filipe⁵³.

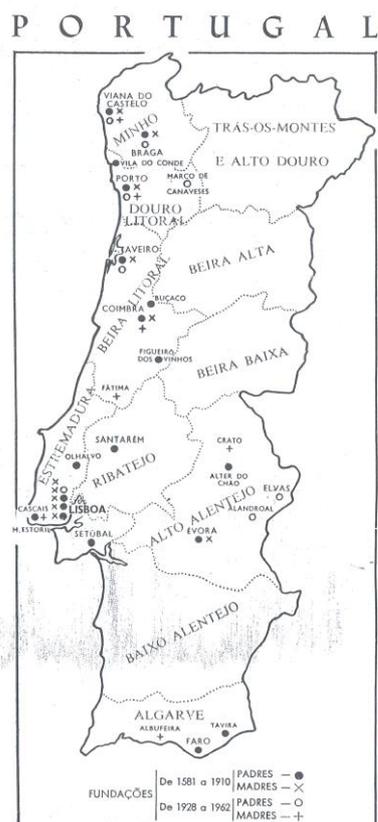


Figura 2 - Fonte: “A Reforma Teresiana em Portugal”, op. Cit.

⁵¹ Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, Op. Cit., p. 9.

⁵² Idem, p. 10.

⁵³ Idem, p. 199.

Em Évora estes religiosos fixaram-se em 1594 após um demorado processo de fundação do convento.

Na Figura 2 podemos observar a localização dos conventos em território português, no período de 1581 a 1962:

Como podemos observar no mapa, registaram-se 2 períodos de fundação de conventos da ordem carmelita descalça no território nacional. O primeiro decorreu de 1581 a 1910, e o segundo de 1928 até 1962. No primeiro foram instalados 30 conventos, dos quais 19 eram de frades e 11 de freiras.

Aquando da extinção das ordens religiosas, em 1834, os carmelitas descalços detinham 28 conventos, 17 de frades e 11 de freiras. Em Lisboa havia 7 e Évora tinha 2, um de freiras e outro de frades, o Convento feminino de S. José da Esperança (Convento Novo) e o de N^a Sr^a dos Remédios (para religiosos).

Em 1928 os carmelitas voltaram à Arquidiocese de Évora, a instâncias do arcebispo D. Manuel da Conceição Santos, que conseguiu a aceitação do seu pedido pelo Padre Geral. Inicialmente instalados no Alandroal, distribuíram-se depois por Aveiro, Elvas, Porto e Viana do Castelo entre outros, sendo 8 de frades e 7 de freiras.

Ressalta também nesta análise, a maior incidência da implantação dos conventos no litoral, incluindo o Algarve, e no norte do país. No interior, a única região onde se instalaram foi o Alto Alentejo.

No que respeita a Évora, destacamos a relação próxima da comunidade de N^a Sr^a dos Remédios com a cidade e os seus habitantes. Por exemplo, e apesar das suas regras rígidas, esteve sempre na linha da frente em conjunto com a população, e com ela lutou contra os invasores que por várias vezes tentaram conquistar a cidade como referiremos adiante.

2.2.2. A Fundação e Implantação do “Conventinho” na Rua do Raimundo

A fundação do Convento deve-se a D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, mais tarde considerado um grande apoiante da Ordem Carmelita Descalça em Portugal.

D. Teotónio de Bragança era um grande admirador das ideias de Santa Teresa de Ávila⁵⁴ e da importante reforma que ela se havia proposto realizar. Após a aceitação superior da reforma proposta pela religiosa, em 1562, ambos ambicionavam a instalação daquela Ordem na cidade, com a fundação de conventos, masculino e feminino, o mais rapidamente possível. Para tal deu Santa Teresa a necessária autorização por carta datada de 16 de Janeiro de 1579.

No entanto, após a visita de uma delegação de religiosos à cidade, o processo sofreu um “abrandamento”, motivado pelos avultados meios que o Arcebispo pretendia conceder-lhes para a sua fundação, os quais colidiam, por excessivos, com as normas da Ordem, tornando, assim, impossível a sua aceitação.

Permaneceu, todavia, a intenção e, mesmo após a morte de Sta.Teresa, em 1582, tomando o Arcebispo conhecimento da autorização da Ordem para fundar duas casas em Portugal, voltou a formular o seu pedido, agora a Frei Agostinho dos Reis, no sentido de que uma delas fosse instituída em Évora⁵⁵.

Esta solicitação impôs nova deslocação, efectuada por Fr. Jeronymo de S.to Hilarião e Fr. António de S. Francisco, tendo-lhes D. Teotónio de Bragança cedido “(...) *com tal fim, uma ermida e albergue, que não podiam ser mais humildes. Esta ermida, que ficava na rua do Raimundo, chamou-se depois capela de Nossa Senhora das Brotas.*”⁵⁶

As instalações eram compostas pela Ermida de N^a Sr^a dos Remédios, e de umas casas e hospital vizinhos, que haviam sido legados aos Arcebispos pelos seus anteriores ocupantes. Descreve o Pe. António Franco⁵⁷:

*“... Junto à porta do Raimundo havia uma ermida de Nossa Senhora dos Remédios, onde agora é a das Brotas. Pelos anos de 1560 era seu Sacristão um Donato por nome Frei Aleixo, homem de muita virtude. A êste sucedeu outro por nome Frei Domingos. Êste fundou ali casa e fêz hospital, em que curava os enfermos. Morreu êste virtuoso Donato no ano de 1578. Deixou estas casas aos Arcebispos, com pensão de sete Missas cada ano.”*⁵⁸

⁵⁴ Conheceram-se quando ele estudava em França e viajava por Espanha, pois fez os seus estudos superiores nas Universidades de Paris e Bordéus. Fixou-se depois, em 1574, em Salamanca, onde permaneceu até 1578, quando foi nomeado Bispo titular de Fez.

⁵⁵ Pe. Manuel Fialho, **Évora Ilustrada**, p.359.

⁵⁶ Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, Op. Cit, p. 19.

⁵⁷ Pe. Manuel Fialho, **Op. Cit.**, p. 360.

⁵⁸ É já conhecida a existência deste hospital, embora com outra padroeira, conforme podemos verificar na Revista **A Cidade de Évora**, nºs 65-66, no artigo “Os Pergaminhos dos Bacharéis da Sé de Évora”. Aqui Júlio César Baptista defende, confrontando aqueles pergaminhos com o que afirma o Pe. António Franco que aquela ermida e hospital já existiam na segunda metade do séc. XIV, tendo mudado apenas o santo padroeiro da mesma. Vejamos pois o que ali é relatado: D. Pedro, fundador do claustro da Sé, comprou um terreno numa zona denominada de Chão Domingueiros, o qual posteriormente ofereceu aos bacharéis, com algumas condições. “... Quando estes receberam a doação de D. Pedro, o chão estava

A oferta foi então aceite, o que muito agradou ao Arcebispo, conforme se pode constatar pela leitura da necessária licença, que emitiu em 1 de Dezembro de 1594:

(...)
“Por nos constar do muito fruto, que podião fazer os Carmelitas Descalços neste nosso Arcebispado, nas pregações, e cõfissões, e outros ministérios que os ditos Padres usão, para proveito e salvação das almas, como se tem visto nos lugares donde estão, e residem, e outrosi por avermos particularmente tratado cousas de nosa alma com a Madre Thereza de Jesus, que foi hua Religiosa de grande perfeição, Santidade, e doutrina, e que procurou de reduzir a sua Ordem de Nossa do Carmo, ao rigor de Seus princípios, e a grande pobreza, e penitência que usão: e polla devoçam que lhes temos, e também por animar as mais Religiões a se sustentarem na reformaçam em que vivem, e procurarem ainda mais de se conformarem com o modo, e perfeçam com que viviam no tempo de seus fundadores, lhe concedemos licença para fundarem, ec.(...)”⁵⁹.

A Ordem dos Carmelitas Descalços estabeleceu-se na cidade em 9 de Novembro de 1594, sendo a comunidade formada pelos religiosos já referidos e por Fr. Eliseo de S.to Ângelo, Fr. António do SS. Sacramento, Fr. Diogo da Santíssima Trindade, Fr. Gaspar dos Reys e ainda dois noviços e um leigo. Recebiam as esmolas do Arcebispo e, devido à sua conduta, às suas acções e à caridade que praticavam, foram objecto de grande simpatia e apreço pela população, que igualmente os ajudava, como nos revela o Pe. Francisco da Fonseca na sua “*Évora Gloriosa*”:

“Como a Imagem da Senhora era milagrosa, e os costumes dos novos Religiosos todos parecião milagres, se lhe affeyçoou tanto o Povo de Évora, que concorria com grossas esmolas para o Conventinho ...”

Obviamente estas circunstâncias despertaram rivalidades nas outras ordens:

“... de que sentidos outros Mendicantes, os acuzaraõ a Madrid de terem feyto a fundação sem Alvarà, e licenca[sic] real, e com dano, e detrimento dos Conventos mais antigos.”⁶⁰

desabitado. Erguia-se ali a ermida da Senhora da Orada, invocação que supõe terreno ermo de casas...” e prossegue “... Em 1361, Afonso Pires, ... e sua mulher Margarida Anes tomaram de aforamento um campo, em frente da albergaria de Santa Maria da Orada, ...” e continua “... a razão por que a padroeira deixou de se chamar Santa Maria da Orada e passou a chamar-se Senhora dos Remédios, ou seja protectora dos doentes: a capela já não se encontra em sítio deserto e a obra destina-se a tratamento dos que precisam de remédio para recuperar a saúde.”

⁵⁹ **Crónica dos Carmelitas Descalços**, Tomo I, Livro II, p. 340.

⁶⁰ Pe. Francisco da Fonseca, **Op. Cit.**, p.379.

Filipe III emitiu então um decreto de expulsão, dando cinco dias⁶¹ aos religiosos para saírem da cidade. Contra tão drástica decisão levantaram-se as vozes do Arcebispo e do Senado, ao lado do povo, facto que levou à revogação daquela decisão. Relata-nos “*Évora Gloriosa*”:

“... intimou-se o Decreto a o Superior, de que noticioso o povo acudio amotinado aos Senadores gritando, e clamando, que não deyxassem sahir de Evora religiosos taõ Santos. Eraõ Vreadores Henrique Mendes Casco, e Gonçalo Vaz de Camoães, e Juiz de fora Pedro Godinho da Camera, os quaes assim por contemporizar com o povo, como por dar gosto ao Arcebispo, e favorecer os Frades, despediraõ logo expressos a Madrid, e Lisboa dando conta do que passava, e que por não obrigar o povo a fazer alguã violência, tinhaõ suspendido até nova Ordem a execuçaõ do despacho. Approvou a corte a prudente rezoluçaõ do Senado, e constandolhe por novos instrumentos authenticos a devoçaõ, e vontade do povo Eborense, revogou o primeyro decreto, e deo licença aos Frades para erigir a sua fabrica. Era para isso estreyto o sitio, em que viviaõ, e por isso o Prior Fr. Pedro de S. Joseph, se rezolveo a buscar outro mais alegre, e dezabafado, e escolhendo o da porta de Alconchel, começou em 1601 a levantar nelle o seu Convento ...”⁶²

No Tombo do Convento dos Remédios de Évora⁶³, encontramos sobre este assunto:

“O Senhor Arcebispo Dom Theotónio de Bragança/ nos concedeo no anno de 1594 humas cazas, e Hermida de /Nª Sra. dos Remedios junto á Porta do ReyMundo desta/Cidade, onde primeiro se fundiu este collégio com as obrigaçoens que constão do Livro das Capellas do mesmo collégio, folha primeira e também do testamento do Sr. Fr. Domingos, que no habito de S. Francisco foi o último habitador e hermitão da dita hermida e Administrador do pequeno hospital, que alli estava contíguo feito a 23 de Novembro de 1578 aprovado no mesmo dia pelo tabalião Domingos Pires. Ficou o dito collégio com as ditas obrigaçoens ainda depois, que se mudou no anno de 1606 para o sitio, em que hoje esta, por se aproveitarem os religiosos de alguns materiais da hermida e cazinhas e venderem o terreno dellas, como se vê de huma petição, que fizeram ao Desembargo do Sr. Arcebispo D. Alexandre, e do despacho do Presidente delle o Illustrissimo Bispo de Ni comédia[sic] D. Fr. Christovão da Fonseca, Religioso da Santissima Trindade e dos mais Menistros da Relação dado a 20 de Abril de 1607 reconhecido por António Gandim, Notário Apostólico e Escrivão da Relação e Auditorio Ecclesiastico, o qual se guarda no Arquivo deste mesmo Collégio com o testamento supra do hermitão Fr. Domingos.”⁶⁴

⁶¹ Alguns textos referem 15 dias (por exemplo em *Évora Ilustrada*, Padre Manoel Fialho - Original).

⁶² Pe. Francisco da Fonseca, *Op. Cit.*, p.379.

⁶³ B.P.E., Livro 1, fls. 214 (Referimo-nos ao Tombo do Convento dos Remédios de Évora, embora na lombada conste “Tombo do Remei de Évora”).

⁶⁴ B.P.E. *Tombo do Remei de Evora*, T1; Remedios, Livro 1 – Fls. 214, Legados I (ver nota anterior).

A saída dos frades deste espaço foi marcada por episódios bizarros, sucintamente relatados adiante, pelo que, para evitar tumultos futuros, quando partiram desfizeram o conventinho e a ermida, permanecendo o espaço abandonado, até que em 1652 ali se estabeleceu a ermida de Nossa Senhora das Brotas, após a demolição da que anteriormente estava situada no Largo da Porta Nova⁶⁵.

2.3. A transferência do Convento para a Porta de Alconchel

Com vista à sua instalação em local mais amplo e para melhor desenvolverem as suas actividades, os frades carmelitas compraram um ferragial, pertencente a Violante de Noronha, conforme Carta de Venda pura e simples, datada de 17 de Março de 1602 (Anexo II-a)⁶⁶. Este ferragial situava-se fora das muralhas, à Porta de Alconchel⁶⁷, numa zona privilegiada, pois localizava-se junto da Torre de Menagem da Cerca Nova e da estrada para Lisboa, tratando-se como vimos anteriormente de uma zona muito povoada e movimentada.

D. Teotónio de Bragança conseguiu, com autorização de Filipe II, a colaboração do Arquitecto Francisco de Mora⁶⁸, que desenhou a planta original⁶⁹.

A obra de construção do convento teve início em 1602⁷⁰, ano da compra do terreno, como atrás vimos, sob a direcção do Fr. Pedro de S. José, tendo-se os monges instalado ali definitivamente em 1606, quando o espaço conventual já possuía condições para a sua permanência.

D. Teotónio morreu em 29 de Julho de 1602 (facto que constituiu uma adversidade para os religiosos, que ficaram sem o seu grande benfeitor). Não viu, pois, esta sua obra concluída, para a qual não conseguiu contribuir mais, porque tinha mandado iniciar, em alternativa à construção do convento carmelita, a obra da Cartuxa

⁶⁵ Afonso de Carvalho, **Da Toponímia de Évora – Dos meados do século XII a finais do século XIV**, Vol. I, pp. 268 e 331.

⁶⁶ A.D.E. - Fundo C. M. E.

⁶⁷ Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, p. 20.

⁶⁸ Arquitecto espanhol, nascido em 1553 em Cuenca e falecido em 1610 em Madrid. Conhecido como um dos mais emblemáticos representantes da arquitectura "Herrera", desenvolvida essencialmente nos finais do séc. XVI. São também seus muitos trabalhos inseridos no "estilo barroco" do séc. XVII. Foi o autor do projecto do Convento de S. José de Ávila, o primeiro fundado por Santa Teresa de Ávila, da Ordem dos Carmelitas Descalços.

⁶⁹ Esta foi objecto de alterações significativas em 1719, que vieram modernizar e valorizar o espaço inicial.

⁷⁰ Na obra *A Reforma Teresiana em Portugal*, atribui-se o início da construção em 26 de Novembro de 1602, embora noutros documentos consultados se refira o ano de 1601 como do início da construção.

que decorria ainda naquela altura. Apesar de tudo a construção foi-se desenvolvendo, essencialmente devido às esmolas que eram oferecidas para o efeito. Sobre este assunto refere o Pe. António Franco:

“Por ser o lugar apertado, no ano de 1601, compraram um ferragial ou chão, junto à porta de Alconchel. Neste lugar começou o edifício o Prior Pedro de S. José, tendo para a obra somente dois cruzados. Foi tanto o que Deus concorreu, que, no ano de 1602, comprou outro ferragial, junto ao primeiro, e instou tanto com a obra, que sucedendo-lhe no ano de 1606 Frei Tomás de S. Cirilo, achou feito edifício, em que já se podiam acomodar e se passaram a viver nêle.”⁷¹

Foi feita a mudança da imagem da Padroeira e do Santíssimo Sacramento em cerimónia com uma imponente e solene procissão, em 25 de Novembro de 1606, que contou com a presença de D. Alexandre de Bragança, Arcebispo sucessor de D. Teotónio de Bragança.

Obviamente a edificação não se encontrava completamente terminada naquela data, prosseguindo os trabalhos o seu decurso normal. A igreja foi concluída apenas em 1614, data da sua consagração por D. José de Melo, conforme indicado no escudo carmelita aplicado na abóbada.

Em 1613 o fidalgo Álvaro de Miranda Henriques, morador no Paço dos Mendanhas, próximo do convento, ofereceu uma preciosa esmola de duzentos mil reis, o que constituiu um inestimável auxílio para a comunidade religiosa, facto que ficou patenteado na igreja, por imposição do doador, conforme documento existente na Biblioteca Pública de Évora⁷² (cf. Anexo I – Foto 21).

Durante o período que mediou entre a instalação dos religiosos no local e a conclusão da igreja, a imagem da padroeira foi colocada numa capela provisória.

O convento não teve patrono até ao ano de 1625, quando D. José de Melo⁷³, sucessor de D. Teotónio de Bragança⁷⁴, *“em 21 de Junho de 1625, tomou o Padroado do convento, em cujo templo quis ser sepultado. No topo esquerdo do transepto abriu*

⁷¹ Pe. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, Op. Cit., p. 360.

⁷² B.P.E., Códice CXXV/2-22.

⁷³ Filho bastardo de D. Francisco de Melo, 2º Marquês de Ferreira, foi por ele reconhecido já em adulto. Esteve em Roma, de onde trouxe relíquias e corpos inteiros, que distribuiu por diversos conventos, quando regressou a Portugal. Foi Bispo de Miranda, sendo depois promovido para Évora, tendo tomado posse a 12 de Setembro de 1611, onde se manteve até falecer em 12 de Fevereiro de 1633, ficando sepultado na Igreja dos Remédios. De entre as actividades que desenvolveu, destaca-se a renovação do palácio Arquiepiscopal, arranjo da Quinta dos Prelados em Valverde, e foi padroeiro do Convento dos Remédios. Entrou em conflito com os Religiosos da Companhia de Jesus, tendo saído vencido. *Évora Ilustrada*, pp. 162 e seguintes.

⁷⁴ Quem sucedeu a D. Teotónio de Bragança foi D. Alexandre de Bragança, anteriormente Cónego da Sé, que exerceu as funções durante sensivelmente seis anos. Foi substituído por D. Diogo de Sousa, que permaneceu no cargo aproximadamente um ano, a quem sucedeu D. José de Melo.

*um nicho sarcófago para membros da sua nobre família. No frontispício mandou gravar o seu escudo de armas*⁷⁵ (Anexo I – Foto 8).

Numa das cláusulas da escritura celebrada para o efeito pelo tabelião Manuel Rodrigues, em 21 de Junho de 1625, comprometia-se a dotar o convento de “água da prata”. Tinha, no entanto, conhecimento da existência, em tempos idos, de uma fonte de água de muito boa qualidade que formava uma grande lagoa, de tal forma que se chamou à porta da cidade que lhe estava próxima “Porta da Lagoa”. Mandou então proceder aos trabalhos necessários para encontrar a fonte, após os quais cumpriu a promessa de fornecer água ao convento⁷⁶, ficando este beneficiado pois aquela água era considerada superior à “da prata”. Este facto ficou documentado por um painel de azulejos colocado na entrada (Anexo I – Foto 13).

Aquando da sua extinção, em 1834, o mosteiro contava com 10 religiosos residentes e oito ausentes, conforme declaração do Fr. Francisco da Conceição, último Padre Presidente⁷⁷.

Ao Convento de N^a Sr^a dos Remédios estão associados alguns episódios da história local e que gostaríamos de sublinhar. Entre eles, destacamos:

Participação na luta de 1663. Aquando das lutas pela posse da cidade, travadas entre as tropas portuguesas, comandadas por Manuel de Miranda Henriques e as do príncipe D. João de Áustria, em Maio de 1663, o convento foi ocupado pela infantaria castelhana que aprisionou a guarnição portuguesa constituída por 30 espingardeiros. Do campanário, os arcabuzeiros estabeleceram intenso ataque às tropas instaladas na torre de Alconchel e no cubelo circular próximo, que resultou em considerável número de mortos e feridos para os portugueses.

Beata de Évora. Tratou-se de um acontecimento ocorrido em finais do séc. XVIII (Setembro de 1792), no qual foi preparada uma ilusão que consistia na simulação da morte da beata Ana de Jesus e sua posterior ressurreição, por invocação divina. Este episódio foi preparado e posto em prática pelo prior Fr. Manuel de S. Carlos e pelo religioso Fr. Félix de Jesus Maria.

Depois de descobertos e após terminar a investigação do Santo Ofício foram severamente castigados, (ela mandada para uma casa de correcção em Lisboa e Frei

⁷⁵ Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, p. 21.

⁷⁶ Pe. Francisco da Fonseca, **Évora Gloriosa**, p. 380.

⁷⁷ Pe. David do Coração de Jesus, **Op. Cit.**, p. 23.

Félix desterrado para o Bussaco por dez anos) por ordem do Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho de Lima⁷⁸.

Este acontecimento deu lugar à elaboração de um romance histórico, da autoria de António Francisco Barata.

Participação na luta de 1808. Igualmente devido à sua localização estratégica, no dia 29 de Julho de 1808, o convento foi alvo de irremediável destruição de obras de arte ali existentes, saque, bem como o fuzilamento de vários religiosos, por nele se terem instalado franco atiradores para combater as tropas francesas de Loison que atacavam a cidade⁷⁹.

Fabricação de relíquias de santos e santas. “Actividade” atribuída aos religiosos residentes, que consistia na fabricação de “autênticas” relíquias dos santos e santas, tornou-se conhecida 31 anos após a extinção do convento, em 1875, devido à descoberta de várias formas de terracota, escondidas pelos monges nos “*forros da igreja*”⁸⁰.

Seguindo a informação de Túlio Espanca, procurámos, no Museu de Évora, um exemplar dos moldes utilizados para a execução das relíquias. Ali se encontrava, de facto, uma peça que correspondia à descrição, pelo que concluímos tratar-se eventualmente de um molde utilizado na referida fabricação (Anexo I – Foto 14).

2.4. O conjunto conventual dos Remédios

O conjunto, formado por edifício de arquitectura modesta, resultante das características contemplativa e introspectiva da Ordem dos Carmelitas Descalços, apresenta uma silhueta sóbria, de estilo barroco⁸¹, com rodapés, cunhais e empenas

⁷⁸ Túlio Espanca, **Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora**, p. 314b).

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Túlio Espanca, “Património Artístico Municipal – Imóveis - Convento de Nossa Senhora dos Remédios”, in **A Cidade de Évora**, nº 1, Vol. II, p. 82. Neste artigo é referido que a descoberta data de 1875, 31 anos depois da extinção do convento, o que em nossa opinião deverá ser uma gralha, pois deveria estar referido 1865.

⁸¹ Estilo que em Portugal assumiu características próprias, surgindo essencialmente no interior dos edifícios e monumentos, mantendo as fachadas austeras e frias. No caso das igrejas deu-se primazia a uma só nave, para todos poderem ouvir a pregação vendo o púlpito. A decoração, de início sombria, ganhou esplendor, com a introdução da talha dourada que, juntamente com a inclusão dos azulejos que formavam painéis, enriqueceram o interior das igrejas, complementando a sua arquitectura. A talha dourada assumiu-se como um elemento artístico de grande importância. No “ciclo” do Barroco a sua originalidade consistia no dinamismo dos seus elementos principais, com destaque para a coluna

cintados de pedra (granito), telhados de duas e quatro águas e janelas rectangulares, dela sobressaindo o campanário, de frontão circular, com dois olhais e dois sinos (Anexo I – Foto 1 e Anexo III).

Em todas as zonas deste conjunto edificado – igreja, adro, claustro – foram sepultadas pessoas das mais diversas proveniências. Não havendo conhecimento de ter sido utilizado para esse fim antes de 1665, foi, a partir desta data, iniciado o enterramento de pessoas na igreja, algumas com carácter perpétuo, as quais estavam particularmente ligadas ao convento, contribuindo para o mesmo com esmolas. No entanto, a partir de 1710, ano do início de consideráveis obras de remodelação do espaço, as sepulturas passaram a ser ocupadas indiferenciadamente por religiosos e confessados da corporação.

Esta alteração de procedimento foi autorizada pelo Geral da Ordem, Fr. António de Santo Eliseu, e permitiu um grande número de enterramentos.

No claustro da comunidade, todavia, desde o início que eram sepultados tanto leigos como religiosos.

O complexo possuía um apreciável e interessante conjunto de azulejos, conforme adiante se verificará, especialmente os aplicados em frontais, que enriqueciam os altares onde estavam colocados (Anexo I - Foto 29), e que eram considerados notáveis, tanto ao nível de valorização dos altares como pela temática e qualidade dos mesmos. Infelizmente estes azulejos já ali não se encontram, pois foram retirados com os respectivos altares aquando da última intervenção. Os azulejos que ainda hoje cobrem algumas das paredes do convento são igualmente valiosos e de grande qualidade, o que, em termos de património integrado constitui uma mais-valia para todo o conjunto.

Relativamente à pintura existente era considerada como não possuindo peças relevantes, de elevado valor. No entanto, chegou-se recentemente à conclusão que algumas delas, às quais é conferida uma qualidade superior, nomeadamente o retábulo, são da autoria de Pedro Nunes, importante pintor eborense⁸².

salomónica, e a muito característica estrutura do remate dos retábulos. No “ciclo” Rococó dá-se um incremento nos elementos decorativos, que se tornam muito particulares. Nas igrejas expande-se dos altares para as paredes e, em muitos casos, para os tectos. Os azulejos portugueses são diferentes dos restantes, apresentando características próprias, distintas dos dos outros países. Nalguns casos formam elementos mais importantes e valiosos que as construções onde estão aplicados. Maria do Carmo Charrama; Maria José Canejo Catela; Maria de Fátima Pires; Ana Isabel Alves. **Convento de N^a Sr^a dos Remédios**. Trabalho elaborado no âmbito da disciplina de História de Arte, da Universidade de Évora, (s.d.). Sobre este assunto cf. Humberto Reis e Mário Chicó, “**A Arquitectura Religiosa no Alto Alentejo**”; Reinaldo dos Santos, “**Oito Séculos de História de Arte em Portugal**”, I Vol. e J. M. dos Santos Simões e E. Guerra de Oliveira, “**A Azulejaria em Portugal**”.

⁸² Vitor Serrão, “Francisco Nunes Varela e as oficinas de pintura em Évora no século XVII”, in **A Cidade de Évora**, nº 1, Vol. II, p. 82.

IGREJA

Exterior

O acesso à igreja é feito por um pátio pequeno, com aberturas gradeadas, sendo o portão de acesso encimado pelo brasão do patrono do convento (Anexo I - Foto 1).

A entrada da igreja faz-se por um alpendre de três arcos de volta perfeita, com aduelas de pedra (Anexo I - Foto 28). Este alpendre é ladeado, de um lado, por outro alpendre de um arco, a antiga portaria, que dá acesso ao interior do convento (zona do claustro), e do outro lado por uma porta que dá acesso a outras dependências. As portas da igreja e da portaria são de madeira de matazana do Brasil, decoradas com pregaria e pingentes de latão amarelo.

A fachada da igreja é constituída por um frontão triangular, rematado por acrotérios com esferas de granito. Ao centro, no interior de um nicho envidraçado a imagem da Padroeira, de mármore branco, de inícios do séc. XVII. Ladeando a Padroeira encontram-se os armoriais do Arcebispo patrono, barrocos e também dos inícios do séc. XVII⁸³ (Anexo I - Foto 28).

Foi no adro, defronte da arcada, que o Pe. Diogo Dias de Melgás, Mestre da Capela da Catedral de Évora e considerado o maior contrapontista português e compositor sacro, do séc. XVII, ficou sepultado. Distribuídas pelo espaço encontravam-se outras sepulturas, algumas delas pertencentes a familiares do mesmo padre. Actualmente o espaço encontra-se calcetado e no centro tem a data de 1886.

Interior

No interior a igreja apresenta uma só nave, dividida em quatro tramos, capela-mor, transepto e coro.

O altar-mor ostenta um *“desproporcionado volume de talhas douradas obra notável a que não deve ser estranha a actividade de João Luiz – 1735-50”*⁸⁴. Nele também se encontra o túmulo do patrono, embutido, quase escondido, constituindo uma peça admirável, feita em mármore da região, igualmente do estilo barroco (Anexo I – Foto 8). Destaca-se, igualmente, o símbolo da Ordem Carmelita, bem visível no centro (Anexo I – Foto 12).

⁸³ Túlio Espanca, **Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora**, p. 315.

⁸⁴ Túlio Espanca, “Património Artístico Municipal – Imóveis - Convento de Nossa Senhora dos Remédios, in **A Cidade de Évora**, nº 1, Vol. II, p. 82 e seguintes.

Relativamente à talha dourada que embeleza a capela-mor, Robert Smith na sua obra “A Talha em Portugal” considera-a: “... *O conjunto monumental da talha dos Remédios, uma das mais primorosas obras de arte do séc. XVIII em Portugal, de tendência linear, atingiu neste lugar o auge da riqueza*”⁸⁵ (Anexo I - Foto 16).

A igreja possui uma cúpula circular, que assume, no exterior, uma forma piramidal e o púlpito, em talha dourada, no estilo rocaille, constitui uma peça “*de graciosas proporções e notável equilíbrio estético que é hoje, no seu género o melhor exemplar existente na Cidade-Museu*”⁸⁶ (Anexo I - Foto 17).

As capelas colaterais ao altar-mor apresentam uma particularidade muito rara, pois são constituídas por duplos frontões de perfil ondulante, protegidos por sanefa do mesmo estilo (Anexo I – Fotos 19, 20).

Ladeando o corpo da igreja, encontram-se quatro capelas, decoradas com talha dourada, entalhados e algumas obras de arte.

Logo à entrada da igreja, na parede lateral direita, está colocada uma lápide de mármore, alusiva à oferta de duzentos mil réis, feita por Álvaro de Miranda Henriques, que muito ajudou à conclusão das obras do convento, como atrás referimos.

Junto ao coro alto, e ocupando um tramo da igreja, situa-se o órgão, hoje completamente deteriorado, também ele revestido a talha dourada, de estilo rococó (Anexo I – Fotos 3 e 5).

Na parede do coro alto encontra-se uma janela de grandes dimensões, que deixa entrar a luz para a zona de entrada da igreja. Também, incrustado na parede lateral esquerda, permanece ainda o que foi outrora um relógio de horas, bem como, ao centro, um candeeiro de metal amarelo, do séc. XVIII (Anexo I – Fotos 22, 23, 24).

A delimitar o espaço está colocado um gradeamento de madeira com elementos dourados, formado por três elementos de ferro forjado (Anexo I – Foto 25).

A sacristia possui um paramenteiro de pau-brasil, de grandes dimensões (composto por cinco corpos com quinze gavetões) e um relicário que actualmente se encontra completamente degradado, os quais ocupam por completo uma das suas paredes. Possui ainda um armário embutido na parede fronteira ao paramenteiro e azulejos setecentistas, holandeses, constituídos por figuras avulsas e florões, com laçarias e sanefas nas molduras, que ornamentam todas as paredes (Anexo I – Fotos 6 e 7).

⁸⁵ Citado por Túlio Espanca, **Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora**, p. 315.

⁸⁶ Túlio Espanca, “Património Artístico Municipal – Imóveis - Convento de Nossa Senhora dos Remédios”, in **A Cidade de Évora**, nº 1, Vol. II, p. 82 e seguintes.

A capela sepulcral de D. João Maldonado A. Gama Lobo está repleta de decorações multicolores, tendo sido alvo de trabalhos de embelezamento em 1825, conforme placa embutida por cima da porta de acesso (Anexo I – Fotos 9, 26, 27).

Outros túmulos ali se encontram, que pertencem a famílias nobres, como por exemplo, as famílias de Luís Perdigão Bocarro, de Sebastião Ribeiro de Faria, e de D. Constantino de Bragança, irmão do Arcebispo patrono.

ZONA CLAUSTRAL

Composto por dois pisos, era no primeiro andar do Claustro que se encontravam as celas, enquanto no rés-do-chão se situavam as salas do Refeitório, Capítulo e cozinha, entre outros.

O claustro, datado de inícios do séc. XVII, apresenta planta quadrangular e é composto por 5 tramos de arcos de volta perfeita e pilastras de granito, coberto por abóbadas. A fonte construída em mármore branco de Estremoz, foi inaugurada em 1619. (Anexo I – Fotos 32 e 33), possui uma taça quadrangular e, no centro, uma pira de remate decorada com quatro águias.

Nas paredes do claustro incluíam-se *“dois frontais de azulejos policrómicos, de emblema carmelita, do 1º terço do século XVII, raros hoje em Évora, são os restos dos altares entaipados, sobranceiros, da ala setentrional.”*⁸⁷

Este tipo de frontais foi inicialmente fabricado em Espanha, mais exactamente em Talavera de la Reina, de onde vieram para Portugal, país “importador da nova moda”, onde foram profusamente aplicados e, em Évora, podiam ver-se precisamente no Convento dos Remédios (Anexo I – Foto 29).

O pavimento é constituído por lajes de pedra e placas de ardósia e, como já vimos, pelas sepulturas brasonadas de granito e mármore de pessoas ilustres da cidade (Anexo I – Fotos 10, 11, 34 e 35), distribuindo-se nas outras alas do claustro as da comunidade e das pessoas incógnitas e cujo registo de enterramento está elaborado (Anexo I – Foto 36)⁸⁸.

No rés-do-chão, onde actualmente se situa uma sala de exposições, restou um nicho com frescos⁸⁹ constituídos por cabeças de anjos, que provavelmente

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Túlio Espanca, “Alguns tumulados do convento de N^a Sr^a dos Remédios”, in **A Cidade de Évora**, nº 48/50, 1965/67, p. 187 e seguintes enumera alguns e refere a existência, na B.P.E., de um tombo com a relação dos enterramentos ali efectuados.

⁸⁹ Túlio Espanca data esta obra do séc. XVII, atribuindo a provável autoria ao pintor José de Escobar. “Revelações artísticas no Convento de N^a Sr^a dos Remédios”, in **A Cidade de Évora**, nº 69/70, p. 80.

circundavam uma figura religiosa (Anexo I – Foto 31). O tecto desta sala era completamente decorado mas, numa das anteriores intervenções, perdeu-se na totalidade, por se encontrar muito degradado e não ter resistido aos trabalhos que se realizavam na sua envolvente, restando apenas o que se encontra no referido nicho. A Foto 30 documenta a absoluta degradação das referidas decorações que, apesar de tudo, se previa serem restauradas após essas obras⁹⁰, o que foi impossível de concretizar.

Neste espaço, permaneceram até à última intervenção ali executada, na sala do Refeitório, o banco corrido da comunidade, a mesa de mármore e o lavabo seiscentista também de mármore, que apresenta o emblema da ordem, datado da segunda metade do séc. XVIII⁹¹ (Anexo I – Foto 37). Na sala do Capítulo conservou-se o banco corrido da comunidade, em madeira, e o altar fundeiro, bem como uma lápide embutida na parede em memória do padre Fr. Sebastião da Conceição, que foi Geral dos Carmelitas e prior do convento⁹² (Anexo I - Fotos 38, 43). De todos estes elementos apenas permanecem o lavabo da sala do Refeitório e a lápide da sala do Capítulo.

CERCA

Da cerca conventual pouco nos chegou. Apenas encontramos, no interior do Cemitério, encaixados no muro que separa a pequena zona ajardinada do cemitério propriamente dito, dois bancos de pedra, com painéis de azulejos azuis e brancos (Anexo I – Fotos 39, 40), e um fragmento de campa, com inscrição de 1662, na rua principal⁹³.

Igualmente se conservou um relógio de sol, localizado no quarteirão cemiterial a que deu o nome, que infelizmente não revela parte das horas ao longo do dia, porque junto a ele foi construído um jazigo, que numa boa parte do dia o deixa na sombra (Anexo I – Fotos 41, 42).

⁹⁰ Túlio Espanca, “Recentes e infelizes destruições do património artístico eborense”, in **A Cidade de Évora**, nºs 69/70, p. 81 e seguintes.

⁹¹ Este espaço foi utilizado como Sala de Autópsias até à entrada em funcionamento da Casa Mortuária do Hospital Distrital (Cf. Ponto 2.5.).

⁹² Nesta sala se depositavam os caixões até ao início das obras referentes à última intervenção (Ver Ponto 2.5.).

⁹³ Informação prestada por Túlio Espanca, embora actualmente não haja vestígios do fragmento no local. “Património Artístico Municipal – Imóveis - Convento de N^a Sr^a dos Remédios”, in **A Cidade de Évora**, Vol. II, nº 1, p. 88.

Uma das consequências da vitória do liberalismo foi a extinção das ordens religiosas, em 1834, pelo que, após a saída dos frades do Convento, e tendo a sua propriedade passado para o Estado, este transferiu para a Câmara Municipal a posse de todo o conjunto, com o intuito de, na sua cerca, se estabelecer o Cemitério Público da cidade, o que aconteceu por carta de Lei, datada de 30 de Julho de 1839 e publicada no Diário do Governo de 7 de Agosto do mesmo ano (Anexo II-b). Deu-se, assim, cumprimento à legislação anteriormente publicada, que impunha a obrigatoriedade de instalação de cemitérios públicos nas localidades, o que será devidamente estudado no Capítulo III.

Para esta finalidade o espaço foi condignamente valorizado, com a colocação de algumas peças trazidas do Convento de S. Domingos e outros conventos, como adiante referiremos.

2.5. Exclaustração da comunidade e as ocupações sucessivas do Convento

A comunidade aqui instalada conheceu vicissitudes várias, e por vezes teve necessidade de sair temporariamente do convento onde estava sediada.

A primeira aconteceu precisamente quando mudou definitivamente das antigas instalações da Rua do Raimundo para as da Porta de Alconchel.

Esta deslocação foi provocada, como vimos anteriormente, pelo facto de as outras ordens mendicantes terem feito queixa ao rei⁹⁴. Esse procedimento despoletou a sua posterior saída. No entanto registou-se nesta ocasião uma situação insólita. De facto, como nos descrevem os textos, o povo não concordava com a saída dos frades daquelas instalações. Como não conseguiram evitá-lo, intentaram então impedir que a imagem da Sra. dos Remédios fosse para o novo convento. Tentando evitar maiores problemas, trataram os frades das necessárias licenças do Arcebispo e do Senado com o maior sigilo e, seguindo a sugestão do Padre Pedro da Silva⁹⁵, colocaram a imagem num tabuleiro, “coberta como se fossem ramalhetes”⁹⁶, e assim foi levada para a nova igreja ao ombro de um leigo, sem que ninguém suspeitasse. Obviamente

⁹⁴ Motivados pelo ciúme provocado pela simpatia da população pelos carmelitas descalços, que se traduzia no elevado montante de esmolos que lhes oferecia, os outros mendicantes fizeram queixa ao rei, afirmando que aqueles haviam fundado o convento sem “*alvará e licença real e com dano e detrimento dos Conventos mais antigos*”.

⁹⁵ Promotor Fiscal do Santo Ofício, depois bispo do Brasil.

⁹⁶ Pe. Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*, p. 360.

que esse facto, quando conhecido, foi objecto de grande contestação popular, permanecendo todavia a imagem no seu novo lugar.

Devido à sua localização fora dos muros da cerca nova, ao longo dos tempos o convento foi alvo de sucessivos ataques que muitas vezes obrigaram os religiosos a sair do convento, e a refugiar-se provisoriamente em lugar mais seguro⁹⁷.

Com as invasões francesas, em 1808, o convento foi novamente alvo de ataque e ocupação, agora pelas tropas do general Loison, na sequência da violenta invasão da cidade. Foram, nesta ocasião, fuzilados alguns religiosos que haviam levantado armas contra o invasor, a partir das janelas do convento e com o auxílio de populares. Houve igualmente muita destruição e saque de todo o conjunto, nomeadamente dos oratórios do claustro, obras de arte ali existentes, assim como de roupas e ornamentos, conforme relatório apresentado pelo Frei Joaquim de Santa Teresa⁹⁸.

Finalmente, com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, pela última vez se procedeu ao abandono do convento, que ficou devoluto.

Quando passou para a propriedade da Câmara Municipal de Évora, foi instituído na sua cerca o Cemitério Público da cidade, como previsto. Houve portanto necessidade de se proceder a alterações para adaptação do espaço às suas novas funções, com a instalação nas restantes estruturas dos serviços administrativos e arrecadações do mesmo cemitério, Serviços de Higiene e Limpeza, e a Abegoaria Municipal.

A Sala do Capítulo foi utilizada para nela se proceder ao depósito de caixões (Anexo I – Foto 43) situação em que se manteve até à realização da última

⁹⁷ “Por ocasião das guerras da restauração, o mosteiro dos Remédios foi ocupado pelas tropas do Príncipe D. João de Áustria, em luta com a infantaria eborense, alojada ali para opôr resistência ao poderoso exército do general castelhano. Tendo invadido o convento, D. João de Áustria deparou dentro da clausura, com a Comunidade recolhida na oração mental da manhã, ficando vivamente impressionado com a paz e a serenidade daquele acto regular da vida carmelitana. Os religiosos retiraram-se então para outras casas.

Depois de oito dias de combate, o comandante militar entregou ao invasor a praça, que trinta e seis dias mais tarde (25 de Junho de 1663), era reconquistada pelo exército português, sendo então o mosteiro carmelita teatro de novas operações militares.

Como tinha acontecido com a nossa fundação de Cascais, também, em virtude da posição estratégica do convento dos Remédios, o Conselho de Guerra decretou a sua demolição, que nunca se chegou a cumprir. O rei D. Afonso VI oferecia aos religiosos o Palácio Real da Casa de Bragança, hoje Paço Arquiepiscopal, com o fim de se mudarem para lá. Os Descalços, porém, renunciaram à oferta, em benefício dos Calçados, cujo convento tinha sido demolido.” Pe. David do Coração de Jesus, **A Reforma Teresiana em Portugal**, p. 21-22.

⁹⁸ Francisco António Lourenço Vaz, **O saque de Évora pelos franceses em 1808 – Textos Históricos**, Casal de Cambra: Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA, 2008, p. 92 e seguintes.

intervenção e o antigo Refeitório foi utilizado como Sala de Autópsias (Anexo I – Foto 37), situação que se manteve até à entrada em funcionamento da Casa Mortuária do Hospital Distrital, quando ali deixaram de ser realizados esses trabalhos.

2.6. Intervenções efectuadas no edifício conventual

De entre as intervenções arqueológicas levadas a efeito nos últimos anos, devido às obras de remodelação previstas para o espaço conventual, podemos detectar três principais momentos de alteração do espaço ao longo do tempo.

O primeiro corresponde à construção primitiva. Registaram-se depois pequenas obras de alteração ou de beneficiação de que se destacam, em data posterior a 1691, mas que não conseguimos apurar, a colocação de mesas na cozinha de “*pedra de Estremoz e quatro armários debaixo com suas portas novas*” e “*as janelas da aula todas novas*”⁹⁹.

O segundo ocorreu em 1719, quando se executaram importantes obras de ampliação do edifício, com a introdução do primeiro andar, que permitiram a edificação de um novo Dormitório e alterações no Refeitório e na Sala do Capítulo, tendo o projecto sido aprovado por Frei António de Santo Eliseu¹⁰⁰, em 9 de Fevereiro, em Carnide, conforme se pode constatar da respectiva planta (apenas do primeiro andar)¹⁰¹.

A planta está assinada por Fr. Pedro da Conceição Carmelita Descalço, que indica:

“Planta alta para o dormitorio que se detremina fazer no Convento de Carmelitas descalços de nossa Sr^a dos Remédios de Evora cidade a qual planta mostra todo o Convento que caminha em o nivel da caza da aulla que ja esta feita e serve a muntos annos.”

⁹⁹ B.P.E. **Inventário das Oficinas deste Convento dos Remédios de Évora**, p. 132.

¹⁰⁰ Comissário Geral da Ordem Carmelita.

¹⁰¹ Trata-se de original, que se encontra nos arquivos da Câmara Municipal de Évora, de uma planta aguarelada, sobre papel de linho, com as seguintes dimensões: 56,5 x 41 cm.

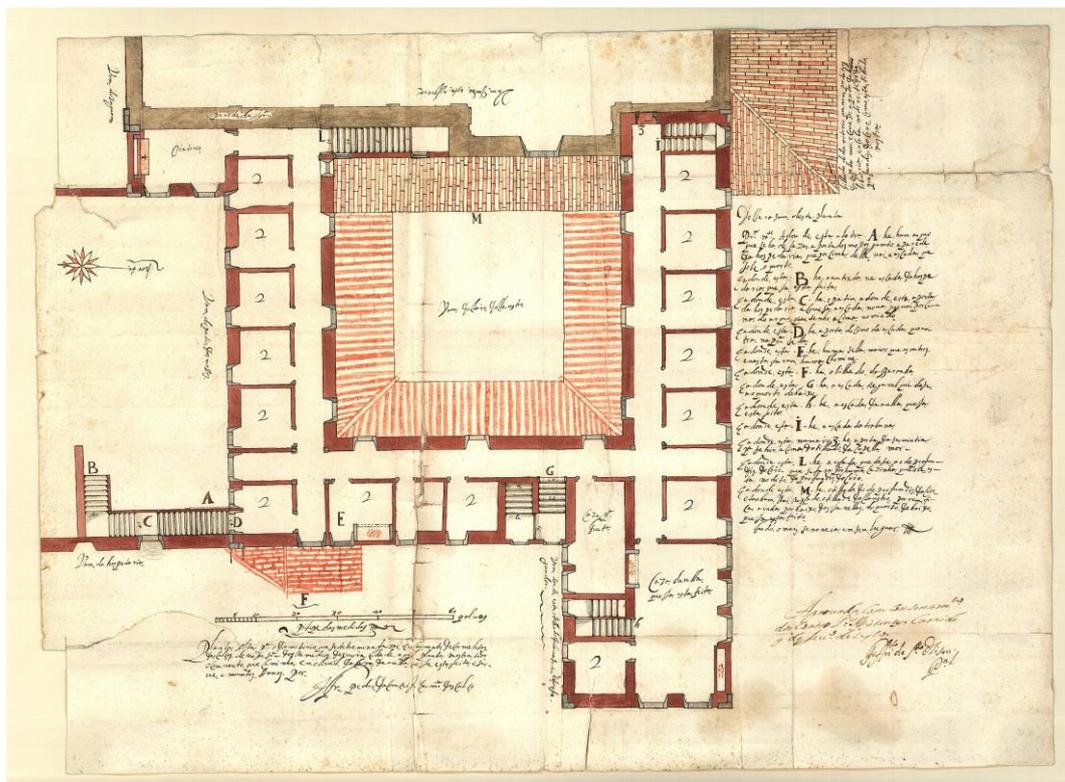


Figura 3 - Convento de N.ª Sr.ª dos Remédios. Planta das obras realizadas em 1719. Fonte: Arquivo C.M.E.

Observemos agora as informações nela contidas, relativamente às principais obras a executar¹⁰²:

- Construção de 16 celas.
- Construção de uma casa da aula, bem como a escada que lhe dá acesso (ambas já feitas àquela data).
- Construção de um arco, junto da Hospedaria, bem como de uma escada que “entra na parte velha” e lhe daria acesso, entrando numa cela.
- Construção de várias escadas e telhados.
- Construção de oratório sobre a portaria.

¹⁰² “Declarasam desta planta

Primeiramente adonde esta a letra A he hum arco que se há-de fazer a porta dos mossos junto a parede da hospedaria que por cima delle vai a escada que sobe o quarto
 Adonde esta B he a entrada na escada da hospedaria que já esta feita
 Adonde esta C he o patim adonde esta a porta da hospedaria e comesa a escada nova que vai por cima do arco que tenho acima nomiado
 Adonde esta D he a porta do cimo da escada que entra na primeira sella
 Adonde está E he huma sella maior que os outros e nesta faram uma chaminé
 Adonde esta F he o tilhado do baronda
 Adonde esta G he a escada regral que dexe ao quarto de baixo
 Adonde esta H he a escada da aulla que já esta feita
 Adonde este I he a escada da trobuna
 Adonde esta numero 3 he a porta da servintia para se hir acima do tilhado da capella mor
 Adonde esta L he a escada que dexe ao de profundis do Coro que se fara por huma cazinha que oie está no dito de profundis do coro
 Adonde está M he o tilhado do de profundis do coro e também vai riscado o tilhado do claustro porem fica ainda por baixo das janellas do quarto de baixo, que já está feito
 Tudo o mais se nomeia em seu lugar.”

- Construção de casa para as frutas.

O altar-mor é de finais do séc. XVIII, e é da autoria de Manuel e Sebastião Abreu Ó¹⁰³.

Em 1825 a capela de N^a Sr^a do Carmo, destinada a jazigo da família de D. João Maldonado de Azevedo da Gama Lobo, foi alvo de obras de embelezamento, por ele custeadas, com a introdução de estuques coloridos e amosaicados (Anexo I – Fotos 26, 27).

O terceiro momento ocorreu mais recentemente, com a introdução de uma nova secção, no sector oeste do edifício, construída já nos sécs. XIX ou XX¹⁰⁴. De facto, e atendendo ao referido por Susana J. G. Dias no seu artigo:

“ ... Todo o sector ocidental do convento, não só não possui referência cartografada no século XVIII – época em que se realizaram as últimas ampliações do convento sob o domínio Carmelita - como apresenta ainda, um aparelho construtivo em tudo distinto do que se encontra presente no edifício central. Se na generalidade do Convento de Nossa Senhora dos Remédios se pode observar a presença de um aparelho de alvenaria mista muito rude e irregular, neste sector mais recente a construção é constituída por alvenaria de tijolo e cantaria regular, erguido já com a linearidade da construção contemporânea.”

Em 1942 procedeu-se a um conjunto de reparações, nomeadamente a instalação eléctrica na capela e algumas salas. Foi caiada a igreja e algumas dependências, procedendo-se à picagem das colunas e arcos de forma a deixar à vista o granito, que anteriormente era caiado. Executaram-se obras de carpintaria com limpeza e retoques dos altares mais degradados. Foram também compradas roupas para altares e santos e a instalação de água foi ampliada, para permitir a rega das placas ajardinadas existentes à entrada¹⁰⁵.

Por se encontrar em estado de progressiva degradação (ver Anexo I – Fotos 44 a 48), tomou a Câmara Municipal a decisão de iniciar o processo tendente à sua recuperação e restauro, com vista a que ali se estabelecessem serviços públicos que necessitassem de espaços para instalações, dando assim uso ao edifício, o que em termos de conservação e manutenção seria muito vantajoso.

¹⁰³ Elsa Caeiro, **Os Conventos do Termo de Évora**, Vol. II, Tese de Doutoramento, Universidade de Sevilha, Setembro, 2005, p. 244.

¹⁰⁴ Susana José Gomes Dias, “Reabilitação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora”, in **A Cidade de Évora**, II Série, nº 7, pp. 259 e seguintes.

¹⁰⁵ In **A Cidade de Évora**, nº 2, “Relatório da Gerência Municipal no ano de 1942”, p. 57.

Este processo de intenções teve o seu início em Junho de 1978, com o convite feito pela Câmara Municipal a várias equipas de projectistas para apresentarem propostas para a sua recuperação. Simultaneamente procuraria o apoio financeiro necessário para o levar à prática.

No ano seguinte, e após a apresentação de algumas propostas, decidiu a Câmara Municipal seleccionar a proposta apresentada pelo Arq. Victor Figueiredo. Foi então criada uma “Comissão de Recuperação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios” que, em conjunto com o projectista, tinha como objectivo último a elaboração de uma proposta de ocupação do espaço. Esta foi apresentada e aceite em reunião pública da Câmara Municipal de 17.7.1979 e propunha que nele funcionassem actividades que lhe possibilitassem ser “*um local público com funções e acontecimentos que permitissem e solicitassem a presença de pessoas, munícipes ou visitantes*”. Ainda nessa reunião foi deliberada a entrega da elaboração do futuro projecto ao mesmo arquitecto. Este processo não teve continuidade, ficando a aguardar melhor oportunidade, tanto por problemas pessoais do projectista, como por impossibilidade financeira da CME.

Em Fevereiro de 1981 surgiu nova oportunidade de intervenção no edifício, por contacto do Instituto Português do Património Cultural que manifestou a intenção de ali instalar por “cedência (doação ou comodato) da Igreja e convento” o Centro de Conservação e Restauro para a Zona Sul. Efectuados os contactos necessários mais uma vez se goraram as expectativas, acabando por se decidir a instalação daquele Centro em Vila Viçosa, no Convento das Chagas, conforme informação do Instituto Português do Património Cultural de Outubro do mesmo ano. Ainda no mesmo mês se registou novo contacto, agora do Serviço Regional de Arqueologia do Sul, que ali se pretendia instalar¹⁰⁶. Também esta intenção não teve continuidade, acabando o serviço por se instalar no Palácio do Vimioso.

Após todas as tentativas de instalação no edifício de serviços ou entidades que dele fruissem e que procedessem ao seu restauro, em 1985 a Câmara Municipal decidiu proceder a obras de adaptação de parte do convento, tendentes à instalação da Comissão Municipal da Juventude e Galeria Municipal de Arte, a primeira a instalar no rés-do-chão, e a segunda no primeiro andar. Para o efeito executaram-se as obras mas também essa intenção não teve continuidade, devido a dificuldades surgidas no decorrer do processo e não obstante os esforços desenvolvidos para a sua continuidade.

¹⁰⁶ Arquivo C. M. E. (Procº D.O.G.T. 12/6.1.2. – Nº 443).

Foi então decidido avançar com os trabalhos no sentido de a Autarquia ali instalar os seus próprios serviços, confrontando-se com a necessidade de o intervencionar, com vista à adaptação do conjunto às novas funcionalidades que lhe iam ser atribuídas e para as quais não estava preparado. Para tal recorreu a financiamentos que, após lhe terem sido atribuídos, possibilitaram a realização de profundas obras de remodelação.

Em 2005 iniciou-se a última intervenção, provavelmente a mais profunda desde 1719, aquando da construção do 1º andar (Anexo III – Plantas das actuais instalações, depois desta intervenção).

Após a conclusão das obras, instalaram-se no edifício do antigo convento, para além dos Serviços do Cemitério, o Conservatório Regional de Évora “Eborae Musica”, ao qual a Igreja ficou adstrita, e parte do Departamento do Centro Histórico Património e Cultura da CME, no referente à área de património edificado e arqueológico do concelho. Para o desenvolvimento das suas actividades dispõem estes serviços de uma zona de exposições constituída pelo Centro Interpretativo Megalithica Eborae, sala de exposições temporárias, salas de audiovisuais, de formação e de trabalhos de conservação e restauro, para além de vários gabinetes de trabalho e uma Cafeteria.

Dispõe ainda de dois espaços descobertos que permitem a realização de diversas acções ligadas às actividades ali desenvolvidas, constituídos pelo Claustro e Pátio “das Romãzeiras” (nome atribuído devido à plantação de duas romãzeiras, aquando da remodelação).

Com esta intervenção muitos dos elementos decorativos ainda existentes desapareceram, alguns dos quais imprimiam ao edifício as características próprias de um convento, de entre os quais destacamos os dois frontais de azulejos policromos (Anexo I – Foto 29), os altares, localizados no claustro do convento, assim como a mesa de mármore do Refeitório (Anexo I – Foto 37), e os bancos da comunidade, facto que, a nosso ver, constitui uma relevante perda das características do imóvel. Mantiveram-se, contudo as lápides funerárias das famílias ali sepultadas (como atrás vimos) e outros elementos referidos no ponto 2.4.

Actualmente a igreja necessita de obras de conservação e recuperação (incluindo os restauros do órgão e do relicário da sacristia), não incluídas na intervenção de 2005, que apenas contemplou o espaço conventual.

2.7. As transformações da Cerca no séc. XX

Em 1937, o espaço do cemitério revelava-se insuficiente para os enterramentos, o que levou à expropriação de um ferragal contíguo para a sua ampliação, perfazendo a área total de 31.120 m² (Fig. 4):

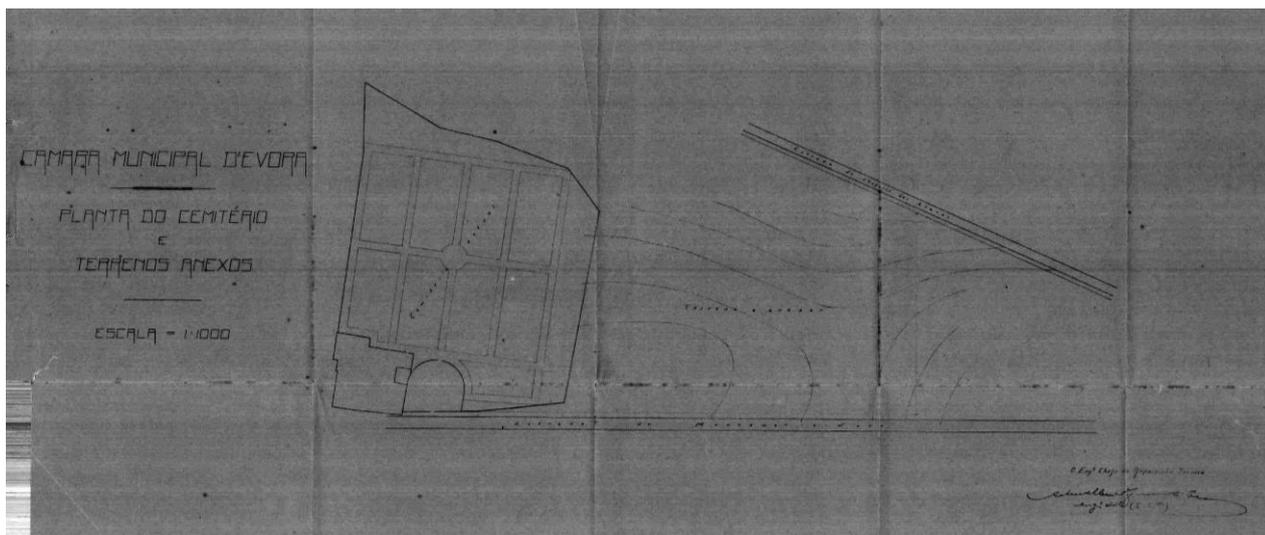


Figura 4 - Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios – 1937. Fonte: Arquivo C. M. E.

Com o mesmo intuito se considerou em 1939 a ampliação em mais 15.035 m² (Fig.5):

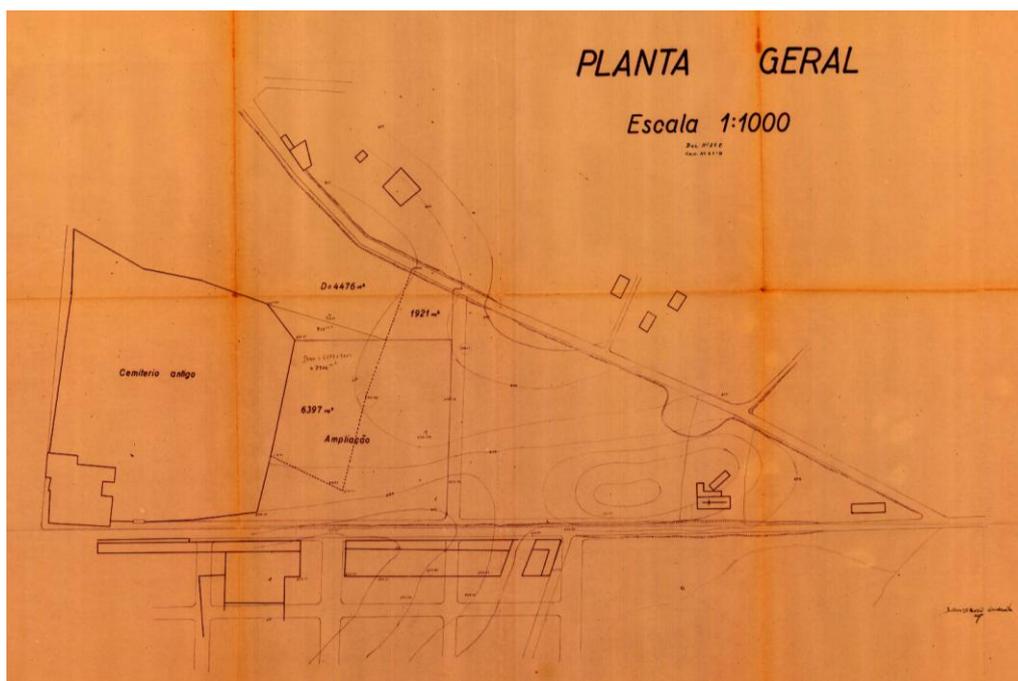


Figura 5 - Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios – Ampliação 1939. Fonte: Arquivo C. M. E.

Em 1942, procedeu-se a nova ampliação e remodelação de todo o conjunto¹⁰⁷, e porque o cemitério se mostrava novamente insuficiente para os enterramentos, realizaram-se então os estudos necessários ao seu alargamento (Fig. 6). Para efectuar foi comprado um terreno confinante, a António Elizeu Rato, com a área de 7.359 m², pelo valor de 18.397\$50, conforme escritura, realizada em 30.12.1942 (Escritura constante no Livro de Notas para Escrituras Diversas nº 67, fls. 39 do Notariado Privativo da CME - Anexo II-c).

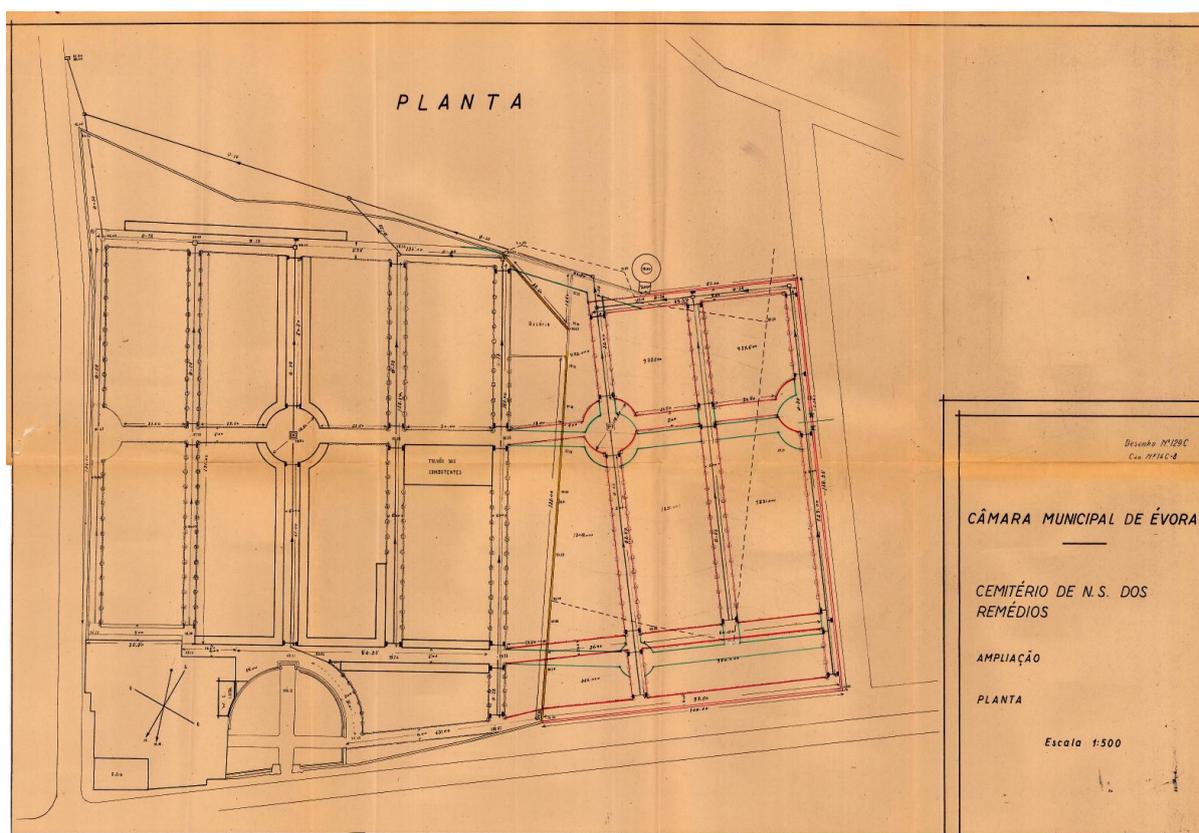


Figura 6 - Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios – Ampliação 1945. Fonte: Arquivo C. M. E.

A intervenção projectada incluía também a introdução de sistema de esgotos de águas pluviais, a colocação de macadame nos pavimentos, a ampliação do ossário, bem como a construção de instalações sanitárias completas para homens e senhoras. Era igualmente proposta a construção de instalações sanitárias e balneários para o pessoal do cemitério. O projecto determinava ainda a colocação de um portão no muro lateral do cemitério e a plantação de árvores no recinto. A obra foi orçada em

¹⁰⁷ Como anteriormente observámos, também o Convento foi objecto de vários trabalhos de conservação e beneficiação, nesta data.

273.872\$00 e prevendo-se a sua execução em 1943 foi destinada uma verba no Orçamento municipal de 250.000\$00¹⁰⁸ para a mesma.

A intervenção prolongou-se até 1944, tendo a Câmara Municipal dispendido a verba de 22.551\$70, chegando mesmo a transitar para 1945, com uma verba atribuída de 20.000\$00¹⁰⁹.

Confrontada com a falta de espaço que se fazia sentir devido à progressiva compra de sepulturas perpétuas, a Câmara Municipal iniciou, em 1970, um processo tendente à construção de um ossário, cujos trabalhos se iniciaram em Janeiro de 1971 e foram orçados em 90.000\$00. Após a sua construção, em 1973, verificou-se a necessidade de construir um lavadouro de ossos, para apoio aos trabalhos de transladação. A obra foi realizada com um orçamento de 10.000\$00.

Embora já se previsse a construção do Cemitério do Espinheiro, o facto era que tal construção estava demorada pelo que, em 1980, havia urgência de novamente se ampliar o Cemitério, dado sua a capacidade estar a chegar novamente ao limite. Os novos trabalhos estavam calculados em 2.170.000\$00, correspondendo a 2.616,25 m², onde se localizavam 551 campas.

Também nesta intervenção se previa a deslocação do portão ali existente para um dos novos alçados. Houve desde esta data até ao presente outra ampliação, da qual não conseguimos localizar o processo, mas que terá sido a última realizada neste espaço. Com esta alteração a área actual do Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios passou para 44.000 m², com um perímetro de aproximadamente 1 km (956 m) e contém cerca de 8.600 sepulturas (8.513), conforme consta na Fig. 7:

¹⁰⁸ **A Cidade de Évora**, nº 1, “Posturas, Editais e Regulamentos da Câmara Municipal de Évora”, p. 45.

¹⁰⁹ **A Cidade de Évora**, nº 9-10, “Posturas, Editais e Regulamentos. Ano 1944”, p. 17 e nº 7-8, “Relatório da Actividade Municipal para 1945 e Base do Orçamento Ordinário para o mesmo ano”, p. 9.

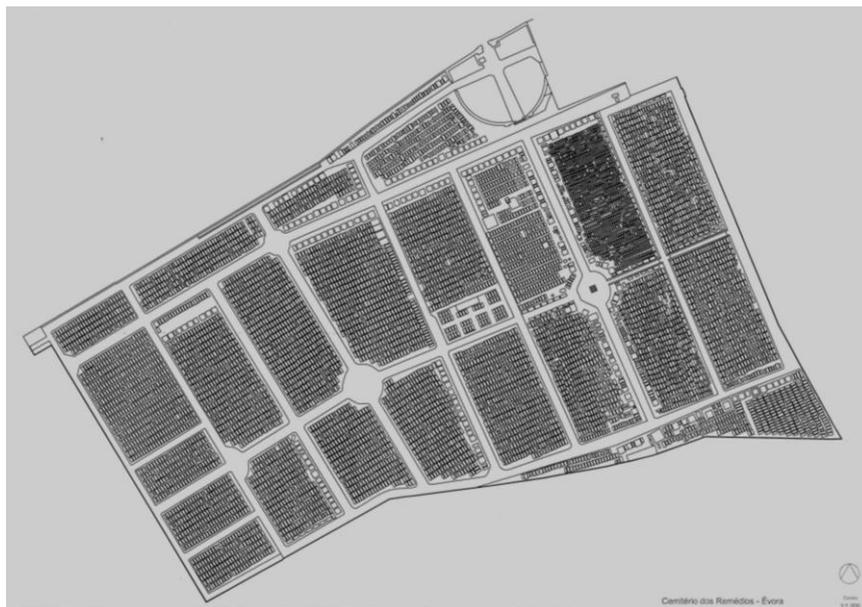


Figura 7 - Cemitério de N.ª Sr.ª dos Remédios – Actual espaço cemiterial. Fonte: Arquivo C. M. E.

Desde a sua inauguração, foram sempre sendo realizadas obras de conservação e manutenção do espaço, como se constata pela análise dos livros de registos das despesas e receitas do Cemitério, arquivados na Câmara Municipal. Numa tentativa de dar resposta às necessidades da cidade, a área inicial do cemitério foi sucessivamente ampliada e construídos ossários, até à inauguração do novo Cemitério do Espinheiro, encontrando-se actualmente os dois em funcionamento.

Capítulo III

– O Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios

3.1. Os Cemitérios

Procurando satisfazer as dúvidas e incertezas que a morte lhes colocava, as diversas culturas buscaram ao longo dos tempos nas religiões, na filosofia, na arte e até nos mitos, uma resposta que lhes permitisse um mais fácil entendimento e aceitação sobre esse acontecimento.

Conforme refere Rita Mega “*A morte do outro, permite ao ser humano lembrar-se da brevidade da sua existência, remetendo para a sua própria morte.*” Esta, não passando de “*fenómeno imponderável que desafia a razão, ... revela-se no sentido em que fala da vida. Tal como diz Epicuro, enquanto existimos a morte está ausente. Quando a morte acontece deixamos de existir (cf. Louis-Vincent Thomas, Mort et pouvoir, p. 15)*”¹¹⁰.

Directamente relacionada com o culto da morte, a temática cemiterial foi tratada ao longo dos tempos de diferentes formas, em todas as suas vertentes, consoante os povos e os seus costumes.

Na antiguidade a morte era encarada como um passo para um novo mundo, de tal forma que, em algumas comunidades, os líderes quando morriam, eram sepultados acompanhados pelos seus familiares mais chegados e servos, numa perspectiva de continuação da vida que havia sido interrompida.

Os romanos enterravam os seus mortos fora das cidades, em catacumbas ou à beira das estradas, como é o caso da Via Ápia.

Com a cristianização os enterramentos, que inicialmente também eram feitos em catacumbas, passaram progressivamente a ser efectuados junto aos lugares sagrados, nas igrejas e seus adros¹¹¹. Este procedimento manteve os defuntos no

¹¹⁰ Rita Mega, **Imagens da morte: A Escultura Funerária do século XIX nos cemitérios de Lisboa e Porto**, Tese de Mestrado em Teorias da Arte, Texto policopiado, Lisboa, [s.n.], 2001, p. 9.

¹¹¹ “*A morte para os cristãos era um estágio intermediário, um sono profundo do qual acordariam no dia da ressurreição, quando as almas voltariam a habitar os corpos. É devido a essa crença que os cristãos há muito tempo enterram os corpos dos defuntos com grande escrupulo.*” Rodrigo Feliciano Caputo, “O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um Percurso Histórico”, **Revista Multidisciplinar da INIESP, Saber Académico**, N.º 6, 2008, disponível em <www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>, acedido a 3.8.2010.

interior das cidades, em permanente “contacto” com os vivos, aquando das suas deslocações às igrejas, para práticas religiosas.

Posteriormente criaram-se junto às igrejas lugares próprios, quadrangulares e fechados - os Cemitérios¹¹².

Na Idade Média aceitava-se a morte como destino final de todos os homens sendo, por isso, encarada como um facto natural. Na maioria dos casos ocorria em casa, para onde se deslocavam os parentes e amigos do moribundo a fim de se despedirem e para lhe prestarem uma última homenagem. Dispensava-se grande atenção ao defunto, com a realização de cerimónias fúnebres, e cumprindo-se um período de luto. Vulgarizaram-se as visitas ao cemitério, local que passou a representar o “campo de descanso após a morte”.

Contudo, neste período podem-se assinalar duas perspectivas diferentes relativamente a esta temática. Assim, destaca-se um primeiro momento que vai do séc. V até ao séc. XII e um segundo do séc. XII até ao séc. XV. No primeiro a morte era encarada como um fenómeno natural, após a qual o defunto encontraria o paraíso. O enterramento era efectuado nas igrejas e nos cemitérios anexos, “*perto dos santos e mártires*” que os protegeriam do inferno¹¹³.

No segundo momento porém, alterou-se esta convicção¹¹⁴. A ligação estreita até então verificada entre os vivos e os mortos deixou de existir, passando a evitar-se o mais possível qualquer contacto. Iniciou-se então o enterramento dos defuntos em caixões, como forma de os distanciar ainda mais dos vivos, que assim não os viam.

Por se tratar de local de aglomeração de pessoas, durante a Idade Média, estes eram lugares de preferência dos responsáveis locais, tanto laicos como religiosos, para discussão dos assuntos relacionados com os habitantes e os problemas regionais.

¹¹² Em 1835, na sua obra “Memória sobre a Inconveniência dos Enterros nas Igrejas e Utilidade da Construção de Cemitérios”, p. 32, Francisco D’Assis Sousa Vaz sugere que “*Por este nome deve entender-se um campo espaçoso e descoberto aonde se enterrarão os mortos.*”; Cf. J. M. Simões Ferreira, **Arquitectura para a Morte – A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura**, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas; Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia; António Coelho Dias, S.A., 2009, p. 1029.

¹¹³ Rodrigo Feliciano Caputo, “O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um Percurso Histórico”, in **Revista Multidisciplinar da INIESP, Saber Académico**, N.º 6, 2008, disponível em <www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>, acedido a 3.8.2010.

¹¹⁴ “... ao invés da certeza passa a reinar a incerteza, uma vez que agora cabia à Igreja intermediar o acesso da alma ao paraíso e o julgamento final deixava de ser visto como evento que ocorreria nos Tempos Finais e passa a ser visto como um evento que aconteceria imediatamente após a morte e resultaria na descida ao inferno (no sofrimento eterno) ou a ascensão aos céus (na alegria eterna) e isso dependeria da conduta do moribundo antes da morte.” Rodrigo Feliciano Caputo, “O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um Percurso Histórico”, Op. Cit.

Com a alteração de hábitos e estilos de vida das populações provocada pela Revolução Industrial, as mortes começaram gradualmente a ocorrer maioritariamente nos hospitais, para onde as pessoas eram levadas quando adoeciam. Este facto representou uma das razões do afastamento tanto dos adultos como das crianças da temática da morte e de tudo o que lhe está directamente relacionado. Esta situação ainda se mantém, notando-se uma progressiva e acentuada distanciação deste fenómeno¹¹⁵.

A fundação dos cemitérios como hoje os conhecemos deve-se a vários factores que, conjugados, determinaram a sua criação. O aumento demográfico que se verificava nas cidades, as guerras e as epidemias, foram motivos que, entre outros, levaram ao completo esgotamento dos lugares de enterramento tradicionais. Mas, já anteriormente a estes motivos, despontava outro, poderoso, que, só por si, constituiria uma autêntica revolução nas mentalidades: as medidas higienistas que se pretendiam introduzir nos hábitos das populações.

Estas medidas já estavam a ser postas em prática noutros países europeus e tinham por finalidade acabar com os hábitos até então vigentes no enterramento dos mortos, que, devido à forma como eram realizados¹¹⁶, davam lugar ao aparecimento de doenças e epidemias, e portanto muitas mortes a elas associadas.

Este novo ideário, com medidas, (necessárias e de natureza prática) que levaram à introdução e proliferação dos cemitérios, bem como a reacção das classes sociais a essa profunda alteração de hábitos, trouxe associada uma nova forma de pensar estas práticas, facto que nem sempre foi pacífico no seu início, pois interferia com rituais de há muito enraizados nos costumes, o que, como é natural, implicava algum cuidado na sua implementação.

Prolongou-se no tempo esta alteração estrutural de costumes, pois aquilo que para nós constitui um procedimento normal (enterramento dos mortos em terrenos expressamente destinados a esse fim – cemitérios) constituiu assunto de acesa polémica. Nos finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX, esta questão deu lugar a diversas revoltas, tanto a nível nacional como internacional. Em Portugal, a mais famosa teve lugar em 1846 e ficou conhecida por Revolta da Maria da Fonte. Um dos motivos que deu origem a esta revolta foi justamente a alteração da prática corrente de enterramento nas igrejas que era tida até então como correcta.

¹¹⁵ De realçar a “relação próxima” das crianças com a morte que até então existia, facilitada pelo facto de as pessoas habitualmente morrerem em casa e ali serem veladas.

¹¹⁶ Grande parte dos enterramentos era feita muito à superfície, o que levava a que constantemente se pudessem observar os processos de decomposição dos corpos, com todas as consequências que daí advinham, uma vez que os covais eram frequentemente abertos para novas inumações.

Já desde há muito tempo se levantavam, em diversos países, vozes chamando a atenção para a falta de salubridade e das condições de higiene que resultavam do facto de os enterramentos serem feitos em espaços de culto (igrejas) ou nas suas imediações, práticas que se começavam a considerar como pouco higiénicas e que colocavam em risco a saúde pública.

Foi no séc. XVIII, todavia, que começaram a surgir por toda a Europa, com particular destaque para a Inglaterra e França, novas ideias e noções de higiene. Neste contexto Napoleão impôs os enterramentos nos cemitérios públicos por leis de 1804, reiteradas novamente em 1808.

Para além da questão higienista, a criação dos cemitérios públicos era igualmente consequência da progressiva laicização da morte, o que obviamente não era bem aceite nos meios eclesiásticos que, naturalmente, defendiam o enterramento em local sagrado, condição essencial para alcançar a salvação.

O clero participou também na contestação aos enterramentos nos cemitérios, especialmente em Espanha, pois em grande parte também os seus membros não concordavam com as novas disposições. A quebra de alguns benefícios e das receitas cobradas no anterior sistema, seriam provavelmente razões para esta discordância¹¹⁷. Apoiavam por isso as populações, que assim, se sentiam em melhores condições para combater as novas disposições legislativas.

Também a Portugal chegaram estas alterações. Na verdade esta situação já vinha sendo estudada e debatida desde 1755, devido ao grave problema surgido pelo elevado número de mortos resultantes do terramoto. Como refere Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira¹¹⁸ “*As novas ideias de higiene e de medicina preventiva ganharam adeptos não só entre o corpo médico e a intelligentsia, mas também entre os altos funcionários do Estado Absoluto, como o Intendente da Polícia Pina Manique.*” É sob a sua influência junto do governo da Rainha D. Maria I que em 1796 surge legislação sobre os enterramentos que previa já “*a compra de terreno para construção de dois grandes cemitérios extra-muros na capital*”¹¹⁹.

¹¹⁷ J. M. Simões Ferreira, **Arquitectura para a Morte – A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura**, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas; Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia; António Coelho Dias, S.A., 2009, p. 1016.

¹¹⁸ Na sua Tese de Doutoramento, **A luta contra os cemitérios públicos no século XIX**, [S.l.: s.n.], 1996, Sep. de: Ler História, p.19.

¹¹⁹ Existiam já desde o séc. XVI em Lisboa, alguns cemitérios, instituídos numa tentativa de resposta relativamente aos episódios de peste e epidemias com que se confrontou. Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, **A luta contra os cemitérios públicos no século XIX**, p.19.

Com o decorrer do tempo, foi-se afirmando a noção da urgente necessidade da implantação de cemitérios públicos, dados os perigos resultantes do enterramento nos templos de tão grande número de pessoas¹²⁰. Eram argumentos que principalmente os mais esclarecidos reconheciam como correctos. As pessoas oriundas das classes mais baixas, pelo contrário, não os aceitavam, considerando que os defuntos ficavam desprotegidos se sepultados longe da alçada dos lugares santos anteriormente utilizados. Contrariamente ao que acontecia nos outros países, o clero em Portugal não teve grande influência nas revoltas das populações, que avançaram com os protestos independentemente da sua acção¹²¹.

Só em 1835¹²² saiu legislação sobre o assunto, tendo sido decretada a proibição definitiva dos enterramentos naqueles locais e a edificação de cemitérios, por todo o país, nos moldes exigidos também internacionalmente: fora das povoações, voltados a Norte ou Nascente e, sempre que possível, abrigados por florestas ou montanhas. Deviam igualmente ter dimensão suficiente para responder às necessidades das localidades, atendendo a que as sepulturas deviam ser abertas apenas ao fim de 5 anos, as quais deviam conter apenas um corpo. Estabelecia-se também a distância entre as campas, a profundidade e a imposição da sua delimitação por um muro de pelo menos dez palmos de altura. Quando não fosse viável essa localização, deveria procurar-se que se situassem o mais distante das localidades possível. Para controlar o cumprimento da legislação eram nomeados os municípios e as juntas da paróquia, que deveriam cuidar da conservação dos cemitérios, da realização dos serviços fúnebres, bem como de todos os serviços necessários para o bom desenvolvimento das suas novas atribuições. Para financiar essas actividades era criada uma taxa a pagar pelas populações.

Esta legislação, veio de certa forma laicizar os enterramentos, pois implicava uma alteração decisiva nas práticas comuns até então. A contestação a tal alteração não se fez sentir, mas foi feita de modos diferentes no país¹²³, com o Norte a pretender manter a anterior situação e o Sul aceitando as mudanças, sendo, na segunda metade

¹²⁰ Numa atitude conciliadora, as autoridades oitocentistas procuraram instalar sempre que possível os cemitérios em campos santos. Foi o caso do cemitério de Évora, onde ainda foram colocadas estátuas de santos em vários quarteirões, aos quais deram o nome, factor que possivelmente contribuiu para a sua aceitação por parte da população.

¹²¹ Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, **A luta contra os cemitérios públicos no século XIX**, Op. Cit., p. 25 e seguintes.

¹²² Decretos de 21.9. e 8.10., emanados pelo governo de Rodrigo da Fonseca Magalhães.

¹²³ De referir igualmente que alguma contestação se prendia também com as exigências, por parte de alguns sectores religiosos (católicos), com a rejeição dos enterramentos de pessoas de outras religiões ou mesmo relativamente às vindas de famílias católicas, mas não baptizadas, nomeadamente crianças, ou de todos aqueles que por qualquer outra razão ou condição consideravam indignos.

do séc. XIX a percentagem de enterramentos feitos em igrejas no Norte de 52,2% enquanto no Sul era de 7,6%¹²⁴.

Surgiram posteriormente outros diplomas tendentes a regularizar estas questões e a melhorar e modernizar as práticas de funcionamento, nomeadamente o Decreto promulgado pelo governo de Costa Cabral datado de 18 de Setembro de 1844 que, entre outras disposições, criou a Repartição de Saúde Pública.

Até 1880 foram emitidos diversos diplomas, que culminaram com a reforma implementada por Ricardo Jorge¹²⁵ entre 1899 e 1901, da qual resultaram a criação da Direcção Geral de Saúde e de Beneficência Pública e o Instituto Central de Higiene. Também neste período foram criadas a Assistência Nacional aos Tuberculosos e a Liga Nacional contra a Tuberculose, grande flagelo com que na época o país se debatia.

Todos estes factores determinaram uma profunda transformação na forma de encarar a morte e tudo o que lhe está associado.

Já nos finais do séc. XVIII o falecido era considerado, nalguns grupos sociais, como uma referência de determinada família e não como fazendo parte da comunidade, como até então era habitual considerar.

Tornava-se desejável que se olhasse para a morte como um prolongamento da vida que o defunto tinha tido, possibilitando, em última análise, a continuidade da família, enquanto se procurava que o lugar onde o morto repousava ficasse bem demarcado. Este factor permitiu um conseqüente crescimento de um culto pelos túmulos privados, em detrimento dos antigos espaços sepulcrais erigidos nas igrejas.

A construção de jazigos em vários estilos arquitectónicos, bem como a presença de esculturas, utilização de ferro, mármore, etc., impunha-se, pois pretendia-se a construção do túmulo à imagem do seu proprietário, da sua vida, e da

¹²⁴ Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, **A luta contra os cemitérios públicos no século XIX**, Op. Cit., p. 25 e seguintes.

¹²⁵ Ricardo de Almeida Jorge, nasceu no Porto em 1858 e faleceu em Lisboa em 1939. Foi médico, professor de medicina, investigador e político, tendo também desenvolvido trabalhos noutras áreas do saber. Inicialmente dedicado às questões neurológicas, o seu interesse concentrou-se depois nas relativas à higiene e saúde públicas. Destacando-se como higienista e epidemiologista, pode considerar-se como o impulsionador da temática da saúde pública e suas especificidades em Portugal. Desempenhou diversos cargos públicos, de que se destaca o de Inspector-Geral de Saúde. Fundou em 1899 o Instituto Central de Higiene (actual Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge). O seu trabalho levou à publicação do Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública em 1901, que reviu em 1926. Participou em diversas organizações nacionais e internacionais e representou Portugal no Office Internacional d'Hygiene de Paris, a partir de 1912. Foi presidente da Sociedade das Ciências Médicas nos anos de 1914/15. Representou Portugal no Comité de Higiene da Sociedade das Nações e foi nomeado em 1929 Presidente do Conselho Técnico Superior de Higiene. Possuía uma importante biblioteca pessoal e produziu uma vasta obra literária, tanto no que respeita a trabalhos científicos – especialmente sobre higiene pública e doenças infecto-contagiosas, mas também sobre arte, literatura ou história da medicina.

sua condição social. Também os epitáfios reflectiam, em muitos casos, esse desejo de enaltecer a vida e os feitos do defunto, dando-os a conhecer publicamente. Como refere Fernando Catroga: “*A campa individual, o túmulo de pedra, o jazigo, o epitáfio, a estátua, a fotografia, mais não são do que expressões iconográficas de um processo dissimulador da morte e individualizador da memória do finado.*”¹²⁶

Considerados por muitos como “segundas cidades”, nos cemitérios podem-se reconhecer muitas semelhanças com as “cidades dos vivos”, já que neles encontramos os sinais da sua riqueza, as notórias diferenças entre as classes sociais, o gosto pela arte, a utilização dos materiais, enfim uma diversidade em tudo idêntica a estas. Muitos os consideram como “museus a céu aberto”, atendendo à quantidade e qualidade das obras de arte que ali se encontram¹²⁷.

São locais que despertam a atenção pelos mais variados motivos, seja por admiração pelo recinto e pelos elementos lá existentes, ou simplesmente por medo, ou pelos sentimentos de silêncio, tranquilidade e imperturbabilidade que deles emanam. Outro tipo de razões leva igualmente visitantes a estes espaços. Prendem-se com crenças, com veneração popular a determinadas pessoas que lá se encontram sepultadas, interesse pelas sepulturas colectivas neles existentes, representativas de grupos com grande ligação à região, ou por curiosidades ligadas à história local ou nacional ou de qualquer outro tipo.

Os cemitérios localizavam-se inicialmente fora dos centros urbanos, situação que constituiu uma das causas da sua não-aceitação pelas populações, como atrás vimos, pois consideravam haver falta da protecção divina conferida pela proximidade do espaço de culto onde antes se instituía. No entanto, com o natural crescimento das cidades, acabaram, em grande parte, por ser “absorvidos” pelo crescimento da própria cidade, que se desenvolveu em seu redor, tornando-os assim elementos da paisagem urbana.

No que se refere ao ordenamento do cemitério, sobressai a existência de zonas centrais – avenidas e praças -, onde se situam os jazigos e mausoléus das mais ricas e importantes famílias da cidade, bem como de zonas periféricas, mais pobres, destinadas às restantes classes sociais. Em alguns cemitérios também as diferenças

¹²⁶ Fernando Catroga, *Morte romântica e Religiosidade cívica*, in **História de Portugal**, Dir. José Mattoso, Vol. V, Círculo de Leitores, Lda. e Autores, Lisboa, 1993, p. 600.

¹²⁷ Francisco Queiroz, “*Os Cemitérios Históricos e o seu potencial turístico em Portugal*”, disponível em <<http://21gramas.pt/uploads/17480711200709.pdf>>, acedido em 8.6.2010, e Alfredo de Sousa, “*Turismo em Cemitérios mostra história e cultura. Um verdadeiro museu a céu aberto está nos cemitérios*”, disponível em <www.fals.com.br/principal.cfm.?page=news&a=79&b=8638>, acedido em 10.2.2010.

religiosas estão assinaladas, encontrando-se devidamente separadas no espaço dos mesmos.

Devem contudo, ser encarados e tratados com muita prudência, dados os riscos que podem originar, devido aos impactos ambientais que são capazes de produzir, caso não sejam observadas as normas de segurança previstas para a sua implantação. Referimo-nos à observância dos necessários cuidados no manuseamento dos materiais constituídos pelos restos das exumações, cujo tratamento deverá ser adequado, nunca se podendo misturar com o lixo produzido nas restantes instalações. A possível contaminação de águas subterrâneas pouco profundas constitui um dos riscos mais perigosos para a saúde pública, pois provoca graves doenças nas populações afectadas, situação a observar igualmente quanto às águas superficiais.

Outro dos riscos vem da libertação de gases aquando do processo de decomposição dos cadáveres. Este facto constitui um risco que se poderá revelar muito elevado para as zonas habitadas no espaço envolvente, se não forem observadas algumas regras essenciais, para a prevenção da saúde pública e a preservação do ambiente.

3.2. A instalação do Cemitério na Cerca do Convento de Nossa Senhora dos Remédios

Nos finais da década de 30 do séc. XIX, a cidade debatia-se com o problema provocado pela falta de local para instalação de um cemitério que se revelasse como uma alternativa aos que até então funcionavam¹²⁸ e se localizavam nos terrenos do antigo Forte do Aça¹²⁹ e nos fossos do extinto Convento de Santo António da Piedade, que funcionavam provisoriamente (1834/1840), mas que já não conseguiam responder convenientemente às necessidades, por falta de condições e de espaço para ampliação¹³⁰. Por outro lado procurava cumprir a legislação entretanto emanada no sentido da instalação de cemitérios nas localidades e responder às novas correntes

¹²⁸ A cidade dispunha de espaços para sepultar os seus defuntos além das igrejas, como o Forte do Aça, ou o Convento de Sto. António.

¹²⁹ Em alguns textos encontramos referido “Assa” para designar aquele Forte.

¹³⁰ Eram locais que não possuíam condições de salubridade nem de expansão, o que causava uma necessidade imperiosa de se encontrar um local alternativo, que permitisse a instalação de um cemitério público que respondesse às exigências que, na época, eram fortemente reclamadas pelos novos governantes e homens da ciência.

em desenvolvimento na época, relativas ao cumprimento de novas normas de higiene e saúde públicas.

Com o intuito de resolver este problema, que tendia a agravar-se, resolveu a Câmara Municipal solicitar a D. Maria II a cedência do Convento de Nossa Senhora dos Remédios, dado que se encontrava devoluto após o seu abandono pelos frades Carmelitas Descalços, na sequência da extinção das ordens religiosas. Além disso, este convento possuía as condições necessárias para a instalação de um cemitério. A rainha atendeu o pedido e o Convento passou para a posse da Câmara Municipal para na sua cerca se instituir o Cemitério Público, conforme Carta de Lei de 30 de Julho de 1839¹³¹, assinada por D. Maria II.

Todavia, tal como aconteceu em vários outros casos também em Évora as religiosas que permaneceram nos conventos após o decreto da sua extinção procuraram não seguir a obrigação de serem sepultadas nos cemitérios públicos. Como pudemos comprovar aquando das pesquisas realizadas no Arquivo Distrital de Évora, tanto as Religiosas de Santa Clara como as Carmelitas Descalças (de S. José), enviaram pedidos à Rainha, solicitando autorização para serem sepultadas nos respectivos conventos. Neste caso as Carmelitas Descalças foram atendidas no seu pedido, o que não deverá ter acontecido com as de Santa Clara, pois a última destas religiosas, a Abadessa Soror Maria Ludovina do Carmo, falecida em 1903, encontra-se sepultada neste Cemitério e não dentro do convento¹³².

O Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios foi inaugurado no dia 10 de Julho de 1840.

Aquando da sua instalação foi determinada a colocação de algumas peças provenientes do Convento de S. Domingos, que na época era objecto de demolição. Para a entrada foi colocado o portal da Renascença, cuja autoria se atribui a Nicolau Chanterene, datado de 1537/38 e cujos trabalhos de deslocação foram à praça para arrematação, mediante o "*Planno e Orsamento do Pórtico*". A base de licitação era de 300\$000, como se pode observar no documento reproduzido no Anexo II-d¹³³, que se encontra em arquivo na Câmara Municipal.

Na parte interior do portal do Cemitério foram colocadas as imagens da Santíssima Trindade e a de Jesus Cristo. Estas imagens foram posteriormente

¹³¹ Cf. Anexo II.

¹³² Não encontramos na documentação a resposta da rainha ao pedido das Religiosas de Santa Clara. No entanto ali se encontram os pareceres, todos desfavoráveis, dos três médicos consultados para fundamentar a decisão régia.

¹³³ Localizámos este documento inserido num numeroso conjunto de documentos, que se encontravam num compartimento do Convento, não tendo infelizmente conseguido localizar a parte desenhada que a ele estaria anexo, e a que o texto faz referência.

deslocadas para o Museu Regional, a fim de integrar a colecção referente à Escultura Medieval¹³⁴.

Do período da ocupação pelos frades carmelitas descalços, permaneceram os dois bancos de pedra com painéis de azulejo que ainda se encontram embutidos no muro que separa a zona da entrada precedente ao espaço cemiterial, bem como o relógio de sol.

Contando o cemitério de início com 11 quarteirões, foram colocadas em alguns deles imagens de santos, provenientes dos extintos Conventos de S. Domingos, de onde veio o portal, e dos Conventos da Cartuxa e de N^a Sr^a da Graça¹³⁵, todas executadas em mármore branco da região. Estas imagens deram o nome aos quarteirões onde foram colocadas: N^a. Sr^a. do Leite, S. João Baptista, S. Francisco Xavier, N^a. Sr^a. dos Remédios, S. José, S. Bruno. Contava ainda com os quarteirões do 1^o Cruzeiro, 2^o Cruzeiro, Relógio de Sol, N^a. Sr^a. das Mercês e uma zona destinada a “enterros civis”.

Para a inauguração deliberou a Câmara Municipal que se requisitasse ao Arcebispado a bênção do

“(...) novo Cemitério por se achar em estado de poder receber os Cadáveres; cuja acção se espera seja celebrada no dia 10 do corrente do futuro mez, e que no dia 9 de tarde, fossem levados em solenne procissão as Venerandas Imagens, pertencentes à Igreja do Cemitério, e collocadas em seu logar com a maior decencia.(...)”¹³⁶

Logo desde o início foram comprados terrenos para construção de jazigos-capela ou escultóricos¹³⁷, o que provocava repetidamente a necessidade de novos espaços para as sepulturas temporárias. Com o decorrer do tempo foi sendo necessário proceder a sucessivas ampliações, como vimos no ponto 2.7., acrescentando-se 14 quarteirões aos anteriores. Actualmente os quarteirões perfazem um total de 25 e os novos têm as seguintes denominações: Sto. António, S. Sebastião, S. Manços, N^a. Sr^a. da Saúde, Sr^a. de Sant’Ana, Sta. Madalena, N^a Sr^a. dos Mártires, N^a. Sr^a. da Conceição, Sta. Margarida, S. Caetano, Do Norte, Do Centro, Do Sul e Historiadores (Fig. 8).

¹³⁴ Após diligências nesse sentido realizadas pelos Dr. Mário Chicó e Sr. Túlio Espanca. Túlio Espanca, “Subsídios para a História Contemporânea da Cidade”, in **A Cidade de Évora**, nºs 65-66, Anos XXXIX-LX, 1982-83, p. 211 e seguintes.

¹³⁵ Túlio Espanca, **Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora**. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1966, Vol. I, p. 318.

¹³⁶ A. D. E. - Fundo da Câmara Municipal de Évora.

¹³⁷ No que se refere aos jazigos, sabe-se que os seus proprietários recorreram a oficinas de Évora e de outras partes do país para a execução destas construções.

Com a instalação da empresa Rodoviária Nacional nos terrenos confinantes com o Cemitério, não pôde, a partir de então, o mesmo continuar a ser ampliado. Houve por isso a necessidade de procurar um espaço para instalação de um novo cemitério, uma vez que o existente rapidamente deixaria de dar resposta às necessidades da cidade. Após alguns estudos foi decidida a instalação do novo cemitério na zona do Espinheiro, o que acabou por acontecer, com a sua inauguração em 23 de Maio de 1989.

A organização do Cemitério e a sua ornamentação mantiveram-se quase intactos até ao presente, tendo entretanto surgido outro tipo de construções – os jazigos colectivos, destacando-se os da Liga dos Combatentes e dos Bombeiros Voluntários.



Figura 8 - Cemitério de N.ª Sr.ª dos Remédios. Planta com identificação Quarteirões

Nova alteração se registou no Cemitério em 1972, quando se reuniram num recanto do mesmo, junto ao edifício do convento, as sepulturas de duas importantes personalidades ligadas à história da cidade: Mário Chicó e Gabriel Pereira, e para

onde recentemente foram trasladados os restos mortais de António Francisco Barata. Instituiu-se então um novo quarteirão designado de “Quarteirão dos Historiadores”.

3.3. Organização Funcional do Cemitério

Para a instalação do cemitério, o espaço da cerca do convento foi dividido em quarteirões. Estes obedeceram a uma métrica que nos arriscamos a classificar de “pombalina”. Como podemos observar na planta do cemitério (ver Fig. 7) a zona foi dividida em parcelas de áreas idênticas, com a criação de avenidas centrais e ruas paralelas, com praças e cruzamentos, num esquema em tudo semelhante e comparável ao praticado na baixa pombalina de Lisboa e que foi seguida pela maioria dos cemitérios nacionais¹³⁸.

Para dar cumprimento às exigências de manutenção de uma boa qualidade do ar foram plantadas árvores e, quanto à manutenção do espaço nas melhores condições as ruas foram pavimentadas e instalado um sistema de esgotos de águas pluviais e construídas instalações sanitárias (como vimos no ponto 2.7.).

Para realizarmos o estudo relativo às condições de conservação do cemitério, optámos pela elaboração de fichas individuais de todos os jazigos-capela construídos no Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios, bem como dos que designámos “jazigos-catacumba” e alguns “escultóricos”, desde a sua inauguração até à presente data. Para isso agrupámo-los em sete categorias, de A a G¹³⁹. Apenas destacámos os que, pelas suas características arquitectónicas ou pelas pessoas que lá estão sepultadas, considerámos de realçar, constando na coluna “Observações” da ficha elaborada as razões da nossa escolha.

Relativamente aos restantes túmulos, atendendo ao seu elevado número, não se afigurou possível elaborar fichas de todos.

Procedemos então à análise do cemitério partindo dos tipos de sepulturas, quarteirão a quarteirão, com base nas categorias previamente estabelecidas:

¹³⁸ Apenas alguns exemplos: Cemitério dos Prazeres e Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa; Cemitério do Prado do Repouso e Cemitério de Agramonte, no Porto; Cemitério da Conchada em Coimbra.

¹³⁹ Esta divisão foi realizada tendo por base os elementos constituintes das sepulturas, tanto no que se refere à estatuária, como ao ferro e ao vidro, rochas ornamentais utilizadas e outros.

Embora em alguns casos esta divisão se possa confundir com o tipo de enterramento, tal não deverá ser considerado por não ter sido essa a intenção, como referimos. Apenas nos interessou o que aos elementos patrimoniais dizia respeito.

- A - Jazigos-capela - Construções comparáveis a capelas, com porta.
- B - Jazigos-catacumba - Construção limitada á área ocupada pela urna (muitos com subterrâneo).
- C - Jazigos escultóricos - Com elementos escultóricos
- D - Jazigos duplos – Construção com duas sepulturas lado a lado, frequentemente ligadas e em alguns casos rasas
- E - Jazigos simples – Construção com apenas uma sepultura
- F - Jazigos colectivos – Construção que pode conter elementos escultóricos ou várias sepulturas ou construções. São, por exemplo, de Instituições, Militares, Associações, Religiosos, etc.
- G - Campa Rasa - Apenas limitada a uma lápide.

A análise com base nas categorias acima indicadas permitiu que no final, pudéssemos retirar algumas conclusões sobre as características dos jazigos e campas analisadas e sobre as condições de conservação e preservação patrimonial de cada quarteirão.

3.4. Jazigos e Quarteirões

O primeiro enterramento registado em 1 de Junho de 1843 no “*Livro dos assentos dos Mortos*” foi o morgado Luiz de Macedo Guerreiro de Sequeira Souza Reimão.

De entre os numerosos documentos, plantas e projectos que encontrámos no decorrer das pesquisas efectuadas, destacou-se um. Trata-se de uma planta, completamente ignorada, de um jazigo municipal. Não foi ainda possível apurar informações relativas a este projecto, pois não havia na documentação estudada nenhuma indicação relacionada com ele. Não está datada, nem possui indicação alguma que nos possa auxiliar na obtenção de informações relativas ao objectivo da construção, para quem se destinava (elementos de vereações, pessoas ilustres ligadas ao governo da cidade ou outros), nem as razões pelas quais o projecto não foi executado. Apenas temos duas certezas: tratava-se de um jazigo de iniciativa municipal e não foi executado o projecto pois aquela construção não existe no cemitério.

Seria grandioso, com 6,50 m x 7,05 m, como se pode observar na Fig. 9. Teria espaço para, pelo menos 60 depósitos, pois admitindo que contaria com catacumba (cave), esse número seria muito mais elevado.

Como podemos observar, seria de estilo neo-clássico, com um grande frontão triangular, assente em quatro colunas e enriquecido por peças de estatuária de grandes dimensões, dispostas na parte superior do frontão e na fachada, ladeando a porta.

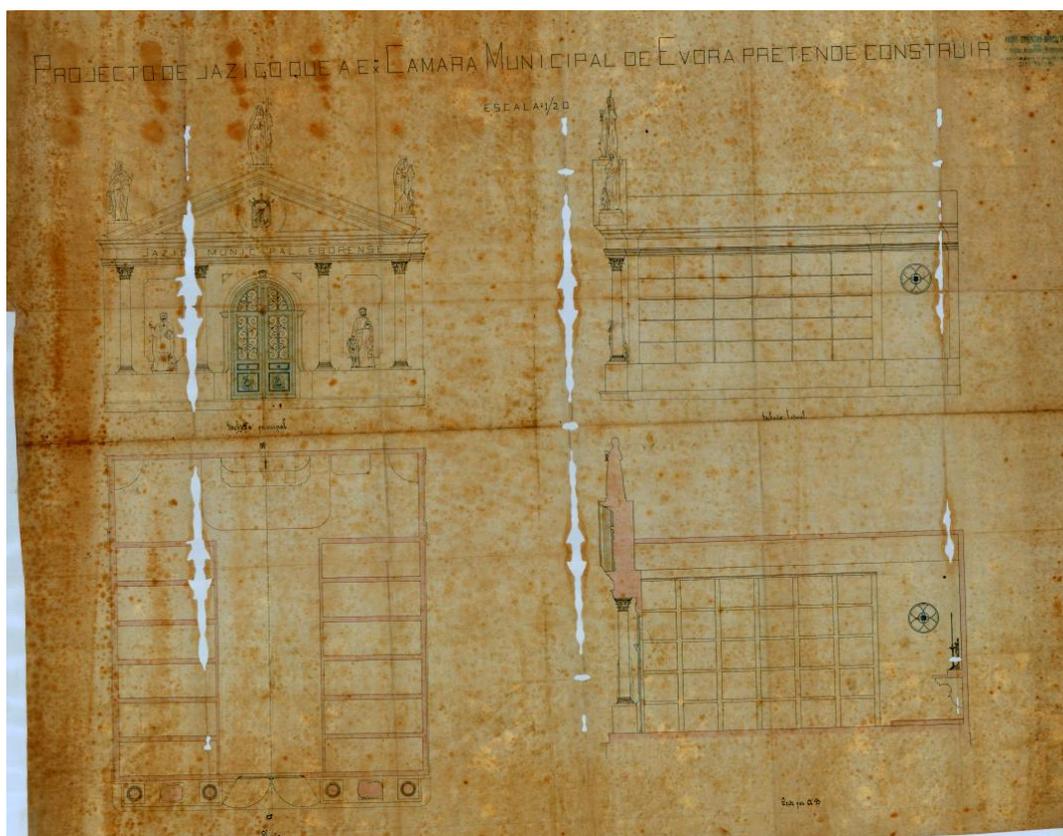


Figura 9 - Planta de Jazigo Municipal. Fonte: Arquivo C.M.E.

Será uma matéria a esclarecer, logo que seja possível analisar toda a documentação existente, o que se prevê se prolongue no tempo, atendendo à actual falta de informação sobre este projecto.

Para a melhor compreensão do cemitério e para mais facilmente retirarmos conclusões, elaborámos gráficos a partir das fichas previamente preenchidas. Apesar destas serem apenas uma amostra, seleccionada a partir de tipos de sepulturas previamente definidos, não quisemos deixar de fazer um breve resumo, por Quarteirão, das situações que encontrámos e que considerámos de destacar. Ficaram

obviamente temas interessantes por analisar, como por exemplo os epitáfios, o tipo de elementos decorativos aplicados e as lápides ou placas de homenagem ao defunto. Não eram, no entanto, objecto do nosso estudo, pelo que apenas pretendemos realçar alguns dos elementos existentes, tendo evidentemente ficado por referir grande parte da informação.

Procurámos que o texto produzido obedecesse a uma linha de orientação idêntica para todos os quarteirões, embora com as inevitáveis alterações, adequadas às diferentes situações de cada um, de forma a permitir uma melhor compreensão.

Apenas referimos o revestimento das sepulturas quando executadas em materiais diferentes do mármore, por ser este o mais utilizado no cemitério.

De uma análise geral, é de destacar também a existência de algumas campas em terra, apenas com uma cruz em ferro, ou com redomas, estas por vezes cobertas com pano de crochet, que apesar de muito antigas, felizmente ainda ali permanecem. De registar também a existência de outro tipo de sepultura com cercadura de ferro, e outras apenas constituídas por uma pedra, rasa, umas identificadas e outras não, já degradadas mas representativas da época inicial do Cemitério.

De uma maneira geral os jazigos-capela existentes caracterizam-se por se apresentar em bom estado de conservação, registando nós, nas fichas, a sua situação actual e indicando aqueles que necessitam de trabalhos mais aprofundados de limpeza e de reparação, bem como arranjo e pintura das portas.

3.4.1. - Quarteirão do 1º Cruzeiro

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 540 sepulturas.

A peça que dá nome ao quarteirão é de mármore e, apesar de necessitar de alguma limpeza da pedra, encontra-se em bom estado.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Apenas 3 exemplares de jazigos-catacumbas, à superfície, com capacidade para um depósito.

Os jazigos analisados estão em razoável estado de conservação.

Possui 39 campas rasas, de diferentes épocas, mas todas antigas. Destas, 2 são revestidas a mosaico, sem identificação. Uma terceira com identificação através de uma placa, e 4 apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas.

Uma sepultura ostenta na lápide uma inscrição em latim, e outra uma cercadura de ferro com uma cruz na cabeceira igualmente em ferro. O espaço restante da sepultura não tem revestimento.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de peças partidas, ou já inexistentes em número significativo. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as suas características, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 3 militares mortos em combate, 4 doutores (1 médico), 1 engenheiro, 1 professor do Liceu e 1 Director de Finanças, 2 padres e uma pintora.

Relativamente a objectos colocados, de realçar o referente à homenagem do GOL a António dos Santos Cartaxo Junior, Maçon Eborense, e uma pomba que repousa no túmulo de Francisco Correia.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo), Unimármore (Tomar), e F. Dias Ramos (Vila Viçosa).

3.4.2. - Quarteirão de N^a. Sr^a. do Leite

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 380 sepulturas.

A imagem que dá nome ao quarteirão é de mármore e encontra-se degradada, com falhas, que também existem no pedestal, necessitando todo o conjunto de trabalhos de restauro.

Seis jazigos-catacumba, à superfície, dos quais 5 com capacidade para um depósito. Da “categoria” de jazigos simples destacámos três, pelas particularidades que apresentam: o nº 1 pela simplicidade, o nº 2 pela colocação de uma peça em mármore que representa uma máquina fotográfica em homenagem à profissão do seu titular e o terceiro pela singularidade da sepultura que está coberta de flores.

Os jazigos analisados estão, na sua maioria, em muito bom estado de conservação.

Possui 27 campas duplas, de que destacámos a referente aos Marqueses do Funchal e 31 rasas de diferentes épocas. Destas, 12 são revestidas apenas com cimento e 5 com mosaico, sem identificação.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, com elevado número de sepulturas tratadas e cuidadas. Contudo, também conta com um número significativo de sepulturas em mau estado de conservação, provavelmente

abandonadas, destacando-se algumas ainda com as fotografias, muito antigas, dos seus titulares, e numa outra permanece ainda a cercadura de ferro forjado, contendo em cada canto uma pequena estatueta com a imagem de Nossa Senhora.

Pelos epitáfios tomamos conhecimento que ali se encontram um militar morto em combate, doutores, 2 padres e um fotógrafo, bem como membros da nobreza.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: José Carmelo (Évora), A. da Silva Saial (Vila Viçosa), S. A. da Silva e Matos (Évora) e Mário Mármore e Granitos (Montemor-o-Novo).

3.4.3. - Quarteirão de N^a. Sr^a. das Mercês

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 190 sepulturas. Neste quarteirão está instalado o ossário.

Nele encontramos 17 jazigos-capela antigos. Apenas 2 exemplares de jazigos-catacumba, à superfície, um deles sem qualquer tipo de identificação, que se encontram em muito bom estado de conservação.

Possui 25 campas duplas, de que destacámos cinco, constantes nas fichas apresentadas no Anexo IV, bem como 4 da categoria dos “Escultóricos”, sendo um deles em granito e de estilo romântico. Possui 12 campas rasas, de diferentes épocas.

Os jazigos analisados apresentam-se em bom estado de conservação, necessitando, na sua maioria, de alguns trabalhos de limpeza da pedra.

De destacar ainda 4 sepulturas em terra com cercadura de ferro, 7 revestidas de azulejo e 4 em cimento. A maioria destas sepulturas não tem identificação. Duas apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas.

Neste quarteirão encontrámos 2 sepulturas colectivas, sendo uma pertencente aos Padres Salesianos e a outra ao Cenáculo das Cooperadoras Apostólicas da Obra de S. José Operário.

Patentes ainda uma campa apenas com uma cruz em ferro e uma com um elemento de ferro circular com porta de vidro, ambas degradadas.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência em algumas de peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de atenção, com a realização de

trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 4 militares um dos quais combatente da Grande Guerra, vários doutores, 1 aluno do Liceu de Évora, 3 padres, um dos quais monsenhor, secretário particular do Arcebispo.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Manuel Argente (Évora), Expomármore (Montemor-o-Novo), José V. Carmelo (Évora), Carlos A. Banha (Estremoz), António M. Rato e Filhos (Lisboa), L. F. da Silva (Évora).

Como exemplo dos muitos pontos de interesse existentes neste Quarteirão, salientamos dois, que não poderíamos deixar de mencionar: o primeiro refere-se à colocação de uma campa rasa ao lado do jazigo da Família Mattos Peres, onde repousa a “empregada de mais de quarenta anos”. O outro diz respeito a uma lápide colocada com o agradecimento “do neto que concluiu o curso de Advogado custeado pela avó Maria da Conceição Correia Vinagre Serra”, datada de 1985.

3.4.4. - Quarteirão de N^a. Sr^a. dos Remédios

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 1.110 sepulturas.

A peça que dá nome ao quarteirão é de mármore e, apesar de necessitar de uma profunda limpeza da pedra, tal como o pedestal, encontram-se em bom estado, não havendo falhas nem faltas a registar.

Possui 15 jazigos-capela antigos e 1 jazigo catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito. Destacam-se ainda 8 exemplares de jazigos escultóricos.

Dos jazigos analisados grande parte apresenta-se em bom estado de conservação, encontrando-se, todavia, alguns casos em muito mau estado, sobretudo os escultóricos. Para estes parece-nos urgente a intervenção de técnicos especializados com vista à sua rápida recuperação.

Possui um elevado número de campas rasas, na sua maioria de crianças, sobretudo no centro do quarteirão, destacando-se em muitas delas a originalidade das lápides colocadas (de que destacamos a de Maria Odete da Fonseca Ramalho e uma outra, datada de 1919 com inscrição em francês).

Conserva ainda 13 sepulturas com cercadura em ferro, e várias revestidas apenas com cimento, e outras com mosaicos.

Este quarteirão apresenta globalmente um bom estado de conservação, com sepulturas tratadas e cuidadas. Destaca-se, contudo, dos outros pela quantidade de sepulturas em terra, que por não possuírem qualquer tipo de revestimento, estão muito sujeitas à acção dos agentes climatéricos, ficando muitas vezes quase desfeitas, o que implica um cuidado constante.

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram militares, doutores, cónegos, um ex-Chantre da Sé de Évora e D. Jozé António da Matta e Silva, Arcebispo Metropolitano de Évora, entre vários outros cargos que desempenhou. Archimínio Caeiro e o Eng^o Caetano da Câmara Manoel¹⁴⁰ são algumas figuras conhecidas da cidade que ali repousam.

Relativamente a objectos colocados, de realçar o referente a uma placa oferecida como tributo pelo Moto-Clube do Barreiro.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: A. S. Machado (Borba), Jorge A. Cruz (Lisboa), F. Dias Ramos (Vila Viçosa), Of. Salles e Filhos (Lisboa), A. O. Gonçalves (Estremoz), L. F. da Silva (Évora) e Oficinas do Cortez de Montelavar.

Como exemplo dos muitos pontos de interesse existentes neste Quarteirão, salientamos dois, que não poderíamos deixar de mencionar: o primeiro refere-se à quantidade de motivos esculpidos no frontão do jazigo de João José Perdígão e o túmulo de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara¹⁴¹, no interior do jazigo de José Maria Gomes.

3.4.5. - Quarteirão do 2º Cruzeiro

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 430 sepulturas.

A peça que dá nome ao quarteirão é de mármore e o pedestal onde está assente encontra-se partido, necessitando todo o conjunto de trabalhos de limpeza e restauro.

Os jazigos analisados apresentam-se em bom estado de conservação, necessitando, na sua maioria, de ligeiros trabalhos de conservação.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, com a maioria das sepulturas tratadas e cuidadas.

¹⁴⁰ Duas destacadas individualidades da cidade. O primeiro um respeitado comerciante da cidade e tendo o segundo sido objecto de análise por João António Merca Pereira, na sua Tese de Mestrado em Estudos Históricos Europeus, *A intervenção dos Engenheiros e Condutores de obras na Modernização da cidade de Évora (1880-1920)*, apresentada na Universidade de Évora, 2005.

¹⁴¹ Médico, professor, político e bibliotecário, foi o primeiro bibliotecário civil a ser nomeado por D. Maria II. Figura destacada da cidade.

Possui 6 jazigos-capela antigos e dos escultóricos destacámos 8, pelas suas características, alguns dos quais são trabalhos que se encontram degradados e com peças partidas, devendo essa situação ser corrigida o mais rapidamente possível, pois trata-se de peças de estatuária muito interessantes.

Possui 33 campas rasas, de diferentes épocas, mas todas antigas. Destas, 10 são revestidas a cimento, uma das quais também com mosaicos e não têm identificação. Quatro apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas e 12 têm cercadura de ferro. De granito existem 7, e uma sepultura apresenta na lápide uma inscrição em latim.

Neste quarteirão encontrámos 2 sepulturas colectivas, sendo uma pertencente aos Padres Salesianos. A outra pertence à Sociedade Recreativa e Dramática Eborense e, apesar de datar de 25 de Abril de 2007, contem os restos mortais dos seus sócios mais antigos (1925).

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram 2 militares, membros da nobreza, padres e religiosas, um emigrante e um cigano.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Christiano T. da Queimada (Lisboa), António M. Rato e Filhos (Lisboa), L. F. da Silva (Évora), José Moreira Rato e Filhos (Lisboa) e Grael (Évora).

3.4.6. - Quarteirão de S. José

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 450 sepulturas.

A imagem que dá nome ao quarteirão é de mármore e o seu estado de conservação é razoável, pois necessita de limpeza bem como uma melhor consolidação do seu embazamento.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas (predominantemente dos anos 30/50) e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. Deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Os jazigos analisados apresentam-se, na sua maioria, em muito bom estado de conservação, havendo no entanto alguns casos a necessitar de trabalhos de conservação.

Contém 26 jazigos-capela antigos, alguns que parecem estar abandonados. Outros foram recentemente adquiridos por novos proprietários. Destacámos 4 jazigos escultóricos. Registámos 5 exemplares de jazigos-catacumbas, à superfície, com capacidade para dois depósitos.

Possui 2 campas rasas, 12 de granito, 3 com gradeamento em ferro e 3 apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra. Destacam-se ainda 34 sepulturas duplas e uma revestida de cimento.

Neste Quarteirão está instalado o mausoléu dos Bombeiros Voluntários de Évora, construído em 1936 (ver Ficha – Anexo IV). É um jazigo colectivo, composto por peças de estatuária e encontra-se em muito bom estado de conservação.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram muitos militares (general, major, capitão e coronéis), 3 doutores (1 médico), 3 professores (1 do Liceu), 1 chefe da secretaria da CME, vários ciganos, 5 padres, de entre eles um cônego e um Deão da Sé.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: L. F. da Silva (Évora), Francisco Dias Ramos (Vila Viçosa), A. S. Machado (Évora), Luiz Filipe da Silva (Lisboa), J. V. B. Neves (Évora), A. A. Loureiro (Lisboa), Sociedade de Mármore de Estremoz.

3.4.7. - Quarteirão de S. João Baptista

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 390 sepulturas.

A imagem que dá nome ao quarteirão é de mármore e encontra-se em bom estado apesar de se encontrar partida (faltam os braços). Necessita apenas de ser limpa bem como o pedestal.

Contém 11 jazigos-capela antigos e destacámos 5 escultóricos.

Os jazigos analisados apresentam-se em bom estado de conservação, necessitando, na sua maioria, de alguns trabalhos de conservação.

Possui 28 campas rasas, de diferentes épocas, uma delas brasonada. Conta ainda com 5 sepulturas duplas e 8 revestidas de cimento, 33 de granito, 3 com gradeamento em ferro e 5 revestidas a mosaicos. Com as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas existem 3 exemplares.

Este quarteirão apresenta globalmente um bom estado de conservação, com a maioria das sepulturas tratadas e cuidadas e um número muito reduzido de sepulturas em avançado estado de degradação.

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram 2 militares, 2 doutores, 1 professor do Liceu, 1 “*Matemático insigne*”, 1 padre e um meirinho do arcebispado. De destacar também o jazigo escultórico onde repousa Soror Maria Ludovina do Carmo¹⁴².

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: L. F. da Silva (Évora), António M. Rato e Filhos (Lisboa), e José M. Rato e Filhos (Lisboa).

3.4.8. - Quarteirão do Relógio de Sol

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 250 sepulturas.

O relógio de sol que dá nome ao quarteirão é de granito e necessita de alguns trabalhos de limpeza da pedra.

A maioria das sepulturas deste quarteirão está muito junto ao pavimento, quase podendo ser consideradas rasas e existe uma considerável percentagem de sepulturas dos anos 30/50 do séc. XX.

Ostenta 19 jazigos-capela, encontrando-se a maioria deles em muito bom estado de conservação, apenas com necessidade de algumas pequenas reparações. Um deles possui uma peça partida (pináculo).

Destacámos um jazigo escultórico, que se encontra em mau estado de conservação, necessitando de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém.

Possui 14 campas rasas, de diferentes épocas, mas todas antigas. Em granito existem 3, 7 duplas e 2 revestidas a mosaico. Com gradeamento em ferro subsistem 5, uma das quais possui uma armação para plantas e 4 apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 3 militares um dos quais combatente na 1ª Grande Guerra, uma professora, um pesquisador de correntes

¹⁴² A última Abadessa do Convento de Santa Clara, falecida em 1903.

de água e um director do Jornal “Notícias de Évora”. Também a Associação de Socorros Mútuos “O Legado do Caixeiro Alentejano” presta homenagem “*ao seu saudoso sócio organizador José Maria Correia*”, falecido em 5.12.1931.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sebastião A. Silva (Évora), M. Vultos (Évora), J. M. B. Neves (Évora), Carlos A. Banha (Estremoz).

3.4.9. - Quarteirão de S. Bruno

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 410 sepulturas.

A imagem que dá nome ao quarteirão é de mármore e encontra-se em bom estado de conservação, apenas necessitando de trabalhos de limpeza. O pedestal, pelo contrário necessita de maior atenção pois possui peças partidas.

Os jazigos analisados apresentam-se em bom estado de conservação, alguns apenas necessitando de trabalhos de limpeza muito ligeiros.

Possui 10 jazigos-capela e 3 exemplares de jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um e dois depósitos. Existe igualmente neste quarteirão uma sepultura colectiva pertencente às Religiosas Adoradoras.

Neste Quarteirão está instalado o Talhão da Liga dos Combatentes (ver Ficha – Anexo IV). É o maior deste género existente no Cemitério, com uma dimensão de 29m x 13m. Possui uma edificação, no interior da qual se encontram as urnas em depósito e, no exterior, uma zona dividida em sete conjuntos de sepulturas rasas, relvadas, perfazendo 56 sepulturas.

Possui 52 campas rasas, de diferentes épocas, mas todas antigas. Revestidas a mosaico subsistem 5, sem identificação e algumas degradadas. De cimento 5 e algumas em terra. Em granito existem 8, e duplas 7.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto primitivo. Também aqui existem sepulturas muito junto ao pavimento, quase rasas.

Pelos epitáfios sabemos que ali se encontram 12 militares alguns mortos em combate, médicos, 1 engenheiro, 1 professor primário, 2 ciganos, 1 chefe dos Bombeiros e 1 padre.

Relativamente a objectos colocados, de realçar as placas que homenageiam algumas pessoas que ali estão sepultadas.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: F. Dias Ramos (Vila Viçosa), Vultos (Évora), Marcolino C. Santa (Lisboa), Expomármore (Montemor-o-Novo).

3.4.10. - Quarteirão de S. Francisco Xavier

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 460 sepulturas.

A imagem que dá nome ao quarteirão é de mármore e necessita de trabalhos de limpeza da pedra. O pedestal apresenta falhas na pedra da base, necessitando de trabalhos de restauro.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Apenas 1 exemplar de jazigo catacumba, com capacidade para um depósito.

Possui 6 sepulturas duplas e 52 campas rasas, de diferentes épocas, mas todas antigas e uma com inscrições em latim.

Onze são revestidas a granito, 19 a cimento e 8 a azulejo (algumas das quais muito degradadas).

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, com sepulturas tratadas e cuidadas. Algumas apresentam peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 5 militares mortos em combate, 1 doutor, 1 cigano, 1 professor do Liceu e 1 Director de Finanças, 2 padres. Presentes igualmente placas que manifestam o seu pesar e dor pela morte do titular da sepultura, ali colocadas por amigos ou colegas de trabalho.

Registadas na pedra, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo), e Manuel Argente (Évora).

3.4.11. - Quarteirão dos “Enterros Civis”

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 50 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em bom estado de conservação, alguns apenas necessitando de trabalhos de conservação.

Possui apenas um jazigo de capela que não tem identificação. Da categoria jazigos-catacumba, à superfície, possui 2.

Possui diversas campas rasas, todas antigas, algumas apresentando-se degradadas com peças em falta. Contém também alguns jazigos escultóricos.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, contendo sepulturas muito antigas, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a presença de peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 1 médico, 1 cigano, Bernardo Matos, falecido em 1902 e o Coronel de Cavalaria Luis de Camões, que foi Presidente da CME.

Da verificação, no local, não conseguimos localizar nenhuma sepultura com indicação da oficina onde foi executada.

3.4.12. - Quarteirão de S. Manços

Quarteirão com aproximadamente 90 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação.

Contém 24 jazigos-capela antigos, aos quais se juntam 4 exemplares de jazigos-catacumba, com capacidade para 4 depósitos.

Este quarteirão possui uma elevada percentagem de sepulturas muito antigas mas, na sua maioria, tratadas e cuidadas, tal como os jazigos que exibem um bom estado de conservação (apesar de um ter um graffiti numa parede lateral), pelo que podemos considerar que todo o quarteirão apresenta aspecto cuidado e tratado.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram alguns doutores, 1 professor, 1 mestre-de-obras e um cigano.

Relativamente a objectos colocados, de realçar o referente à homenagem prestada pelos colegas a uma pessoa que ali está sepultada.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo), F. Dias Ramos (Vila Viçosa) e Manuel Argente (Évora).

3.4.13. - Quarteirão de S. Sebastião

Quarteirão com aproximadamente 540 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação.

Possui 14 jazigos-capela antigos e 5 jazigos-catacumba, à superfície. Da categoria de escultóricos sobressaem 4 de grandes dimensões.

Possui 17 campas rasas, de diferentes épocas, 9 duplas (uma delas com espaço para 5 inumações), 12 de granito e 11 revestidas a mosaico.

Uma mostra as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas e 7 foram revestidas a cimento.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

A existência de grande número de sepulturas de pessoas muito jovens chama a atenção, bem como o grande número que não tem identificação. Embora já desactivados permanecem ali dois recipientes utilizados para medição da pluviosidade.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 13 militares um deles morto em combate, bem como pessoas que na sua época se destacaram na cidade, como foi o caso, por exemplo, de António Joaquim C. B. Barreto, piloto de automóveis falecido em Saint Etienne, Prof. Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Manuel da Gaita, o pintor António Palolo e o fotógrafo Zé Ramos¹⁴³, em cuja sepultura foi colocada uma máquina fotográfica em mármore com a sua fotografia na objectiva.

Relativamente a objectos colocados, de realçar algumas lápides de homenagem de colegas de trabalho e um caso de oferta da Comunidade Portuguesa na cidade alemã de Dielingen.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo), Vultos (Évora), F. Dias Ramos (Vila Viçosa).

¹⁴³ Pessoas que, pela actividade que desenvolviam eram muito conhecidas e consideradas pelos habitantes da cidade.

3.4.14. - Quarteirão de Sto. António

Quarteirão com aproximadamente 340 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação.

Possui 13 jazigos-capela, alguns deles com a porta à esquerda e 4 exemplares de jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um enterramento.

Possui 43 campas rasas. Destas, 2 são revestidas a mosaico, sem identificação e outra uma cercadura de ferro com uma cruz na cabeceira igualmente em ferro. O espaço restante não tem revestimento. De granito existem 6, e 3 revestidas de cimento degradadas. Destacam-se ainda 5 sepulturas duplas e 12 de militares.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas e a quase totalidade dos jazigos estão em muito bom estado. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas muito antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram militares mortos em combate, doutores, engenheiros, um irmão do Bispo Ximenes Belo – Prémio Nobel da Paz, bem como o último moleiro dos moinhos de S. Bento de Évora.

Da verificação, no local, destaca-se como principal construtora dos jazigos presentes neste Quarteirão a firma Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo).

3.4.15. - Quarteirão de N^a. Sr^a. da Saúde

Quarteirão com aproximadamente 230 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Apenas 1 exemplar de jazigo catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito (criança), em muito bom estado de conservação.

Possui 2 revestidas a mosaico e 3 apenas apresentam as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas.

Uma sepultura possui uma redoma na cabeceira em ferro. O espaço restante não tem revestimento. De granito existem 2 e revestidas a cimento 6. Conta ainda com uma sepultura dupla.

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram 2 emigrantes, 3 militares e um bombeiro.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo) e Constructor Mármore Duarte (Pegões).

3.4.16. - Quarteirão de Sr^a. de Sant'Ana

Quarteirão com aproximadamente 560 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Possui 25 campas rasas, 3 duplas, 9 de granito. Revestidas a cimento existem 4 e com mosaico, 9, na maioria sem identificação. Apenas com as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas registámos 2. Apenas com uma cruz em ferro na cabeceira assinalámos 3 e 2 com redoma, o espaço restante não tem revestimento.

Este quarteirão apresenta globalmente um estado de conservação razoável, pois contém sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, uma percentagem considerável de sepulturas antigas e, provavelmente, abandonadas. Daqui resulta a existência de muitas apresentarem peças partidas, ou já inexistentes. São precisamente estas que deveriam ser objecto de alguma atenção, com a realização de trabalhos de conservação e restauro, dadas as características que detém, de forma a retomarem o aspecto inicial. Neste quarteirão existem também, em número significativo sepulturas desfeitas, pois não têm qualquer tipo de revestimento, bem como também se encontram outras, cobertas, com as pedras partidas, porque cederam.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 12 militares, 2 polícias, 1 bombeiro, 1 mestre-de-obras e vários doutores.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo), Teixeira, Lda. (Évora) e Manuel Argente (Évora).

3.4.17. - Quarteirão de Sta. Madalena

Quarteirão com aproximadamente 320 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos, apenas 1 exemplar de jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito, que se encontra em muito bom estado de conservação.

Possui 28 campas rasas, 6 duplas, 7 revestidas em mosaico, degradadas, e 4 em cimento também degradadas. Registámos um caso de sepultura com uma redoma e 3 revestidas a granito. Conta também com uma sepultura colectiva pertencente à Congregação das Irmãs Doroteias.

O estado de conservação deste quarteirão é bom, apresentando-se cuidado e tratado.

Pelos epitáfios sabemos que ali se encontram 6 militares, 1 doutor, 1 professor, 1 fotógrafo (Eduardo Nogueira), e uma religiosa doroteia.

Da verificação, no local, destaca-se como principal construtor dos jazigos presentes neste Quarteirão a firma Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo).

3.4.18. – Quarteirão de N^a. Sr^a. da Conceição

Quarteirão com aproximadamente 430 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação.

Possui 9 jazigos-capela antigos e 5 jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito e 1 para 4 depósitos. Todos estes elementos estão em muito bom estado.

Possui 9 campas rasas, 3 duplas, 5 em granito. Apenas com as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas registámos 4, e revestidas a mosaicos 5. Com uma cruz de ferro na cabeceira existem algumas mas degradadas, e com redoma na cabeceira em ferro existe um exemplar, degradado. Uma sepultura possui uma armação para as plantas treparem.

O estado de conservação deste quarteirão apresenta-se globalmente razoável, com sepulturas tratadas e cuidadas. Existem contudo algumas que apresentam peças partidas, que deveriam ser alvo de intervenção. Também se destaca o número elevado de jovens ali sepultados. Igualmente de destacar que a primeira fila do quarteirão (à excepção de uma) é toda composta por sepulturas de militares mortos em combate.

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram militares mortos em combate, 2 doutores, 1 engenheiro, 2 pescadores, 1 jogador de futebol, 3 mestres-de-obras e 3 membros do clero, sendo um deles o Cónego Alegria e outro o Bispo Auxiliar de Évora e de Dili-Timor D. José Joaquim Ribeiro¹⁴⁴.

Relativamente a objectos colocados, de realçar as placas de homenagem de amigos, colegas de trabalho, vizinhos e uma dos Criadores do Merino Precoce.

¹⁴⁴ Pessoas muito conhecidas na cidade.

Da verificação, no local, destaca-se como principal construtor dos jazigos presentes neste Quarteirão a firma Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo).

3.4.19. - Quarteirão de N^a Sr^a. dos Mártires

Quarteirão com aproximadamente 250 sepulturas.

Os jazigos analisados apresentam-se em muito bom estado de conservação, alguns apenas necessitando de muito leves trabalhos de conservação.

Possui 14 jazigos-capela, dos quais 7 têm a porta do lado esquerdo. Registámos 7 jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um e dois depósitos. Todos em muito bom estado de conservação.

Possui 2 campas rasas, 5 revestidas em mosaico, 3 em cimento e 7 revestidas a granito. Apenas uma com as laterais em mármore, coberta de gravilha, contrariamente à habitual cobertura em terra, onde crescem plantas.

O estado de conservação deste quarteirão é razoável, apresentando sepulturas tratadas e cuidadas. Possui, no entanto, um número significativo de sepulturas sem revestimento, muitas delas desfeitas. Outras, cobertas com pedra ostentam peças partidas, devido ao abatimento do solo.

Os epitáfios informam-nos que ali se encontram 2 militares, doutores, engenheiros, 1 chefe dos Bombeiros Voluntários de Évora e António Elizeu Rato (proprietário do terreno comprado pela CME para uma das ampliações do cemitério).

Relativamente a objectos colocados, de destacar as placas de homenagem de amigos e colegas de trabalho.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água e Expomármore, ambas de Montemor-o-Novo.

3.4.20. - Quarteirão de Sta. Margarida

Quarteirão com aproximadamente 130 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Apenas 1 exemplar de jazigos-catacumba, à superfície, que se mostra em muito bom estado de conservação.

Possui 2 campas rasas, 6 de granito, 2 revestidas a mosaicos e 2 apenas com as laterais em mármore, mantendo-se a parte central em terra, onde crescem plantas.

Possui também algumas sepulturas em terra e uma com uma redoma.

O estado de conservação deste quarteirão é bom, sendo a grande maioria das sepulturas relativamente recentes, encontrando-se tratadas e cuidadas.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 4 militares, um dos quais combatente na Grande Guerra e 1 padre.

Da verificação, no local, destaca-se como principal construtor dos jazigos presentes neste Quarteirão a firma Sertório A. Borda de Água (Montemor-o-Novo).

3.4.21. - Quarteirão de S. Caetano

Quarteirão com aproximadamente 460 sepulturas.

Não possui jazigos-capela antigos, apenas 2 jazigos-catacumba, em muito bom estado de conservação.

Possui uma campa rasa e 30 em granito. Registámos 16 revestidas a mosaicos, uma a cimento e duas sem revestimento uma das quais com uma redoma.

Este quarteirão apresenta globalmente um bom estado de conservação com sepulturas tratadas e cuidadas. Destaca-se o elevado número de sepulturas muito baixas, quase rasas e outras sem revestimento.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 9 militares, um dos deles capitão de Abril e 2 doutores.

Relativamente a objectos colocados, de realçar placas de homenagem por parte de colegas de trabalho e escuteiros, e uma sepultura que onde foi colocada uma peça metálica representando uma flor.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água e Expomármore, ambas de Montemor-o-Novo.

3.4.22. - Quarteirão do Norte

Quarteirão com aproximadamente 160 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos, apenas um jazigo catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito e um escultórico onde repousa Josete Cardoso, Poetisa Pedagoga e o marido Dr. Alberto Silva¹⁴⁵, pessoas muito conhecidas e respeitadas na cidade.

Possui 8 sepulturas de granito.

Este quarteirão pertence ao conjunto mais recente, saído das últimas ampliações do cemitério, apresentando um bom estado de conservação, com sepulturas tratadas e cuidadas.

¹⁴⁵ Conceituado médico durante muitos anos.

Pelos epitáfios sabemos que ali se encontram 2 militares, um dos quais combatente da 1ª Grande Guerra, doutores, e um professor.

Relativamente a objectos colocados, de realçar placas de homenagem por parte “dos amigos de Aljustrel do jantar às quartas-feiras” e do Grupo de Ciclo Turismo de Evoramonte Kits Rolantes.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água e Expomármore, ambas de Montemor-o-Novo.

3.4.23. - Quarteirão do Centro

Quarteirão com aproximadamente 180 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos. Apenas 2 exemplares de jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito em muito bom estado de conservação.

Possui 9 sepulturas em granito, 2 revestidas a mosaicos e 2 em cimento.

Pelos epitáfios ficamos informados que ali se encontram 6 militares, um deles da PSP-Macau, 1 professor e emigrantes.

Relativamente a objectos colocados, de realçar uma placa de homenagem por parte Grupo de Forcados Amadores de S. Manços e outra dos colegas de Angola (militar).

Da verificação, no local, destaca-se como principal construtor dos jazigos presentes neste Quarteirão a firma Expomármore de Montemor-o-Novo.

3.4.24. - Quarteirão do Sul

Quarteirão inicial do cemitério, com aproximadamente 160 sepulturas.

Não apresenta jazigos-capela antigos, apenas 2 exemplares de jazigos-catacumba, à superfície, com capacidade para um depósito em muito bom estado.

Possui 9 sepulturas em granito, 1 dupla, 2 revestidas a cimento e 2 a mosaico, degradadas.

Este quarteirão pertence ao conjunto mais recente, saído das últimas ampliações do cemitério, apresentando um bom estado de conservação, com sepulturas tratadas e cuidadas. No entanto, de entre as que não se encontram revestidas, algumas apresentam-se desfeitas. Existem igualmente situações de sepulturas com peças partidas ou em falta. Estas situações poderiam ser fácil e rapidamente resolvidas, tendendo à boa conservação dos elementos ali presentes.

Relativamente a objectos colocados, de realçar placas de homenagem do Batalhão de Caçadores 3840 a um colega sargento e de um pescador desportivo.

Da verificação, no local, destacam-se como principais construtoras dos jazigos presentes neste Quarteirão as seguintes firmas: Sertório A. Borda de Água e Expomármore, ambas de Montemor-o-Novo.

3.4.25. - Quarteirão dos Historiadores

Último Quarteirão “criado” no Cemitério, constituído por sepulturas rasas, de mármore, apenas com uma inscrição e sem qualquer elemento escultórico.

Este Quarteirão contém os restos mortais de Gabriel Pereira¹⁴⁶ e de Mário Chicó¹⁴⁷, para ali removidos, respectivamente, a 26 de Março de 1950 e a 3 de Junho de 1972, aos quais se juntou em 23 de Março de 2010, António Francisco Barata¹⁴⁸. São três personalidades que se distinguiram pelo trabalho que desenvolveram tendente à defesa, dignificação e prestígio da cidade, pretendendo a Câmara Municipal, com esta iniciativa, prestar-lhes a sua homenagem, em agradecimento à sua dedicação e considerando que a eles muito se deve do conhecimento que hoje se tem de Évora.

Uma das visitas guiadas propostas nesta dissertação (ponto 4.3., nº 3), iniciaria-se neste quarteirão, com uma intervenção sobre a vida e a obra destas importantes figuras. Terminaria com uma romagem ao jazigo onde se encontram os restos mortais de Cunha Rivara, realçando também aqui a sua vida e obra e fazendo-se uma alusão a Túlio Espanca, que embora esteja sepultado no Cemitério do Espinheiro não poderia deixar de ser mencionado.

3.5. Os construtores do Cemitério: Materiais e Oficinas

Procedemos a uma análise detalhada dos jazigos do cemitério. Para tal aplicámos uma Ficha de Inventário (cf. Anexo IV) com os seguintes campos: Quarteirão, Número de Jazigo, Data de Construção, Titular, Proprietário, Tipo de Jazigo, Área, Oficina, Material Utilizado, Rocha Ornamental, Estado de Conservação, Situação Actual e Observações.

¹⁴⁶ Historiador famoso nascido em Évora, pessoa muito conhecida e considerada.

¹⁴⁷ Professor universitário, investigador e Director do Museu de Évora.

¹⁴⁸ Autodidacta, entre outras actividades foi jornalista, escritor, industrial de tipografia, director interino da Biblioteca Pública de Évora e vereador da Câmara Municipal de Évora.

Estes campos permitem-nos uma maior facilidade de análise destes jazigos. Assim:

No campo “Quarteirão” assinalámos o nome do quarteirão onde está localizado o jazigo.

No campo “Nº de Jazigo” assinalámos o seu número, conforme inscrição colocada nas traseiras da edificação (quando existe).

No campo “Data de Construção” assinalámos a data da escritura de compra ou do Alvará, pois não localizámos registos da construção.

Como “Titular” registámos o nome que está inscrito na fachada do jazigo.

No campo “Proprietário” consta o nome da pessoa que comprou o terreno. Esta compra, na maior parte das vezes, é posterior à morte do titular.

No campo “Tipo de Jazigo” registámos a categoria em que dividimos estes elementos, como referimos no ponto 3.3.

No campo “Oficina” estão referidas as oficinas construtoras dos jazigos. Esta informação, quando existe, está gravada na pedra, embora se encontre num reduzido número.

Os campos “Material Utilizado” e “Rocha Ornamental” informam o tipo de material usado na construção e nos acabamentos.

No campo “Estado de Conservação” registámos a situação actual em que se encontra o jazigo. Criámos seis graus de conservação: Excelente, Muito Bom, Bom, Razoável, Degradado e Mau.

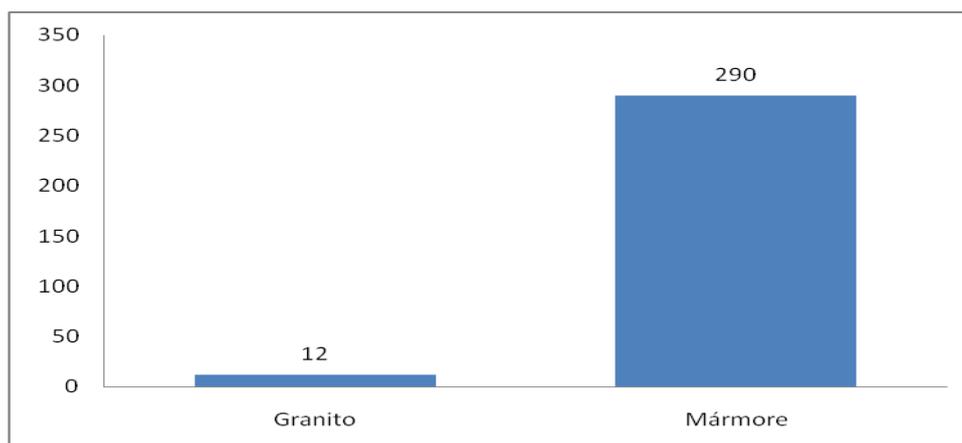
Em “Situação Actual” registamos a ocupação ou abandono do mesmo. Também criámos os graus: Em uso, Abandonado e Indeterminado.

No campo “Observações” registámos situações que considerámos de interesse para o melhor conhecimento do jazigo ou sepultura que estávamos a analisar.

A partir da análise das fichas extraímos alguns dados, expressos nos gráficos a seguir apresentados.

Quanto aos materiais utilizados na construção dos jazigos (rochas ornamentais) e às oficinas que procederam à sua construção, temos que:

Gráfico 1 – Rocha Ornamental



Conforme podemos observar é muito elevada a predominância da utilização do mármore em relação ao granito.

Nos casos dos jazigos-capela existentes no Cemitério, essa relação é ainda mais evidente pois, de um total de 185 construções, apenas 2 são em granito e todas as restantes foram executadas em mármore.

Passemos agora à observação da tabela relativa às oficinas que executaram os jazigos existentes no Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios.

Para tal devemos ter em consideração que os dados aqui referidos resultam da pesquisa efectuada no local. No entanto, grande parte dos elementos construídos não possui qualquer indicação do seu construtor, pelo que se trata apenas de uma amostra:

Oficinas Construtoras dos Jazigos

Oficina	Nº de Jazigos
A. A. Loureiro, Rua Moinho de Vento, 37, 37 A - Lisboa	1
A. M. Rato - Rua Nova do Carvalho, 21,23 - Lisboa	1
A. O. Gonçalves - Cerca de S. António - Estremoz	3
A. O. Gonçalves - Rua Ancha, 62 e 64, Évora	1
A. S. Machado - Rua da Cadeia, 17 - Évora	8
António M. Rato & Filhos - 298, Rua 24 de Julho, 304, Lisboa	8
Carlos A. Banha - Estremoz	5
Christiano T. da Queimada - 46, Lisboa, 48	3
Construtor A. S. Silva	1
Construtor DRamos - Vila Viçosa	1
Construtor Sertório A. Borda de Água - Montemor-o-Novo	1
Expomármore - Montemor-o-Novo	4
F. L. Batista - Serração de Mármore - Vila Viçosa	1
Francisco Dias Ramos Construtor - Vila Viçosa	17
Francisco Maria Ramos - Vila Viçosa	1
J. A. Correia - Lgo da Porta de Moura, 1, Évora	1
J. A. Santos - Lisboa	1
J. M. Rato & Filhos - 31 - T. do Corpo Santo, 33, Lisboa	1
J. V. B. Neves - Évora	1
Jorge A. Cruz - Rua da Assumpção, 10-12, Lisboa	1
José Moreira Rato & Filhos - 81 T. do Corpo Santo 83, Lisboa	1
José V. Carmelo - R. Misericórdia, 7, Évora	2
L. F. Silva - Lgo S. Francisco - Évora	27
Luiz Filipe da Silva - R. do Século, 167 - Lisboa	1
Manuel Argente - Bairro Senhora da Glória - Évora	2
Marcolino C. Santos - R. C. Santana, 26, Lisboa	2
Mário Mármore e Granitos, Cozinhas Campas Cantarias - Montemor-o-Novo	3
Oficinas do Cortez de Montelavar	1
S. A. Silva e Matos - Pta d'Alagoa, Évora	1
Salles & Filhos - Rua do Arsenal, 134, Lisboa	1
Sertório A. Borda de Água - Montemor-o-Novo	20
Sociedade de Mármore de Estremoz	1
Sociedade de Mármore Estremocense	3
Vultos	4

Da observação da tabela podemos concluir que os proprietários eborenses tinham preferência pelas firmas sediadas na região, das quais se destacava a de L. F. da Silva, em Évora, seguida de Sertório A. Borda de Água, de Montemor-o-Novo e de Francisco Dias Ramos de Vila Viçosa.

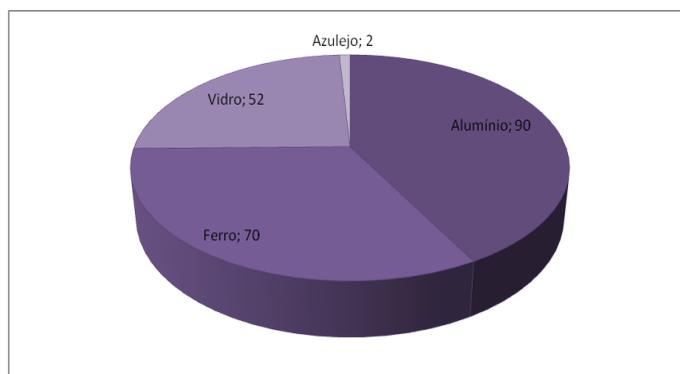
Também se destaca a opção pelas firmas de Lisboa, principalmente as de António M. Rato e Filhos e de Christiano T. da Queimada.

Curiosamente as empresas escolhidas de Lisboa, eram em maior número - 11, que as de Évora - 9.

No entanto teremos de levar em atenção que estas construções foram feitas ao longo do tempo, não estando todas as empresas a laborar ao mesmo tempo. No ponto 3.6. analisaremos o gráfico relativo ao número de construções por década.

Os materiais utilizados nos acabamentos dos jazigos são igualmente motivo de interesse para o trabalho que estamos a desenvolver, pelo que elaborámos o gráfico demonstrativo desta utilização.

Gráfico 2 – Materiais utilizados nos acabamentos dos jazigos



Actualmente verifica-se uma tendência crescente para a utilização do alumínio em detrimento do ferro. É um facto que acontece essencialmente nas portas dos jazigos-capela mais recentes, ou que ultimamente foram adquiridos por novos proprietários e também nos jazigos-catacumba cujas portas, na sua maioria, são de alumínio e vidro.

Embora algumas portas sejam executadas apenas em ferro ou alumínio existe também um número apreciável onde foi aplicado vidro.

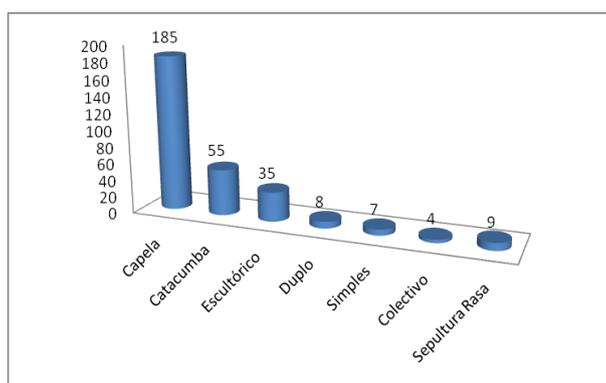
3.6. Outras Observações

Da análise efectuada ao Cemitério e com base nos gráficos realizados, destacam-se aspectos interessantes e que consideramos de grande interesse para o conhecimento daquele espaço.

De entre os jazigos estudados e de que elaborámos ficha¹⁴⁹, existe uma grande diversidade de categorias, como já tivemos ocasião de observar.

No gráfico 3. observa-se o tipo de construções existentes, no qual se destaca o elevado número de jazigos-capela e catacumba. De realçar que o número aqui referido corresponde à totalidade destes dois tipos de construções, enquanto nas outras categorias apenas procedemos a uma amostragem, atendendo ao seu elevado número, conforme referido no início deste trabalho.

Gráfico 3 – Tipo de Jazigo

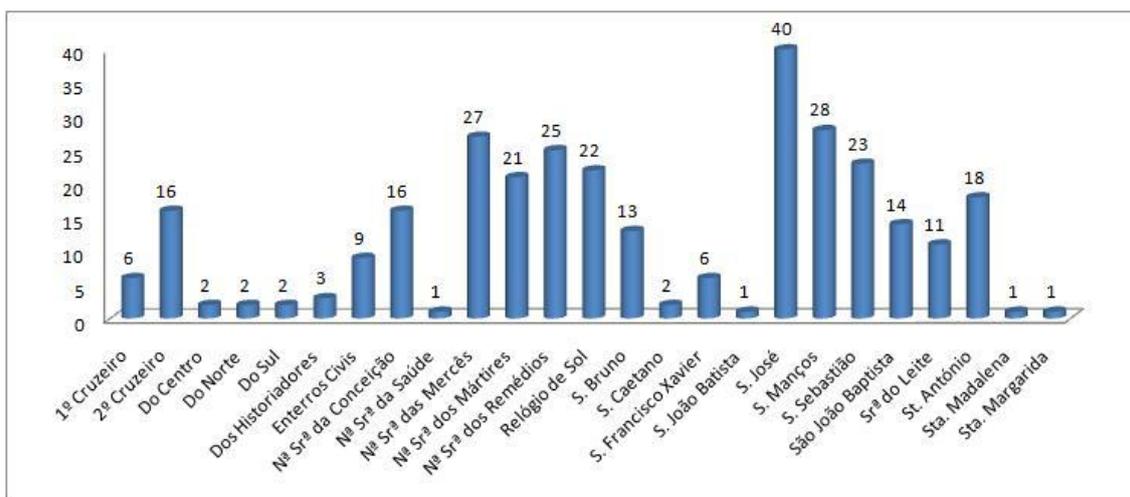


Deste gráfico destaca-se o elevado número de jazigos-capela comparativamente ao número de jazigos-catacumba. No entanto estes últimos, atendendo às suas características, poderão em nossa opinião, representar um número que, com o passar do tempo tenderá a aumentar, podendo eventualmente chegar próximo daqueles.

No próximo gráfico analisamos, por Quarteirão, o número de jazigos existentes.

¹⁴⁹Cf. Anexo IV.

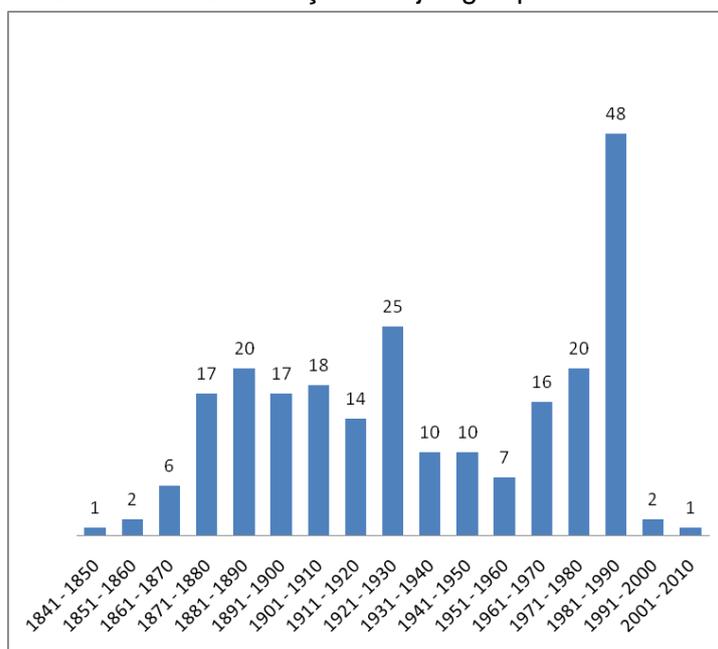
Gráfico 4 – Número de Jazigos por Quarteirão



De destacar nesta análise que os quarteirões com maior número de jazigos-capela e escultóricos são, maioritariamente, os que correspondem aos da fundação do Cemitério.

Nos restantes quarteirões, criados após as ampliações efectuadas, como vimos, foram sistematicamente deixando de ser erigidos este tipo de construções, surgindo com o decorrer do tempo a construção dos jazigos-catacumba.

Gráfico 5 – Construção dos jazigos por Décadas¹⁵⁰



¹⁵⁰ Para a elaboração deste gráfico recorremos aos registos da Secretaria do Cemitério Municipal. A data apurada corresponde à da celebração da escritura do terreno, pelo que nem sempre reflecte a verdadeira data de início da construção. Em alguns casos verificámos que a construção já se encontrava executada ou em construção e noutros encontrava-se em vias de se iniciar.

Da observação deste gráfico ressalta que nos primeiros anos de funcionamento do cemitério não se registou grande movimento construtivo. Esse movimento iniciou-se na década de 60 do séc. XIX terminando na década de 90 do séc. XX.

Assinalaram-se três momentos de maior incidência, nas décadas de 1881-1890; 1921-1930 e 1981-1990, tendo este último registado maior número de construções. O início do séc. XXI regista um acentuado decréscimo de construções, curiosamente semelhante aos anos iniciais do cemitério.

Não será de surpreender este facto, atendendo a que o cemitério não poderá ser ampliado novamente. Todo o espaço actual está ocupado e, nesse caso, será difícil registarem-se novas construções em número significativo, pois o que poderá acontecer será a transformação de sepulturas existentes para categorias diferentes.

3.7. Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios: estado de conservação

Após a observação atenta que fizemos do Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios, consideramos estar agora em condições de procurar retirar algumas conclusões relativamente ao estado de conservação e preservação deste espaço.

Trata-se de um cemitério com uma dimensão e uma quantidade de sepulturas consideráveis (aproximadamente 8.600), o que é compreensível atendendo ao número de anos de funcionamento.

Do conhecimento conseguido no local, nas diversas deslocações efectuadas, constatámos que é um espaço de grande recolhimento e veneração por parte de quem o visita.

Com os milhares de sepulturas existentes, na sua maioria por concessão em posse perpétua, o aspecto geral do cemitério traduz-se numa apresentação cuidada, uma vez que os proprietários fazem uma manutenção constante dos bens ali presentes.

Relativamente ao estado de conservação dos jazigos objecto da nossa amostra, procedemos à elaboração de um gráfico (Gráfico 6), que nos facultou o entendimento da realidade presente neste cemitério. Os diferentes jazigos foram divididos em seis categorias:

Excelente – Em óptimas condições de conservação;

Muito Bom – Apenas necessitando de pequenos trabalhos de limpeza (manutenção);

Bom - A requerer alguns trabalhos de limpeza da pedra ou pintura das portas. Podem apresentar pequenas fendas ou elementos em falta ou partidos;

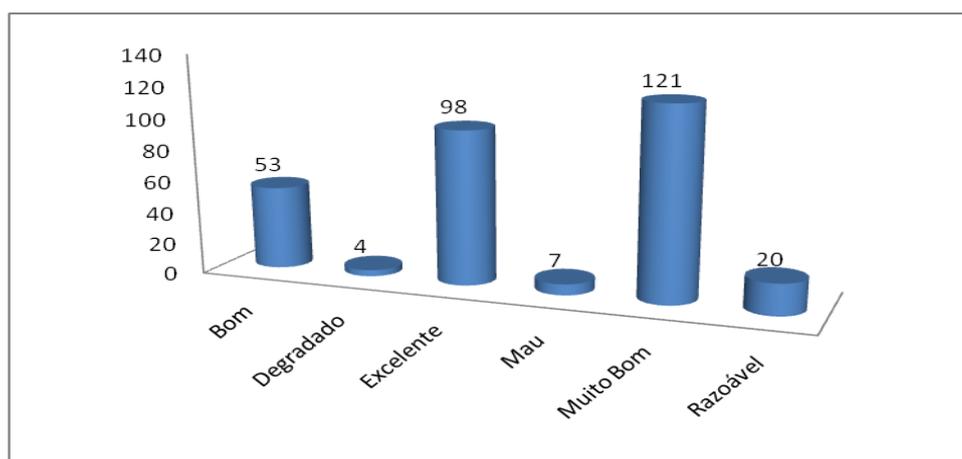
Razoável – A requerer limpeza cuidada da pedra, recuperação dos ferros ou substituição de elementos;

Degradado – A requerer limpeza profunda da pedra ou mesmo reconstituição, bem como dos outros elementos (vidros, ferros). Peças partidas.

Mau – A requerer limpeza profunda ou restauro da pedra. Vários elementos partidos por restaurar ou em falta;

Após a sua observação podemos concluir que a situação é semelhante ao que se passa com as restantes sepulturas.

Gráfico 6 – Estado de Conservação dos jazigos analisados



Os jazigos observados apresentam-se de modo geral em muito bom estado de conservação, registando-se um número reduzido de casos em que se encontram degradados ou mesmo em mau estado, como tivemos oportunidade de constatar nas fichas elaboradas.

Pelo observado, concluímos que a situação do Cemitério relativamente ao estado de conservação dos elementos nele instalados apresenta duas circunstâncias diferentes.

O estado de conservação dos jazigos-capela é maioritariamente muito bom, registando-se poucos casos de situações menos favoráveis. Relativamente aos jazigos-catacumba a situação é idêntica, se bem que nestes casos são raríssimos os que não se encontram em perfeitas condições.

No que respeita aos jazigos escultóricos a situação já não se apresenta da mesma forma. Nesta categoria existem, em número considerável, casos que se afiguram de urgente intervenção, correndo-se o risco de entrarem num processo de degradação muito grave.

O mesmo acontece com as sepulturas mais antigas¹⁵¹, algumas em terra, mas que ainda possuem elementos de ferro admiráveis do ponto de vista do interesse patrimonial.

É, em nossa opinião, relativamente a estes dois últimos grupos, que se justifica uma intensificação dos cuidados a observar, numa tentativa de preservação do maior número possível de elementos e peças.

Destacam-se neste espaço jazigos com preciosas peças de estatuária, a qual está presente igualmente nos jazigos de tipo escultórico. A utilização do ferro forjado em portas ou na vedação de jazigos e sepulturas é muito utilizada, bem como, nas sepulturas mais antigas, de terra, nos poucos exemplos ainda presentes de redomas e cruces. Muitos jazigos possuem nos seus frontões, o mesmo acontecendo com muitas lápides de sepulturas, baixos-relevos com motivos relacionados com a lavoura e trabalhos agrícolas, o que indica que os seus proprietários estavam ligados à agricultura. Estes são apenas alguns exemplos de razões pelas quais não se deverão deixar perder estas peças, pois a sua observação dá-nos a conhecer a vivência e forma de estar das gentes ali sepultadas.

São estes aspectos que atribuem ao Cemitério o interesse e a riqueza de que é detentor, procurando a proposta de valorização que apresentamos responder a esta necessidade, pois são muitos os pontos de interesse presentes.

¹⁵¹ Quando se menciona a datação dos jazigos e sepulturas e, não havendo uma divisão temporal específica relativamente a eles, podemos inferir que:

Sepulturas ou jazigos muito antigos - Da inauguração até finais do séc. XIX;

Sepulturas ou jazigos antigos ----- De inícios a meados do séc. XX;

Sepulturas ou jazigos recentes ----- De meados do séc. XX até aos nossos dias.

Capítulo IV

– Proposta de Valorização Patrimonial do Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios

4.1. Experiências de valorização patrimonial dos cemitérios

Como temos vindo a observar, os cemitérios são locais que, pelos mais diversos motivos, constituem “pontos de atracção” das pessoas. O culto dos mortos, as questões religiosas, os sentimentos que despertam... desde sempre têm atraído a si a presença das pessoas.

Sob o ponto de vista do interesse patrimonial que possuem, têm também sido objecto de atenção como vimos.

Por se tratar de locais que encerram muita riqueza patrimonial, traduzida nas verdadeiras obras de arte e nos materiais que ostentam, têm progressivamente originado um crescente interesse tanto nas populações residentes junto a eles, como junto dos turistas.

Tal facto, gerou a necessidade de os responsáveis pelos cemitérios, especialmente os mais importantes, procurarem responder ao crescente interesse manifestado pelos visitantes.

Surgiram então em vários cemitérios do país e do estrangeiro, as visitas guiadas, subordinadas a várias temáticas presentes naqueles locais. A elaboração de roteiros, bem como a constituição de museus ou núcleos museológicos são outras formas de valorizar este património e despertar o interesse dos visitantes, que progressivamente se vão mostrando mais interessados nessa oferta.

Internacionalmente constitui uma prática corrente este tipo de iniciativas nos cemitérios de maior dimensão desde já algum tempo. Em Portugal existem também experiências iniciadas já há anos. O Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, por exemplo, realiza visitas guiadas e, no caso de os visitantes não as pretenderem fazer, possui roteiros que permitem uma visita livre. Estes roteiros obedecem a temáticas variadas: arquitectura funerária, história do cemitério, grandes homens, heráldica, estatuária, etc. Possui igualmente um Museu, instalado na Capela, o qual para além da exposição permanente, também tem salas para exposições temporárias.

Também os Cemitérios do Prado do Repouso e de Agramonte, no Porto disponibilizam roteiros para visitas.

Trata-se de iniciativas de grande interesse, dada a riqueza que estes espaços encerram, tanto a nível patrimonial como cultural e histórica, pois é neles que se encontram as personalidades importantes dos nossos tempos.

4.2. Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios: estratégias para a sua valorização

O Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios deverá ser encarado como mais um dos locais da cidade onde existem elementos com extraordinário interesse cultural e social, assumindo, por outro lado, que é um local com uma finalidade especial que, por isso mesmo, deverá ser objecto de muito respeito e uma atenção muito particular.

Numa perspectiva de manutenção do cemitério nas melhores condições de preservação do seu valor arquitectónico e patrimonial e salvaguarda do seu carácter oitocentista, este deveria ser alvo de algumas propostas tendentes à sua valorização patrimonial, à semelhança do que é feito noutras cidades como vimos. Esta valorização permitiria a sua afirmação como um pólo de interesse, a acrescentar aos já existentes numa cidade Património Mundial.

Como vimos anteriormente, dado o valor artístico e patrimonial de muito do espólio presente no Cemitério que se encontra degradado, poderia e deveria ser recuperado e restaurado. Nesse sentido, o nosso objectivo fundamental ao elaborar este trabalho era a apresentação de uma Proposta de Valorização que respondesse à satisfação dessa intenção. Após o seu estudo torna-se agora, em nossa opinião, imperiosa a apresentação dessa Proposta, considerando ainda que o conjunto composto pelo convento, pela igreja e cerca foi objecto de apresentação de um processo de classificação como Imóvel de Interesse Municipal, que se encontra neste momento em fase de apreciação.

Dado o arco temporal que detém, o Cemitério possui peças datadas desde 1840 até aos nossos dias. Através delas, podemos observar os diferentes estilos e “modas” que o influenciaram e que nele ficaram representados. Preocupa-nos, contudo, a progressiva substituição de algumas destas peças, prática que verificamos existir ultimamente. Com o abandono de alguns jazigos e sepulturas por parte das famílias, como já vimos, estes são novamente colocados para venda. Os novos proprietários, quando deles tomam posse retiram os elementos que lá se

encontravam, substituindo-os por outros mais de acordo com o seu gosto e com o objectivo de identificar a sua família.

Não querendo, obviamente, interferir com o direito dos proprietários ao uso de um espaço que compraram, não nos parece contudo muito correcto, em termos de preservação patrimonial, este tipo de actuação. É pela sua prática que observamos a constante perda e destruição de peças e elementos característicos de um cemitério oitocentista, surgindo em sua substituição um cemitério do século XX/XXI.

Consideramos uma perda patrimonial que, após a compra de um jazigo, desapareçam os ornamentos que possuía e que o identificava no espaço e no tempo, passando a constar apenas a sua situação actual. O mesmo acontece com as sepulturas.

Em termos de preservação patrimonial é inquietante verificar que, com esta prática, as peças produzidas por mestres artesãos que as esculpiram a martelo e cinzel são substituídas pelas modernas peças (livros, lápides ...) produzidas em série e próprias do séc. XX e acabando as originais por desaparecer.

Atendendo ao facto, como já observámos, de ter sido o único cemitério da cidade por um período superior a cem anos, nele se encontram todos os residentes e naturais, facto que permite estudar, sob diversas temáticas, toda a vivência da cidade no mesmo período.

Poder-se-á, igualmente, recorrer a diversas formas de o “mostrar e explicar”, sendo precisamente nessa perspectiva que apresentamos a nossa Proposta de Valorização do Cemitério que, se colocada em prática, acreditamos será um factor benéfico para o seu melhor conhecimento e compreensão.

4.3. Proposta de Valorização

A proposta de valorização consubstancia-se na apresentação de quatro sugestões que entendemos oportunas para permitir a manutenção do cemitério com as características iniciais e próprias dos períodos que atravessou, desde a época em que foi criado até aos nossos dias, acrescentando-lhe alguns pontos capazes de despertar o interesse de residentes e turistas para o visitarem¹⁵². A acrescentar a este interesse a mais-valia de integrar um espaço que foi um conjunto conventual, que

¹⁵² Na realização deste objectivo teria de ser contemplado o restauro e recuperação das peças em risco.

actualmente passa por um processo de classificação como Imóvel de Interesse Municipal.

Obviamente que com esta proposta não pretendemos limitar o acesso à propriedade dos jazigos e sepulturas existentes no Cemitério, nem tão pouco prejudicar de alguma forma os direitos dos actuais proprietários, com a tentativa de “fossilização” daquele espaço. Pelo contrário, consideramos que se deverá manter acessível e continuamente activo, facto que, em última análise, constituirá um factor de conservação e salvaguarda de todo o espaço como já defendemos.

Serão as seguintes as sugestões que apresentamos e que explicaremos detalhadamente:

- 1 - Manutenção da identificação do titular e contactos com proprietários, tendentes à execução da limpeza e conservação das sepulturas e jazigos;
- 2 - Criação de um Centro de Interpretação do Cemitério e de um Núcleo Museológico para exposição de peças, documentos, plantas e utensílios pertencentes ao Cemitério;
- 3 - Valorização do Quarteirão dos Historiadores pela criação de um percurso temático que se alargasse também ao jazigo em que se encontra um grande historiador da cidade Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.
- 4 - Realização de visitas guiadas temáticas e elaboração de roteiros, bem como a criação na página *on line* da Câmara Municipal de Évora de uma entrada referente ao Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios.

1 - Por ter sido o único cemitério da cidade até há muito poucos anos, nele estão sepultados os seus habitantes, naturais da cidade ou não, desde a sua inauguração em 1840 e até 1989, data a partir da qual uma parte deles passou a ser sepultada no Cemitério do Espinheiro.

Para travar o processo de descaracterização a que actualmente é sujeito, propomos como alternativa, por exemplo, a imposição da manutenção dos elementos primitivos no local, autorizando obviamente a colocação dos pertencentes ao novo proprietário. Não se trata de impedir ou negar a colocação de elementos modernos. Pelo contrário. O séc. XX deve igualmente estar patente no cemitério que assistiu à

sua passagem, com a presença de sepulturas e jazigos diferentes, representativas deste período.

No caso dos jazigos-capela, por exemplo, permitir-se-ia a deslocação do nome dos antigos proprietários para outro local, colocando-se o do novo proprietário no seu lugar, pois é o local de informação por excelência do detentor do referido jazigo. Mas a identificação do anterior teria de se manter visível, por exemplo, numa das almofadas presentes na lateral da fachada. Outra possibilidade seria a manutenção da inscrição anterior, sobrepondo-se o nome do actual proprietário, numa placa de acrílico¹⁵³ (Anexo I – Fot. 49). Interiormente o mesmo aconteceria, não podendo desaparecer as peças que o compunham anteriormente. No que às sepulturas diz respeito o processo seria o mesmo, pois têm espaço suficiente para assim proceder. Em alternativa poderiam ser colocadas junto das edificações placas identificativas, com a informação da data e do nome do primeiro proprietário, bem como da oficina construtora, caso houvesse essa informação.

Estas condicionantes constariam do Regulamento do Cemitério, para que os interessados que desejassem adquirir aqueles espaços tomassem previamente conhecimento das condições a que teriam de obedecer para o fazer.

Relativamente ao estado de conservação dos elementos construídos, concluímos que em muitos casos apenas carecem de trabalhos de limpeza das pedras, libertando-as da colonização biológica que apresentam¹⁵⁴. No que respeita às sepulturas, sobretudo as mais antigas, existe um número considerável de casos em que tal procedimento se afigura imprescindível, apresentando algumas delas patologias que implicam a intervenção de técnicos para a sua recuperação e restauro.

Para cumprimento deste objectivo, deveria ser estabelecido contacto com o proprietário, tendente à sua sensibilização para a necessidade de preservação do bem patrimonial que possui. Estamos convictos que, em muitos casos, um contacto pessoal seria suficiente, pois grande parte dos proprietários apreciam e atribuem um valor histórico e de “património familiar” aos bens que possuem e gostariam de os ver valorizados.

Nos casos das sepulturas em que se torna impossível contactar as famílias, que muitas vezes já não existem, estas seriam colocadas no mercado, com a condição de o novo proprietário manter os seus elementos primitivos. Porque nos parece possível que algumas não sejam vendidas nessas condições, a CME ficaria com a sua

¹⁵³ Como acontece no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, por exemplo.

¹⁵⁴ Apenas registámos 11 jazigos em avançado estado de degradação, casos pontuais que, cremos, com alguma disponibilidade e subtilidade no diálogo a estabelecer com os proprietários seriam solucionados.

posse, atendendo ao interesse da sua manutenção e preservação.

2 - A criação de um Centro de Interpretação do Cemitério e de um Núcleo Museológico. Para a compreensão do cemitério deveria ser criado um centro de interpretação que explicasse as razões da sua instalação naquele local, a forma como o mesmo se organiza e destacasse alguns dos seus aspectos mais relevantes. Devia ser também a partir deste Centro de Interpretação que se deviam iniciar as visitas ao cemitério. A criação de um Núcleo Museológico anexo a este centro de interpretação justifica-se pelo valor artístico que muitas das peças de estatuária e lápides retiradas possuem. Constituiria um factor de relevante interesse a sua exposição pública, como acontece em muitos cemitérios, conforme observámos no ponto 4.1.

Propõe-se assim, a instalação de um pequeno núcleo museológico onde algumas destas peças seriam expostas conjuntamente com outras, propriedade da Câmara Municipal, que, pela sua importância e raridade¹⁵⁵, muito enriqueceriam o referido Núcleo. Referimo-nos nomeadamente à planta do jazigo municipal mencionado no ponto 3.4., bem como o orçamento dos trabalhos de deslocação e colocação do pórtico proveniente de S. Domingos, e o original do primeiro Regulamento do Cemitério.

Também seria interessante expor o processo relativo à compra do maior jazigo existente no cemitério e pertencente ao benemérito José Maria Ramalho Diniz Perdigão, desde o requerimento a solicitar autorização para compra do terreno, até à escritura do mesmo (e caso se conseguisse a respectiva planta).

As plantas do cemitério com as sucessivas ampliações e alterações fariam igualmente parte do espólio deste Núcleo, bem como alguns utensílios utilizados nas tarefas específicas do cemitério.

Este Núcleo Museológico localizar-se-ia no edifício do Convento de N^a Sra. dos Remédios, numa sala do rés-do-chão que, com a abertura de uma porta onde actualmente existe uma janela, teria acesso directo ao Cemitério.

3 – Existia no Cemitério um recanto onde se encontravam já reunidas, numa iniciativa em colaboração com o Grupo Pró-Évora, as sepulturas de Mário Chicó e Gabriel Pereira, consagradas figuras da cidade. Com a recente transladação dos restos mortais de António Francisco Barata (como vimos no ponto 3.4.25.), foi definitivamente criado o “Quarteirão dos Historiadores”. É, na nossa opinião, de todo o interesse que a

¹⁵⁵ Trata-se de documentos originais.

proposta de uma visita ao quarteirão dos historiadores abranja também o espaço do cemitério em que está outra destacada personalidade da história da cidade, que muito por ela pugnou: Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, fazendo-se também uma referência a Túlio Espanca, que embora esteja sepultado no Cemitério do Espinheiro deve igualmente ser recordado.

Cunha Rivara encontra-se actualmente num jazigo, identificado com o nome de outro titular, razão pela qual poucas pessoas têm conhecimento da sua presença neste cemitério.

4 - Por ter sido o único cemitério da cidade até muito recentemente, ali estão sepultados todos os seus naturais e residentes. Este facto permite que possamos então propor a realização de visitas guiadas e roteiros, divididos em diversas temáticas: vereações, clero, historiadores, materiais (estatuária, ferro forjado, estilos diversos), sepulturas colectivas, nobres ilustres, personalidades importantes, associações e colectividades sociais e desportivas com impacto na vida da cidade, mulheres que se destacaram...

Na sequência destes roteiros e visitas, criar-se-ia na página da Câmara Municipal um *link*, relativo a todos os pontos relevantes e de interesse do Cemitério, onde os internautas tomariam conhecimento e poderiam comunicar com a CME sobre o que desejassem relativamente a esta temática.

Como vimos, existem temáticas muito variadas que poderiam originar visitas guiadas ao cemitério, todas elas de muito interesse.

Uma dessas visitas poderia, por exemplo, incluir alguns membros do clero que ali se encontram.

Teria o seu início na Igreja de N^a Sr^a dos Remédios, junto ao túmulo do Arcebispo patrono D. José de Melo, situado no transepto, onde seria prestada informação sobre a sua vida e obra. Continuaria em direcção ao Cemitério, Quarteirão de N^a Sr^a dos Remédios, onde seriam visitados os túmulos do Arcebispo Metropolitano de Évora, D. José António da Matta e Silva e do Dr. Abel Martins Ferreira, Ex-Chantre da Sé. São ambos jazigos escultóricos e sobre eles poderia ser feita uma breve explicação, após a qual se visitaria o jazigo, também escultórico de Estevam José Vieira, Cónego da Sé de Évora, no Quarteirão de S. João Baptista. A visita terminaria no Quarteirão do 2^o Cruzeiro, junto ao jazigo-capela de Diogo de Faria e Silva, Cónego. Em todos eles se daria uma breve informação sobre a vida e obra dos que estavam a ser lembrados, e também sobre a importância dos jazigos em causa,

relativamente ao tipo de estatuária, o material em que foram construídos, o estilo e a época da sua construção.

Conclusão

Ao longo dos quatro capítulos da presente dissertação procurámos traçar a história, a memória e a identidade do primeiro espaço cemiterial especificamente criado para esse fim na cidade de Évora.

No final do trabalho de investigação realizado no Cemitério de N^a Sr^a dos Remédios, fica reforçada a noção da necessidade de se proceder à sua valorização patrimonial.

Integrado num conjunto conventual de que não se pode nem deve desligar, é como fazendo parte dele que essa valorização deve passar.

Actualmente, o conjunto é ocupado por serviços que nele desenvolvem funções diferentes entre si, mas que poderão ter uma interligação se para isso houver interesse.

A Associação Eborae Música detém a parte da Igreja e uma parte do Convento, e aí ocorrem as actividades quotidianas do Conservatório Regional de Évora, bem como os eventos que a Associação organiza ao longo do ano, e que ocupam aquele espaço. A parte restante do convento é pertença da autarquia. Aí estão instalados o Centro Interpretativo Megalithica Eborae, e as salas de exposições temporárias, que constituem pólos de atracção de muitas pessoas que ali se dirigem diariamente. Também ali estão instalados parte do Departamento do Centro Histórico Património e Cultura e os serviços do Cemitério.

Quanto ao cemitério propriamente dito, e atendendo à riqueza patrimonial que encerra, seria de todo o interesse que fosse devidamente tratado de forma a conseguir a sua valorização de harmonia com os restantes elementos do conjunto, devendo, porém, respeitar-se a sua essência enquanto paisagem sacralizada.

Atendendo ao tempo de funcionamento do cemitério, que atravessou já dois séculos, possui uma valiosa e interessante variedade de elementos, a partir dos quais se podem estudar diversas temáticas desde a relacionada com a memória que as elites da cidade quiseram deixar gravada na sua “última morada” para a posteridade, até à riqueza das mensagens deixadas nos epitáfios, nas peças de mármore de fabrico artesanal às quais os artistas imprimiram toda a sua sensibilidade.

Com a criação do Centro Interpretativo e do Núcleo Museológico apresentados na nossa Proposta, seriam evidenciados estes e outros assuntos igualmente interessantes, como é por exemplo a exposição pública de documentos originais, alguns dos quais completamente desconhecidos até agora. Destes, destaca-se a

planta relativa à construção de um jazigo municipal, de que não havia conhecimento até agora, a qual dará seguramente oportunidade a futuras pesquisas, no sentido de trazer ao nosso conhecimento este processo e as razões da sua não efectivação.

Complementado com os roteiros e as visitas guiadas propostos, subordinados a diversas temáticas, como vimos, o conhecimento do Cemitério ficaria assegurado bem como a sua divulgação e preservação. Com estes pontos de interesse estimulados, criar-se-ia uma ligação especial nas pessoas, tanto directamente ligadas a ele, por serem proprietárias de sepulturas ou jazigos, e por esse facto os mantivessem nas melhores condições de conservação, ou a um perfil de visitantes cada vez mais comum nas realidades portuguesa e europeia.

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Distrital de Évora (A.D.E.)

- Fundo do Governo Civil de Évora

Pasta, 115

Livro 61

Biblioteca Pública de Évora (B.P.E.)

- Casa Forte

Cód. CXXX/1-11 *Évora Ilustrada*, Pe. Manoel Fialho.

Cód. CXXV /2-22.

Fundo Manizola, Cód. 11; 30-11; 37-16; 42-1; 44-1; 48-8; 49-2; 73-13;73-28;73-29.

Inventário das Oficinas deste Convento dos Remédios de Évora. Códice CXXVI-2-23.

Livro das Capellas do Collégio de N. S. dos Remédios de Carmelitas Descalços da cidade de Évora. MDCCLXVIII. Cód. CXXVI/2-20.

Livro das Obras deste Convento de N^a Sr^a dos Remédios da cidade de Évora. Anno de 1745. Id. I-29.

Pergaminhos Avulsos (vários).

Tombo do Rem. de Evor, Remédios, Livro N^o 3, Peça 1, Fls. 41.

Tombo do Rem. de Evor, Remédios, Livro N^o 4, Peças 12, Fls. 77.

Tombo do Rem. de Evor, T-2, Remédios, Livro N^o 2, Peças 1, Fls. 180.

Tombo do Remei de Evora. T1. Remedios. Livro N^o 1. Legados I. Fls. 214.

SANTA ANNA, Fr. Belchior de - *Chronica dos Carmelitas Descalços*, Tomo I, Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657.

FONTES IMPRESSAS

Biblioteca Nacional de Portugal (B.N.P.)

BARBOSA, D. José; “*Sermaõ da Canonizaçaõ de S. Joaõ da Cruz prégado no Convento de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços da Cidade de Évora, fazendo a festa no primeiro dia do Triduo o Illustrissimo Senhor Cabido, em 13. de Outubro de 1727 / por D. Jozè Barboza Clerigo Regular...*”, Lisboa, na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

CARDOSO, Jorge - **Agiológi Lusitano**. Edição Facsimilada. T. III. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2002.

Contas Correntes dos objectos Preciosos de Ouro, Prata e Jóias que pertenceram aos Conventos Suprimidos do Continente do Reino. Lisboa: Imprensa Nacional, 1842 (Livraria do Dr. Vicente Rodrigues Monteiro – oferta de D. Maria Bettina de Guiot Basto da Cunha Monteiro – 1970).

ALMEIDA, Fortunato de – **História da Igreja em Portugal**. Vols. I, II, III, Coimbra: Imprensa Académica, 1910.

CARDOSO, George – **Agiológi Lusitano dos Sactos, e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e Suas Conquistas**. Lisboa: Oficina de Henrique Valente d’Almeida, Tomo II, 1657.

Catálogo de Livros Antigos pertencentes às livrarias dos Extinctos conventos da Provincia da Extremadura para vender em Hasta Pública por ordem do Governo Portuguez, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864.

FONSECA, Pe. Francisco da – **Évora Gloriosa**. Roma: Officina Komarekiana, 1728.

FRANCO, Pe. António – **Évora Ilustrada**. Évora: Edições Nazareth, 1945.

Estudos

“Actividades Municipais: Relatório da Actividade Municipal em 1944”. In **Boletim A Cidade de Évora**. N^{os} 9-10. Ano III. Setembro-Dezembro, 1945, pp. 3-28.

“Arquitectura Tumular em Évora, 1840-1910”. In Revista **Além-Tejo**. N^o 6. Setembro, 1996.

“Foros Próprios do Concelho (Tombo Municipal de 1651)”. In **Boletim A Cidade de Évora**. N^{os} 17-18, (continuação). 1949, p. 577/579.

“Património Fúnebre”. In Revista **Pedra e Cal**. Ano X. N^o 40. 2008.

ANDRÉ, Paula – “Modos de pensar e construir os cemitérios públicos oitocentistas em Lisboa: o caso do Cemitério dos Prazeres”. In **Lisboa, espaço e memória**. Revista de História da Arte. Instituto de História da Arte, FCSH-UNL. N^o 2. Edições Colibri. 2006.

BALLART HERNÁNDEZ, Josep; JUAN TRESSERRAS, Jordi – **Gestión del patrimonio cultural**. 4^a Edição. Editorial Ariel, SA. Barcelona, 2008.

BAPTISTA, Júlio César – “Os Pergaminhos dos Bacharéis da Sé de Évora”. In **Boletim A Cidade de Évora**. N^{os} 65-66. Anos XXXIX-LX. 1982-83.

BASTOS, Miguel Rodrigues – “Actividades Municipais – Relatório da Actividade Municipal para 1945 e Bases do Orçamento Ordinário para o mesmo ano”. In **Boletim A Cidade de Évora**. N^{os} 7-8. Ano II. Junho-Setembro, 1944, pp. 9-13.

BEIRANTE, Maria Ângela – **O Ar da Cidade: Ensaio de História Medieval e Moderna**. Edições Colibri. Lisboa, 2008.

BEIRANTE, Maria Ângela – “A Gafaria de Évora”. In **Boletim A Cidade de Évora**. II Série. N^o 1. 1994-1995.

CAEIRO, Elsa – **Os Conventos do Termo de Évora**. Vol. II. Tese de Doutoramento. Universidade de Sevilha. Setembro, 2005.

CAROLINO, Luís Miguel Nunes – **A Cidade dos Mortos um Espelho da Sociedade dos Vivos, Estratégias de afirmação social no cemitério de N^a Sr^a dos Remédios de Évora: 1840-1910**. Trabalho de Seminário de História Económica e Social Contemporânea. Departamento de História da Universidade de Évora. Évora, 1994.

CAROLINO, Miguel – **A Cidade dos Mortos: um espelho da sociedade dos vivos. Estratégias de afirmação social no cemitério de N^a Sr^a dos Remédios de Évora**. Actas do 2^o Encontro de História Regional e Local do distrito de Portalegre. Lisboa. Associação dos Professores de História. 1996.

CAROLINO, Miguel – **Arquitectura Tumular em Évora, 1840-1910**. In Revista Além-Tejo, nº 6. Setembro, 1996.

CARVALHO, Afonso de – **Da Toponímia de Évora: Dos meados do século XII a finais do século XIV**. Vol. I. Edições Colibri. Lisboa, 2004.

CARVALHO, Afonso de – **Da Toponímia de Évora: Século XV**. Vol. II. Edições Colibri. Lisboa, 2007.

CATROGA, Fernando – **A Militância Laica e a Descristianização da Morte em Portugal (1865-1911)**, Vol. 1, Coimbra, 1988.

CATROGA, Fernando – **Morte romântica e Religiosidade cívica**. In MATTOSO, José (dir.) – História de Portugal, Vol. V. Círculo de Leitores. Lisboa, 1993.

CATROGA, Fernando – **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911**. Coimbra. Minerva. 1999.

CHARÃO, Egiselda Brum – **O Sagrado e o Profano nos Cemitérios de Bagé/RS**. In Estudios Históricos (Revista Digital). Nº 2. CDHRP. Agosto de 2009.

CHARRAMA, Maria do Carmo; CATELA, Maria José Canejo; PIRES, Maria de Fátima; ALVES, Ana Isabel – **Convento de N^a Sr^a dos Remédios**. Trabalho elaborado no âmbito da disciplina de História de Arte. Universidade de Évora.

CHOAY, Françoise – **A Alegoria do Património**. Edições 70. Lisboa, 2006.

DIAS, Susana José Gomes – “Reabilitação do Convento de Nossa Senhora dos Remédios em Évora”. In **Boletim A Cidade de Évora**, II Série, nº 7, p. 259 e seguintes.

DIAS, Vítor Manuel Lopes - **Cemitérios, jazigos e sepulturas: monografia: estudos histórico, artístico, sanitário e jurídico**. Coimbra. 1963.

ESPANCA, Túlio – “A Beata de Évora”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 47. Ano XXI. 1964, pág. 106 e seguintes.

ESPANCA, Túlio – “A Ermida de S. Sebastião sua evolução e história”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nºs 31-32. Ano X. Janeiro-Junho, 1953.

ESPANCA, Túlio – “Alguns tumulados do convento de N^a Sr^a dos Remédios”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 48/50. 1965/67.

ESPANCA, Túlio – “Antiquilhas Eborenses”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nºs 69/70, p. 77.

ESPANCA, Túlio – “Património Artístico Municipal, Imóveis: Convento de Nossa Senhora dos Remédios”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 5. Ano II. Dezembro, 1943.

ESPANCA, Túlio – “Património Artístico Municipal: Convento de Nossa Senhora dos Remédios”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 1. Vol. II. Dez. 1943.

ESPANCA, Túlio – “Subsídios para a História Contemporânea da Cidade”. In **Boletim A Cidade de Évora**. nºs 65-66. Anos XXXIX-LX. 1982-83.

ESPANCA, Túlio – **Cadernos de História e Arte Eborense**. 3 vols. Nazareth e Filho, Lda. 1944.

ESPANCA, Túlio – **Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora**. II Vols. Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa, 1966.

ESPANCA, Túlio – **Património Artístico do Concelho de Évora. Arrolamento das Freguesias Rurais**. Câmara Municipal de Évora. Évora, 1957.

ESPANCA, Túlio (dir.) – “Posturas, Editais e Regulamentos da Câmara Municipal de Évora: Actividade Municipal em 1943”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 1. Ano I, 1942, p. 41-82.

ESPANCA, Túlio (dir.) – “Relatório da Gerência Municipal no Ano de 1942”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 2. Ano I. Março, 1943, p. 41/108.

Évora Mosaico. Nº 5. Câmara Municipal de Évora. Abril/Junho, 2010.

FEIJÓ, Rui G.; MARTINS, Hermínio; CABRAL, João de Pina – **A Morte no Portugal Contemporâneo: Aproximações Sociológicas, Literárias e Históricas**. Editorial Querco. 1985.

FERREIRA, J. M. Simões – **Arquitectura para a Morte: A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura**. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia. António Coelho Dias, S.A. 2009.

FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo – **A luta contra os cemitérios públicos no século XIX**. Tese de Doutoramento, [S.l.: s.n.]. 1996, Sep. de: *Ler História*, 1996.

FIGUEIREDO, Leopoldo de – **O convento de N. S. dos Remédios – Convento dos Marianos: sua história e seus mausoléus**. Sep. "Olisipo", 24. Lisboa. Editorial Império. 1943.

FLORES, Francisco Moita – **Os Mortos das Nossas Vidas, Subsídios para a História da Morte e do Cemitério de Moura**. Câmara Municipal de Moura. 1992.

FLORES, Francisco Moita; CATROGA, Fernando – **Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário**. 1ª Ed. Lisboa. Câmara Municipal. 1993.

FONSECA, Teresa – **Triste e Alegre Cidade de Évora – Testemunho de um anónimo do século XVIII**. Coleção Novos Estudos Eborenses. Nº 5. Câmara Municipal de Évora. Évora, 2001.

FRÓIS, Virgínia - **Conversas à Volta dos Conventos**. Casa do Sul Editora. 2002.

FROTA, José – “O inédito painel necrológico”. In **Évora Mosaico**. Nº 5. Câmara Municipal de Évora. Abril/ Junho 2010.

GESTA, Serafim (Mazola) – **O Culto dos mortos em S. Pedro da Cova: do período celta ao actual**. 1980.

GODINHO, Silva – “À volta da Praça do Giraldo”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nºs 71/76. Anos XLV-L. 1988-1993.

JESUS, P. David do Coração de – **A Reforma Teresiana em Portugal**. Oficinas de S. José. Lisboa, 1962.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – **Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**. Livros Horizonte, Lda. Rolo & Filhos. Lisboa, 2004.

MATTOSO, José (dir.) – **História de Portugal**. Vol. V. Círculo de Leitores. Lisboa, 1993.

MEGA, Rita - **Imagens da morte: A Escultura Funerária do século XIX nos cemitérios de Lisboa e Porto**. Tese de Mestrado em Teorias da Arte. Texto policopiado [s.n.]. Lisboa, 2001.

MEJÍAS LÓPEZ, Jesús – **Estructuras y principios de gestión del patrimonio cultural municipal**. Ediciones Trea, SL. Gijón, 2008.

MONIZ, Manuel Carvalho – **Dominicais Eborenses: Notícias d'Évora, 1966-1980**. Coleção “Novos Estudos Eborenses”, 4. Câmara Municipal de Évora. 1999.

MONTE, Gil do – **Dicionário da Toponímia Eborense**. Vol. II. Gráfica Eborense. Évora, 1982.

NUNES, Teresa – **Maria da Fonte e Patuleia: 1846-1847**. In MENDONÇA, Manuela (coord.), “Batalhas da História de Portugal”. QuidNovi. Matosinhos, 2006.

Património histórico-cultural da Igreja. Conferência Episcopal Portuguesa. Edição do Secretariado-geral do Episcopado. 2ª Edição. Lisboa, 1990.

PEREIRA, Gabriel – **Documentos Históricos da Cidade de Évora**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1998.

PEREIRA, Gabriel – **Estudos Eborenses – História e Arqueologia**. 2º Vol. Edições Nazareth. Évora, 1948.

PEREIRA, João António Merca - **A intervenção dos Engenheiros e Condutores de obras na Modernização da cidade de Évora (1880-1920)**. Tese de Mestrado. Universidade de Évora, 2005.

QUEIMADO, José Manuel, **Alentejo Glorioso – Évora, suas Ruas e Conventos: Uma achega para a história de Évora**. Edição do autor. (s/local). 1975.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira - **Cemitérios do Porto: roteiro = guide to Oporto cemeteries**. Texto, cartogr. e fot. Francisco Queiroz. Porto. Câmara Municipal do Porto. 2000.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira - **O ferro na arte funerária do Porto oitocentista; o Cemitério da Irmandade de Nª Sra. da Lapa, 1833-1900**. Tese de Mestrado. FLUP. 1997.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira - **Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal – Consolidação da vivência romântica na perpetuação da Memória**. Tese de Doutoramento em História da Arte. FLUP. Texto policopiado. Porto, [s.n.]. 2002. 3 v.

SALVADO, Maria Adelaide Neto – **O Espaço e o Sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça**. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. 1993.

SERRANO, António Carlos Matos; BRAVO, Fátima Ventura Toscano – **O Convento dos Remédios de Évora**. Resumo do Trabalho para “Seminário das Manifestações do Barroco na Cidade de Évora”. Curso de História – Via Ensino. Universidade de Évora.

SERRÃO, Vitor – “Francisco Nunes Varela e as oficinas de pintura em Évora no século XVII”. In **Boletim A Cidade de Évora**. II Série. Nº 3. 1998-1999, p. 85.

SIMÕES, João M. Santos – “Alguns Azulejos de Évora (continuação)”. In **Boletim A Cidade de Évora**. Nº 6. Ano II. Março, 1944.

VAREDA, Júlia Piedade de Sousa Rosa - **A Escultura como Símbolo nos Jardins do Silêncio 1850-1925: cemitérios do Alto de S. João e Prazeres**. Dissertação de Mestrado em História de Arte. ULL. Texto Policopiado, [s.n.]. Lisboa. 2001.

VAZ, Francisco António Lourenço – **O saque de Évora pelos franceses em 1808: Textos Históricos**. Caleidoscópio, Edição e Artes Gráficas, SA. Casal de Cambra, 2008.

Webgrafia

ALMEIDA, Fialho de – Estâncias d’Arte e de Saudade [em linha]. Biblioteca Digital do Alentejo. [Consult. 3 Out. 2010]. Disponível em WWW: <http://www.oed.pcn.net/hp_7.htm#13>.

BARATA, António Francisco – Beata de Évora [em linha]. In bdalentejo. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www.bdalentejo.net/pesquisa.html?p=A+Beata+de+%C9vora>>.

CABANAS, Ana; RICCI, Fábio – Turismo em Necrópole: Novos Caminhos Culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista [em linha]. In Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica. V.10. Nº 03. Set/ Dez., 2008. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/771>>.

CAMBRAIA, Junia Mortimer – Cidade de Cidades: Cemitério de Babel [em linha]. [Consult. 25 Jun. 2010]. Disponível em WWW: <www.arqchile.cl/cidade_cidades.htm>.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano – O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: um Percurso Histórico [em linha]. Revista Multidisciplinar da INIESP “Saber Académico”. N.º 6. 2008. [Consult. 3 Agost. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf>>.

FARGETTE-VISSIÈRE, Séverine – Os animados Cemitérios Medievais [em linha]. História Viva (Reportagem). [Consult. 10 Fev. 2010]. Disponível em WWW: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/os_animados_cemiterios_medievais.html>.

GARCIA, Valéria Eugênia – O Cotidiano na Separação entre Igreja e Cemitério, um exercício de Investigação Metodológica [em linha]. Universidade de S. Paulo. EESC. Departamento de Arquitectura e Urbanismo. Janeiro, 2006. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono_valeria_garcia.pdf>.

GRAÇA, Luís (2000) – Assistência Pública e Filantropismo Privado no Séc. XIX Public Assistance and Private Charity (Portugal, XIX Century) [em linha]. 2000. [Consult. 16 Fev. 2010]. Disponível em WWW: <www.ensp.unl.pt/lgraca/textos100.html>.

Os Cemitérios também Evoluem [em linha]. Artigo de jornal. Jornal Alto Madeira do dia 21/22 de Outubro de 2007. [Consult. 10 Fev. 2010]. Disponível em WWW: <www.gentedeopiniao.com/ler_noticias.php?codigo=26858>.

OSMAN, Samira Adel; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira – Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de S. Paulo [em linha]. Turiciência. I Congresso de Ciências Aplicadas al Turismo. Buenos Aires, Argentina. Setembro 2006. [Consult. 14 Fev. 2010]. Disponível em WWW: <http://www.lazer.eefd.ufrr.br/licere/pdf/licereV10N01_a6.pdf>.

PINTO, Paulo Renato Tot; LEITE, Pedro Queiroz – A Morte Piedosa: A ressacralização da Decoração Funerária no Cemitério de Piracicaba (décadas de 1930-1940) [em linha]. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional de Estudos

da Imagem, Universidade Estadual de Londrina – UEL, 12/14 de Maio de 2009. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/caderno_de_resumos_site.pdf>.

PIRES, Anna Sylvia; GARCIAS, Carlos Mello – São os Cemitérios a melhor solução para a Destinação dos Mortos? [em linha]. IV Encontro Nacional das Anppas, Brasília, 4/6 de Junho de 2008. [Consult. 4 Agost. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT14-442-156-20080509225125.pdf>>.

Portugal – Dicionário Histórico [em linha]. [Consult. 4 Agost. 2010]. Disponível em WWW: <www.arqnet.pt/dicionario/mariafonte.html>.

ROCHA, Daurélio Barbosa; FERREIRA, Osmar Mendes – Marcas Ambientais Resultantes pela Instalação de Tumulações [em linha]. Universidade Católica de Goiás. Departamento de Engenharia, Engenharia Ambiental. Goiânia, Junho 2008. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www.ucg.br/ucg/prope/cpgss/ArquivosUpload/36/file/MARCAS%20AMBIENTAI S%20RESULTANTES%20PELA%20INSTALA%C3%87%C3%83O%20DE%20TUMUL A%C3%87%C3%95ES.pdf>>.

SCHNEIDER, Sílvia Danielle; LAMB, Roberto Edgar – Cemitério Municipal de São José: Símbolos e Imagens Funerárias [em linha]. In Revista “História, imagem e narrativas”. Nº 8. Abril/2009. [Consult. 18 Out. 2010]. Disponível em WWW: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao8abril2009/cemit-saojose.pdf>>.